

8249



Raro

MEMORIA 8249 8248

DA DISPOSICAM DAS ARMAS CASTELHANAS,

que injustamente, inuadirão o

Reyno de Portugal, no

Anno de 1580.

Despertadora do valor Portugues, pera
não temer.

Da prudencia, & conselho, pera ordenar
o presente.

Da preuenção, & cautela, pera dispor
o futuro.



*OFFERECIDA AO EXCEL-
tissimo Principe, Dom Raymundo, Duque de
Aueiro, Duque de Torres Nouas, Marquez
de Monte mór, Conde de Penela, senhor
das Terras do Infantado, & Comẽ-
dador maior da Ordem de
San-Tiago.*

Por Fr. Manoel Homem, da Ordem dos Pregado-
res, Examinador por S. Magestade
das tres Ordens Militares.

Com Licença, EM LISBOA. Na Officina Craesbeckiana, Anno 1655.

MEMORIA
DA DISPOSIÇÃO
DAS ARMAS CASTELHANAS.

que instantemente, inabundante o
Reyno de Portugal, no
Anno de 180.

Despachada do valor Portuguez, para
não tener.

Da prudencia, & conselho, para ordenar
o presente.

Da plicença, & canella, para dispor
o futuro.

OFFERECIDA AO EXCEL-

lissimo Principe, Dom Ruywando, Duque de
Austria, Duque de Torres Novas, Marquês
de Monte mor, Conde de Penella, Senhor
das Terras do Infantado de Cor-

gado maior do Orden de

San-Pedro.

Por El. Manoel Homem, da Ordem dos Pregados
1.º Examinador por S. Magestade
das tres Ordens Militares.

Em Lisboa, no dia 1.º de Maio, anno 180.

Licença do Santo Officio.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro, que tem por titulo: *Memoria da disposição das Armas Castelhanas*, Autor o Padre Frey Manoel Homem; & depois de impresso, tornará ao Conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr; & sem ella, não correrá. Lisboa, 6. de Setembro, de 1655.

*Pedro da Silva de Faria. Francisco Cardoso de Torneo;
Diogo de Sousa. Pantaleão Rodriguez Pacheco.
Frey Pedro de Magalhães.*

Licença do Ordinario.

Pode-se imprimir. Lisboa, 10. de Setembro, de 1655.

O Bispo de Targã.

*Censura, & approvação do sapientissimo Doutor,
Manoel Delgado de Mattos.*

Vossa Magestade foi servido, mandarme reuer os discursos, que compos o Padre Frey Manoel Homem, da Ordem dos Pregadores, em que mostra o cuidado, que se deue têr, no apresto de poderosas Armadas, pera defen'ção, & augmento desta Real Coroa, recopilando o Autor as Chronicas dos nossos Reys, & erfinandonos mui-

tas doutrinas poliricas, tocantes a este particular. A obra não sò he louuauel pello assumpto, com que se emprendeo, & acerto, com que se escreue: mas tambem pella occasião, em que nos vemos, por nos faltar Armada naual, pera resistirmos às hostilidades maritimas, que podem soceder no tempo presente.

Continua o Autor esta empresa, com nos inculcar o porte, & fabrica das nossas naos, trazendos nos á memoria o Galeão São João, que na jornada de Tunes, que expugnou o Emperador Carlos V. (so corrido das armas de Portugal, governadas por Antonio de Saldanha, & Simão de Mello; & muito mais do valor, & presença do Infante Dom Luis, a cujo imperio, tudo o tocante a esta Coroa, estaua subordinado) grãgeou grande credito a nossa Monarchia. Porque defendendose os piratas, na Goleta, varonilmente; foi tal a carga das balas, & fogo, que deu o dito Galeão, que abaterão o orgulho, & fugirão, largando a praca, sem se atreuerem a esperar a dilacão de rendella.

Segue-se o ultimo discurso, em que o Autor, como letrado, & Theologo erudito, explica, com distincões, os casos, em que os rendidos no mar, se podem queimar licitamente. Forma de desesceracão, que os Hereges desta nossa idade, introduzirão, sem distincão algũa. Assim que me parece, que V. Magestade pode dar ao Autor a licença que pede.

Lisboa 25. de Setembro, de 1655.

Manoel Delgado de Matos.

Licença do Paço.

Que se possa imprimir este liuro, visto as licen-
ças do Santo Officio, & Ordinario, que offe-
rece; & depois de impresso tornará a esta meia, pera
se taixar, & sem isso não correrá. Lisboa 28. de Se-
tembro, de 1655.

Dom Pedro de Lancastre.

Casado.

Pacheco.

Carnalho.

Censura do Padre Mestre Frey Thomas Aranha.

Li com applicação & gosto este liuro, que se
intitula. *Memoria da disposição das Armas Casta-
lhanas*, Autor o muito Reuerendo Padre Fr. Ma-
noel Homem, Religioso da Ordem dos Pregado-
res, Examinador das Ordens Militares. E parece-me,
q em seu tão, se pode alistar na ladainha das muitas,
& qualificadas prouas, que temos da nossa justica,
contra Castella; porque vem a ser, como prodigio-
so effeito do nosso direito, & razão, o dar hum frade
tão prudentes arbitrios Militares, & saber falar de
guerra, & disposição das Armas, com tanta proprie-
dade, & concerto; em symbolo, & pronostico, de
que saberaõ menear estas, quando importar, até as
mulheres Portuguezas, & matar Castelhanos; re-
nouando exemplos, de que ainda hoje, em Castel-
la,

la, são iguaes o medo, & a memoria.

Tambem considero, que pera hũa causa tão iustificada, como a nossa, quer Deos, que se recolhaõ testemunhos, & abonos, *ex ore infantium*. Na expõsição do qual verso do Psalmista, diz aquelle grau-, & douto Expositor, Dõ Pedro de Figueroa (& outras de hum Rabino) *Magnam fundasti fortitudinem, de ore infantium, & lactentium: & voluisti laudari à Liberis, & Sacerdotibus*. E quãto menos he usado, escreverem frades da Milicia, tanto mayor será o temor, q̃ deue cõceber o inimigo: pois como disse Seneca: *Ex insoluto fit formido maior*.

Reconheço outrosi, em ser frade nosso o Autor, não sò presumpção, mas esperança certa, de que nosso Santissimo Pay, & Patriarcha S. Domingos, concorresse ao apoio, & conseruação desta Coroa, & Monarchia, nestes Principes, & senhores nossos, tantas vezes seus parentes; & a este fim, dispensou brios, pera esta curiosidade tão particular, & empresa, tão digna de louvor, a este Religioso, filho seu. E a outros, nas occasiões futuras, dará forças pera pelejarem, animosamente soldados, & sabiamente assistirem Capitaes; como já em Santarem foi feito Capitaõ, contra Castella, o nosso grande Frey Amaro Lopes, daquelle illustre pouo, que com razão se presa, de ser entã o primeiro, que acclamou defensor da patria, contra Castelhanos, aquelle Principe, em quẽ, todavia sem paixão, senão podião
negar

negar partes, & prēdas, que o fazião, por certo, dig-
no (nã da successão na Coroa) mas pello menos, de
muito melhor fortuna Neste liuro, & em seus diuer
sos, & politicos discursos, nã notei cousa contra a
Fè, ou bõs costumes, nã de q̃ haja de resultar perda
de credito ao habito, & Religião: pôto, q̃ conforme
nossas leis, deuemos cõ sũmo rigor, examinar sem-
pre. Pelloque, nã parece este liuro dignissimo da es-
tampa. Em S. Domingos de Lisboa, a 27. de Abril.
de 1655.

Fr. Thomas Aranha, Magister.

COm grande cuidado & attenção passei este li-
uro, q̃ fez o muito R. P. Fr. Manoel Homem,
Examinador das tres Ordēs Militares, o qual se inti-
tula: *Memoria da disposiçã das Armas Castellhanas. &c.*
A materia que trata, he bem q̃ se traga na memoria
de todos, & em especial daquelles, a quẽ toca dispor
as Portuguezas, pera rechaçar as Castellhanas, quã-
do a occasiã o pedir. Em breue diz o Autor muito,
& cõ grande erudiçã, & varia liçã, o q̃ fica sendo
de grande vtilidade; & atalhando o enfado de volu-
mes grandes, os quaes nunca se acabã de ler, nem
o q̃ nelles se trata, passa à memoria. Parece me mui-
to justo, que vossa Paternidade Muito Reuerenda, cõ-
ceda licença, pera que se imprima. Em S. Domingos
de Lisboa, 16. de Mayo, de 1655.

Fr. Domingos de Queirõs, Magister.

Licença

Licença do Padre Provincial.

Frey Dinys de Lancastro, Mestre em Sancta Theologia, Prior Provincial da Ordẽ dos Pregadores, nestes Reynos de Portugal. Vistas as informações dos Padres Mestres, a que commetemos o exame & approuação do liuro intitulado, *Memoria da disposição das Armas Castelhanas*, que compos o P. Fr. Manoel Homem:pella presente, & authoridade de nosso officio, lhe concedemos licença, pera que o possa imprimir, visto estar approuado pello Santo Officio, Ordinario, & Mesa do Paço. Dada neste nosso Conuento de S. Domingos de Lisboa, aos 12. de Nouembro de 1655.

Fr. Dinys de Lancastro Prior Provincial.

Visto estar conforme com o original, pode correr este liuro. Lisboa 25. de Janeiro, de 1656.

Pedro de Sylua de Faria.

Francisco Cardoso de Torneo.

Pantaleão Rodriguez Pacheco.

Fr. Pedro de Magalhães.

Luis Aluares da Rocha.

Taxaõ este liuro em dazentos reis em papel. Lisboa 19. de Janeiro, de 656.

Pinheiro.

Casado.

Pacheco.

Almeida.

Caruallo.

AO EXCELLENTISSIMO
Principe Dom Raymundo, Duque de
Aueiro, Duque de Torres Novas, Mar-
quez de Montemor, Conde de Penela,
Senhor das terras do Infantado,
Comendador maior da Ordẽ
E de Santiago.



OR grande acerto tenho, offe-
recer a V. Excellencia este Li-
uro, porque sendo o intento
daquelles, que querem sair a
publico, buscar o amparo, &
protecção dos Grandes, contra
os que por natureza (& tal vez sem sciencia, &
he o mais contingente) alperamente censurão
& condenão, não podia eu, pera conseguir este
fim, fazer melhor eleição, que buscar a V. Ex-
cellencia, não só por tantos Títulos, tantas ve-
zes Grande, mas por Principe sublime, por
reaes condições, & tão excellente, & alto na-
cimento.



He o assumpto destes meus desueos, & applicação, hũa Memoria da disposição das Armas Castelhanas, que injustamente inuadirão este Reyno, no Anno de mil, quinhentos, & oitenta; com intento de mostrar o em que elles acertarão, & fazer presente os nossos descertos, com que nos fogeitamos, facilitando o nosso descuido & negligencia. Estas noticias colhi de papeis antigos & verdadeiros, de que fiz esta Memoria, na qual se estampa ao natural, & representa ao certo a guerra injusta, que ha 75. annos, nos fez o inimigo Castelhana. Mostro nella, os passos & caminhos por onde nos buscarão, pera que se impedão; & finalo as portas, por que entrarão, pera que se fechem, & cerrem.

Não fora mã, antes boa, a preuêção de grossas muralhas pera Lisboa; mas impossibilitas a incerteza do tẽpo, & a grande despeza as difficultas. Os soldados pagos & satisfeitos, são a defensão do Reyno; mais segura: porque defendem & offendẽ. Assi o julgauão, & sentiaõ os antigos & valêres Portugueses, na India, dizendo ao grande Dom João de Castro, que
voltava

voltaua ven cedor de Dio (estranhando lhes ar-
ruinarem os muros de Goa, pera o receberem,
com bizarrria & grandeza) que as barbacans de
mais força, erão seus braços & espadas.

A falta, que em Portugal ouue naquelle ac-
cidente, foi o mau trato, que se deu a gente de
guerra. Este a deteu em suas casas, como affir-
ma Antomio Herrera, Author graue Espanhol,
que nelle assistio presente, no liuro 3. §. 12.

*Como los Regidores no pagauan, ni fauorecian al
pueblo, ni al negocio; hazia seles de mal, salir de
sus casas.* Dinheiro ha sem gente, mas sem elle,
não ha soldados. As pisadas, que esta Memo-
ria auia, hão de seguir os Castelhanos, obriga-
dos de hum successo experimentado, & felice;
que mais se obserua na guerra; porque os suc-
cessos prosperos passados, promettem iguaes
accidentes.

Aqui o conheceo o Capitão Claudio Ciuil
Alemão, inimigo do Imperio Romano, quando
vio os seus temerosos pella chegada de Quin-
tilio Cerial. Marchando com o seu exercito, o
tornou a compor, & formar, no mesmo lugar
& sitio, em que tinha alcançado hua grande vi-

Acção he esta, que não sò julgo por decēte, mas por precisa, & forçosa; porque a murmuração sempre faz tiro aos grandes, sem perdoar ao Illustre & famoso Pompeo, a quem notauão, coçar-se na cabeça, com hũ sò dedo, & de apertar com liga branca a ferida, que tinha em hũa perna. No primeiro, o notauão de demasiado, & descompuesto. No segundo, de caprichoso. Sendo hũa tal pessoa, que affirmão todos os Authores antigos, que não teue nunca Roma Principe, na guerra, mais valeroso, nem na paz, mais reportado, & prudente. Refero *Alciato, no Emblema 71*. São os Principes parecidos aos montes altos, & mais leuadas torres, emprego sempre dos furiosos ṽtos. Escreueo o Poeta.

Summa petit liuor, perflant altissima venti.
Necessario he logo, & forçoso, q̃ diga o que de V. Excell. se conhece, sem notta de adulação. Lōge fica desta, o assumpto, que se me offerce, pois o ministra a mesma natureza, q̃ costuma, trās fundir nos ramos, as calidades do trôco, & communicar aos filhos, & descendentes as illustres propriedades de seus progenitores.

Muito

Muito se empenhou Germanico, em persuadir a sua molher Agrippina, que deixando as inquietações, & sobressaltos do exercito, se retirasse à cidade de Treueris, aonde passaria, com menos perturbação, & mais descanso.

Persuadida a Princeza, que o marido presumia nella temor, lhe disse. Que desprezava todos os medos & receos, porq̃ descendia do real sangue de Augusto, & que não lhe faltava animo, & espirito pera passar todos os perigos da guerra, nem degenerava de seus gloriosos ascendentes. Assim o escreveu o sentencioso Chronista Tacito, falando de Germanico, & de Agrippa. *Diu cunctatus, aspernante uxore, cum se diuo Augusto ortam; neq̃ degenerem, ad pericula testaretur.*

Comprovada, & euidente fêta, Senhor, a maxima referida. São os filhos herdeiros das nobres condições de seus pays, & avós. Esta conclusão assentada, vasto & dilatado campo, se me offerencia, pera dizer muito de tantos, & tão grandiosos Principes: mas fora graue offensa, reduzi-las todas ao limitado de hũa Epistola, quando a cada hum delles, se deve hũa Chronica

nica muy grande. Com tudo, por não interró-
per o estylo, & fugir do que todos seguem, he
obrigação tocar de algum modo parte de suas
grandezas, por não parecer ingrato. Là disse o
Poeta, quando quiz engrandecer a Mecenas.
Mecenas attawis edite Regibus.

Destes naceo V. EX.^a que he a mais alta
ventura, como quinto netto do senhor D. Ior-
ge de Lancastro, Duque de Coimbra, Mestre
de São-Tiago, filho do Principe perfeito, o se-
nhor Rey D. João Segundo. Foi este Infante,
dotado de ricas prēdas, Pio, Magnanimo, Pru-
dente, Valeroso, & liberal. Propriedades, que se
inseparaueis do real sangue, mais perfeitas, &
illustradas, pella grande Ama que o criou, &
doutrinou, que foi a Santa Princesa D. Ioanna;
irmãa del Rey seu pay. De tres meses o recebeo
debaixo de sua edução & tutela, como ella
lhe affirmou (despedindose delle, quãdo mor-
ria) & cõ tâta affabilidade, & ternura, & cõ taes
palauras, que são o maior testemunho, de que
o amor (que causa mais nobre & apertado pa-
rentesco) o subio tanto & leuâtou, que de so-
brinho por sangue, o fez filho por adopção.

Assi escreue o Padre Vasconcellos, no Cõ-
pendio, em lingua Latina, das vidas dos Reys
de Portugal, & na desta santa Princeza, o que a-
partamos pera maior applicação.

Morria Religiosa, no reformado Mosteiro de
Iesus, da Ordẽ dos Pregadores, da villa de Auei-
ro, & tendo presente o Infante, lhe disse. *O fi-
lho meu, com todo o maior affecto de meu cora-
ção, vos encarrego & encõmando o cuidado, &
protecção deste Mosteiro em que viuo, & mór-
ro, & que sempre estimei, por sua reformação
& virtude, como a propria alma. E pera q̃ mais
vos obrigue, lembrai-vos sempre dos estremos de
amor, com que vos recebi, & criei, sendo tenra
criança de tres meses. Tende firme na memoria
que por vos trazer em meus braços, despresava
as galas mais preciosas, & ricas. Nos acciden-
tes varios de vossa educação & infancia, por vos
conferuar risonho, ou por acalentar choroso &
triste, sentia em mim taes estremos, que hũa
vezes, vos cantava com lagrimas, & outras, cõ
ellas vos diuertia. O motiuo das lagrimas, era
ver-vos queixoso & sentido; o do cantar alegre, o
gosto cõ que vos criava, pẽsava, & assistia. Esta*
mesla

mescla de effectos diuersos, obraua o grãde amor,
que vos tinha. Restituime penhores de tanto
preço, venerando, & assistindo a este mosteiro
(como se nelle houueres nacido) no amor & esti-
mação. Reconheceo por vossa patria, & como tal
o defendei, com vossa grandeza, & fauorecei cõ
vossa liberalidade. E a Deos, que vos guarde, &
prosperere.

Ventura grande foi do Infante ter em lu-
gar de mãy, Aya, & Mestre hũa Princesa san-
cta, que muito se acõmoda, & com grãde fun-
damento se appropria, o nome de Mestre ao de
Pay, como affirma Petrarcha, no 1. liuro, Dialo-
go 96. *Nomen Patris congruit Magistro*. E cõ
razão grandíssima; porque o ensino & a dou-
trina, he hũ nobre modo de gerar, & dar prin-
cipio & ser: & assi como os pays, pella via da
geração, cõmunicação aos filhos o ser, os acci-
dentes, & as condições de preço; assi o bõ me-
stre, transfunde no discipulo, nouo saber, co-
nhecimento, & noticia, que he hũa perfeita, &
sublime geração.

Com este intento escreue Plutarcho a seu
discipulo Trajano, na occasião que o elegerão
Empe-

Emperador, hũa discreta carta, dandolhe o parabem da mayor grandeza. *Gratulor fortuna mea, si te recte gesseris; alioquin me detrahensum linguis subiectum non dubito: cum & ignauiam Imperatorũ Roma non ferat, & sermo publicus, delicta discipulorum refundere soleat, in praeceptores.* Graças a minha fortuna (diz este grande Philosopho) se gouernardes bem; & se mal, eu hei de leuar a negra, & sobre mim hão de cair as maldições; porque Roma, se não sofre Principes descuidados, conhece muito bem, que as culpas, & delictos dos discipulos, procedem da má vida, & doutrina dos mestres.

Digo em summa. Quem quizer conhecer as regias propriedades do Infante Dom Iorge, & suas grandes virtudes, lembrese; que quem o criou, quem tenepor Aya & Mestre, não foi menos, que hũa Princesa tão santa (entre as calidades que lhe communicou, forão virtude, & valor, pello que mostrou contradizendo casar, & ser senhora de hum Reyno) adornada de tantas graças diuinas, que se tem por milagrosa, não só na vida, mas na morte. Grandemente o certeficarão, as arvores, as flores, & as boni

nas do jardim daquelle Mosteiro, murchãdofe
& secandofe todas de repente ao tempo, que
por ellas passaua, aquelle casto, & santo corpo
pera o sepulcro. Marauilha admirauel, sabida
de todos os que lerão, & de nouo referida, pel-
lo *Padre Antonio de Vasconcellos, na vida de-*
sta gloriosa Princeza. fol. 257.

Filho do Infante Dom Iorge foi o Duque
Dom Ioão, nome que tomou, por immittar o
Auô, o senhor Rey Dõ Ioão II. Foi este Prin-
cipe vniuersal herdeiro do Infante seu pay, na
gradeza, & na virtude; muito temente a Deos,
muito pio, muito Christão, charitativo sobre-
modo, & particularmente, grande venerador
dos Sacerdotes, Religiosos, & cousas sagradas.
Estas excellências acompanhou, com hum ju-
zo, & discrição muito grande, & com tão va-
leroso animo, que resoluta a Rainha Dona Ca-
therina a se tornar a Castella, despois de viuua,
& deixar o gouerno, & o Reyno; calandofe
muitos, dissimulando outros; só quem a resi-
stio, & contradisse varonilmente, foi o Duque,
& com tanta liberdade, que dizendo a Rainha
determinadamente, que se hauia de ir, o Duque

Ihe respondeo, com seu grande animo. *Não se irá V. Alieza, porque o impedirei eu.* Mudou a Rainha de parecer; que pode muito hum Principe zeloso, que sò respeita o bem cômum.

Bem merecido foi do Duque o respeito q̃ a Rainha lhe guardou. Deuia de estar lembrada, & reconhecida da grandeza, com que fo i buscar à Raya do Reyno, a Princesa Dona Ioãna, filha do Emperador Carlos V. & sobrinha da Rainha Dona Catherina, & sua nora; que vinha a ser molher do Principe Dõ Ioão. Foi o Duque a buscala & recebella, como Embaixador, com tanto esplendor, & grandeza; que em breues dias, chegou a Eluas, cõ mais de 500. de caualllo, criados, & vassallos seus, vestidos todos ricamente, com as cores do Duque, roixo, amarelo, & branco. Assi mais de 80. Alabarceiros de sua goarda; preeminencia tão antiga nesta Real Casa, que passa de cem annos de posse, principiada por merce & graça dos senhores Reys seus Auós; & com mais de cento & fincoenta Azemalas, com ricos reposteiros bordados, em que hia a sua recamera, & com grande multidão de gente de pé, que bem mostraua

traua grande potencia de hum Rey, que mandaua a taes vassallos. Instaua o Duque de Escalona, que a Noiua se entregasse ao modo de Castella, preualeceo o Duque de Aueiro contra o parecer Castelhana, que a entrega se fizesse ao vso de Portugal. Gloria foi grãde do Rey. no acção tão honrada, & generosa. Sempre iguais competencias forão perigosas. Muitos competirão, mas poucos saberão vencer.

Seu grande estado ficou nas mãos de seu filho o Duque Dom Iorge o 2. que em nada degenerou de tão illustres ascendentes. Todos o confessaõ, ninguem o contradiz. Hũa sò cousa direi deste Principe, que foi exemplo da fidelidade do Rey; & do mayor valor. Aduirtio muitas vezes, com sua grande prudencia, ao senhor Rey Dom Sebastião, o risco da jornada de Africa, mostrãdo sua inconueniencia, com razões viuas, & efficazes. Não obrarão, porque os nossos bons discursos, não preualecem contra os decretos do Ceo. *Sic erat infatis*. Poucos dias antes da infelice batalha, lhe fez a vltima aduertencia, estymulãdo o nossa ruina total, quando já se conhecia mais proxima, & vi-

sinha,

finha, dizendolhe, que aceitasse os partidos do Mouro, que erão grandes & honrosos; & que mayor gloria era render o inimigo, cõ a espada na bainha, que na mão; que não arriscasse sua Real pessoa, & hum Reyno.

Podera tão prudente conselho obrar muito, mas ElRey tinha os olhos fechados pera seu bem. Respondeolhe (arguindoo de temor, sendo valor conhecido): Duque, se não quereis pelejar, embarcaiuos. (Sempre a temeridade desprezou a prudencia.) Tornou o Duque dizendo. Senhor, nem eu, nem aquelles donde venho, se embarcaraõ nunca, se não em seruiço de V. Alteza: mas espero mostrar cedo a V. Alteza por obras, se me hei de embarcar, & o zelo da verdade que lhe deuo falar.

Na mayor força da batalha encõtrandose com ElRey, todo cuberto de sangue, com a espada apertada na mão, lhe disse. Veja V. Alteza, se sou eu homem, que me embarco. Assim creue *Miguel Leitão de Andrada, no Dialogo 7. folhas 189.* Foi o Duque excellente Principe (diz o mesmo Author) & esforçado Cavalleiro, entendido, ayroso, discreto, & engraçado, & não

& não sei se muito enuejado, por tantas, & tão
excellentes prendas. Na occasião da batalha,
lhe virão fazer feitos admiraveis, dando muitas
mortes desesperadas; porque durou muito es-
paço viuo. Assim testemunha Andrada.

Deixou este Principe esclarecido por vni-
uersal herdeira de sua grande casa, a Excellen-
tissima senhora Dona Iuliana, sua filha vnica, &
em tudo verdadeiramente vnica, Princeza de ra-
ras virtudes; na fermosura Rachel, na fecundi-
dade Lia, no juizo & governo Debora, & no
valor Iudith. Duas sublimes calidades, entre as
mais, particularisaõ suas, aquelles, que a trata-
rão & servirão, estas forão. Hũa grãde piedade
com Deos, & hum ardentissimo zelo do bem
da Patria. A primeira, lhe conhecião na conti-
nua & larga liberalidade, com que acodia às
pessoas Religiosas, & aos pobres, & com tanto
estremo, que parece entenderse por ella, com
toda a propriedade, aquelle grãde louuor, que
o Espirito Santo, no cap. 31. dos Prouerbios,
dá à matrona illustre, forte, & perfeita. *Ma-
num suam aperuit inopi, & palmas suas exten-
dit, ad pauperem.* Hũas vezes occulta, & as ef-
condidas

A QUEM LER.



Ambem (Benueelo Leitor) os ameaçados comem pão, & nã sempre se lograõ os intentos da vingança. Hãa vez se empenhou o Emperador Carlos V. tanto contra Francisco Rey de França, que, com indignaçã grande, prometeo, que lhe hauria de tomar o Reyno. Soubeo o Frances, & disse. Não prometta Carlos, o que não pode cumprir; que pera tirar hum homem morto de sua casa, as vezes não bastão dous; quanto mais hum viuo, com a espada na mão, defendendo sua vida, a mulher, filhas, fazenda, & a liberdade.

Se o inimigo nos bulcar, lembremonos, que he obrigação da alma, & da honra defender os penhores referidos. Costumado estã vir a Portugal com as mãos nas barbas, mas voltar com ellas na cabeça. Nesta Memoria se mostra por onde nos sogearã, que foi falta de vniaõ nos animos, & nas vontades. Conheçamos, que os lanços de clemencia, que com os Cathalaes vsaraõ, são tiros fraudulentos, que nos fazem, & preuia disposiçaõ de seus enganos. E se no infauito Anno, de 1580. tão cruelmente nos trataraõ, sem termos sombra de culpa (antes obrigação precisa de sustentar nosso direito, & liberdade) hoje, que nos publicã traydores rebellados (mas dizem mal) que mortes? que violen-

333 3335
cias? que destruições? que tyrannias não exutaraõ
nos Portuguezes? Abrir os olhos importa, & a vnião
de todos, que com ella se conseruaõ os Imperios; &
sem ella, tudo perece, & arruina, diz a Verdade
Eterna. *Omne Regnum in se diuisum desolabitur, &c.*

O zelo, & natural affecto da conseruação de nos-
sa liberdade, nos obrigaõ fazermos nestes escritos,
presente o cuidado, com que este inimigo nos bus-
cou da outra vez, & o nosso grande descuido, com q̃
nos deixamos achar, sem nos armar, & defender. E
se entaõ a ambição & cobiça de hũa herança mal
entendida, o fez vir contra Portugal, taõ apostado;
hoje, que o arguem, & acriminaõ (mas falsamente)
com especie de treição, & esbulho; quem pode du-
vidar, que lãce maõ das armas, com mayor indigna-
ção & furia? O escudo, & o reparo della, he toda a
necessaria fortificação, assi na terra, como no mar.
Esta segunda, que nos falta, deue effectiuamente
obrar a lembrança das Armadas continuas deste
Reyno, as quaes a este fim numeramos. Esperando,
que possa mais, comnosco a necessidade, & aperto,
pera as refazer: do q̃ pode com os nossos Portu-
gueses antigos a conueniencia, & opiniaõ, pera as con-
seruar. Aduirtimos o conueniente, & necessario, pe-
ra q̃ se obre: & se no arbitrar ouuer erro, esperamos,
que o faça venial, o fiel animo, cõ que escreuemos.

INTRODUCC, A M APOLOCETICA
Sobre o Argumento deste Liuro.

N Aõ nos passa por alto, que muitos repararaõ em hũ Religioso escreuer materias de guerra, raõ alheas de sua profissãõ, o que parece cõdena o prouerbio vulgar, & sabido, q̃ diz. O que naõ exprimentares, naõ cudes que o sabes. Celebrada he a sentença de Plataõ, que diz. *Indolio, figurarem artem discere.* A qual postoque tem varias explicações & sentidos, a que nos serue ao intento he o de Dicæarello. *Vnumquemque artificem, in suis negotijs exerceri oportere.* Cada hum trate do seu officio.

Refere Atheneo, que quis disputar hum carpenteiro, sobre a arte de ranger, com Estratonico, excellente tangedor de cythara, & viola. Este vendo sua insciencia, & ignorancia, lhe disse discretamente. Amigo, naõ vez, que falas fora do teu martello? *Non sentis, inquit, te ultra malleum loqui?* Com razãõ o notaua de nescio; porque professando a carpentaria somente, queria falar, & dar seu voto em materia de musica, & de viola. Vltimamente parece, que nos condena o nosso mayor Poeta, quando diz.

*De Phormião Philosopho elegante,
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das Artes Bellicas diante
delle; com larga vos tratava, & lia.*

Não he logo conueniente; que quem por vida
he frade, seja soldado por pena.

Responde-se ás objecções.

R Espondendo a estas objecções, dizemos a primeira, que se deue muito considerar a occasião, & o tempo em que escreuemos, q he de guerra, & mais guerra; quando o inimigo nos pode inquietar, com intento de nos render, sogear, & destruir. E se neste accidente, he licito, & forçoso, que os Sacerdotes, & os Religiosos, lancem mão das armas, que he mais; porque não será licito, & conueniente tomar a pena, que he menos?

*Hum Sacerdote vem brandindo a espada,
Contra Arronches, que toma por vingança;
De Leiria; que dantes foi tomada;
Por quem por Masamede enresta a lança
He Theotonio Prior, &c.*

Religioso, & Sacerdote santo, foi Theotonio, Prior do Real Conuento de Santa Cruz de Coimbra. Muitos inimigos matou na tomada de Arronches, Torres nouas, & outros lugares. Em taes tempos, melhor parece nas mãos sagradas à espada, que o liuro de deução; porque não só na necessidade extrema, mas ainda na que for graue, por defensão da patria, não só podem, mas deuem os Sacerdotes pelejar

pelejar na guerra defensiva, licitamente, sem peccado, & sem dispensação do Summo Pontifice.

Assi o ensinaõ os Doutores, & particularmente os Discipulos de Santo Thomas, na 22. questão 40. artigo 2. O Cardeal Cayetano, neste lugar. Sylvestre, na *palastra Bellum* 3. num 3. O Mestre Bañes, dubio 3. *conclusiones* 1. & os mais cõmumente. São Rosendo Portugues, Bispo de Dume, Mondonhedo, & Compostella, presidindo em Portugal, na puericia de Rey D. Ramito III. governou as armas na grãde inuasão dos Normandos, pelejando contra elles, sendo Santo, & depois Canonizado, por Celestino III. O santo Varão Matheus, Bispo de Lisboa, na tomada de Alcacere do Sal, no anno de 1217. Refereo *Faria, par. 3. cap. 4. & par. 2. cap. 8.*

Os santos Padres, & Doutores da Igreja sendo Sacerdotes, & sem professarem a Milicia, em mil partes falaõ, & escreuem della; & com tanta miudeza, & particularidade, que o Padre S. Ieronymo, nomea todas as armas de hum soldado, armãdoo, & vestindoo com ellas; como se ve, no *tomo 6. sobre o Propheta Amos, cap. 1.* Mostra suas faltas & defeitos, cap. 3. singularizãdo as mãs cõdições, de muitos; instruindoos nas boas, que os fazem fortes & valentes. Na carta, que escreue a Pamachio, faz hũa lista de todos os nomes, & officios militares, como lemos, no *tomo 1.* E na carta a Exuperancio, trata mais deste particular,

cular, & em outros muitos.

Assi os sanctissimos Varoẽs Bispos, & Frades, S. Agostinho, S. Gregorio, Sãto Thomas, no seu liuro, *de Regimine Principum*, & em outros lugares. Cõ mais extenção o P. S. Bernardo, escreuẽdo hũa carta, que contem treze Capitulos sobre a guerra, à petição de Hugo, Grão Mestre dos Templarios, incitãdoos, & exhortandoos a ella, ao valor, animo, & esforço. E no prologo desta carta, diz estas palauras, que referimos, por serẽ abonação grande do nosso assumpto, & são as seguintes que se achão, na 1. tomo, *Ad Milites Templi. fol. 191. no prologo.*

Assi elcreue o santo, Religioso, & Sacerdote. *Pexisti à me. Hugo charissime, ut tibi, cuiusq; comilitonibus scriberem exhortationis sermonem. Et aduersus hostilem tyrannidem; quia lanceam non liceret, stylum vibrarem. Asserens vobis, non paruum fore adiutorij; si quos armis non possum, literis animarem.*

Em nosso vulgar quer dizer. Pedistesme (Hugo charissimo) que a vos, & a vossos cõpanheiros solidados, escreuesse hũa carta, que seruisse de exhortação & animo, pera cõ valor soffrerdes os impetos, & inuasões dos tyrannos inimigos, que vos cercaõ, cõ quem tẽdes guerra viua, & continua. E postoque eu não posso acõpanharuos cõ a lança, pera os ferir; justo parece, que vos anime, & esforce, cõ as razoẽs, & com a pena: afirmandouos, que se as armas podem

muito

muito; os discursos (que persuadem valor) não podem pouco. Assim escreve o Santo, animando aos Religiosos Templarios, discorrendo nos casos militares, com tanta propriedade, como se fora soldado, como cada hum delles.

Orosio Bispo Espanhol, escreveo tambem da guerra. Assim S. Paulino, Bispo de Nola, em tempo de Theodosio Emperador. Refereo Gennadio, no Catalogo dos Varoẽs illustres, que escreueram diferentes liuros, & tratados, como vemos no 1. tomo de S. Ieronymo. Os Philosophos, & Authores gentios, & profanos, professores das humanas letras, tambem escreueram, com grande erudição da Milicia, entendendoa, sem a praticarem, como foram os seguintes.

Aristotiles, no 4. liuro da Politica, & no 4. liuro dos Problemas. Plinio, no liuro 7. da natural historia. Herodoto, liuro 4. Xenofonte, liuro 6. Platão, no liuro da Republica. Polybio, liuro 3. & 9. Vanucio, liuro ultimo. Apiano, na historia de Africa. Polieno, liuro 3. dos Estratagemas. Plutarcho, na vida de Calba. Dos modernos, Pedro Vitorio, nos liuros de varia lição, fol. 129. e. 136. Pedro Crinito, liuro 9. Da honesta disciplina, e. 2. Vuchero, no liuro dos Secretos fol. 364. Polibio Canalcante, o Cardeal Polo. Brancacio Ferrei, Patrio, Tortalla, & outros, q̃ allega, & cita Christoual Snares. Figueroa, na Placa vniuersal das sciẽcias, & artes, discurso 80.

Côsta do que deixamos escrito, que os Doutores sagrados, & Mestres santos, Religiosos, & Sacerdo-

tes, escreueraõ, cõ grande erudição da Arte militar, que não exercitaraõ. O mesmo obraraõ os maiores Philosophos. Assi tantos homẽs doutos, & scientes, nas humanidades. Assi, os Authores modernos Catholicos, que não ptofessaraõ a Milicia. Mal se pode logo notar, que hum Religioso escreua della.

Nem obsta : que a profissão differente, impede comprehender as Artes com propriedade; porque o estudo, applicação, & o entendimento, dotou Deos cõ tal excellência, que não sendo grosseiro, pode alcançar, cõ a especulação; o que outros cõprehendẽ, cõ o exercicio, & cõ a practica. A esta, não negamos hũ saber extensiuo: mas tambem a hũ bom discurso, não se pode negar o intensiuo, proprio, & formal. Assi o confessa o Poeta.

Que postoque em scientes muito cabe;

Mais em particular o experto sabe.

Comprouado taõ largamente, & cõ tanta euidência o nosso intêto, não queremos passar em silencio hũa grande cõtradição, que os que se prezão de politicos (& são mais rigurosos os que menos sabem) fazem aos Religiosos, quando os ouuem praticar em materias de Estado, & em outras differentes, & diuerfas. E logo dizem: Quem mete ao Padre falar no q não sabe? E tal vez, de lataõ cõ outros disparates.

A estes, que rigurosamente nos censurão, achais algũas vezes, disputando sobre os Mysterios mais al-

tos, & segredos mais sublimes da sagrada Theologia, & da concordia do liure Aluidrio, cõ a efficacia da Graça; & sobre a infallibilidade da Predestinação eterna; & sobre outros pōtos, & difficuldades, q̃ dāo muito q̃ fazer aos Theologos, pera os entender, ainda cõ grande estudo, & applicação; porque exceedem a natural virtude do juizo humano.

Pareceme, que com razão se pode dizer a hũ destes. Amigo, quem vos fez Theologo, se nunca estudastes? E se me condenais a mim, por falar na vossa Politica; como não quereis, que vos note, de falardes na minha Theologia? Sendo que esta sciencia, he a mais leuātada, & sublime que todas, & a vossa Politica, & Arte Militar, he hũ sciuel, & hũa Arte muito inferior & practica; & tendes della tão pouca noticia, que nem diffinilla sabeis.

Muitos tempos ha, que o Mundo anda as aueffas; porque vos marcāo pella capa: *Los hombres queremos ver; que los paños son de lana.* Muitas vezes se vè, & exprimenta, que nesta materia são mais r'guosos censuradores, aquelles que menos alcançāo, como poderamos cōprovar cõ muitos successos, sò deus quere-mos referir. Hum destes muito presumido de Ministro, foi ha poucos annos a bordo de hũ famoso Galeão, que era a Capitanea Real da Armada, & entrando no Conuè, perguntou aos presentes assi. Por onde vão aqui pera a poupa? Mostrou-lhe o caminho,

nho, que não he tão embaraçado & confuso, como os bequos de Alfama.

Quasi pellos mesmos annos, disparandose hũa peça de grossa Artilharia da poupa de hũa nao da India, quando lançaua ferro neste rio, arre-bentou, & leuou parte da varanda, matando hũa escraua, & ferindo muita gente. Disputouse, qual seria a causa de arrebentar, & resolueuse, que fora o cartuxo, & que não podia ser outra. Disse, muito espantado, certa pessoa graue. Não se pode senhores soffrer frades, que em tudo se querẽ meter, sem experiencia, & tudo danão, como este frade Cartuxo, que fez arrebentar a bombardas. Os circumstantes festejarão o dito, ou zōbarão da needade. Não sabia este mestre, que se chama cartuxo a carga de poluora das peças de artilharia, que se mete nellas em hũa manga, ou saquitel de pano cosido, ou em pergaminho; & se este estã de muito tempo na bombardas, ganha muita ferrugem, & arrebenta. Este tal cartuxo de poluora, fazia frade de São Bruno este fidalgo,

Os que se achão com estas noticias, & com esta sciencia, como fingem espada, & forão hũa vez às fronteiras, logo se dão por doutores graduados na faculdade, ou Arte da Milicia, & de presumidos estrangeiros & notão, que os Religiosos dem nella seu parecer & voto; sendo que este se permite, ou pellos quousistes,

ouuistes, ou pello que lestes. A guerra viuã, vese ou na campanha, ou no liuro, escrita & debuxada. Nunca logo, poderá com razão notar-se, que hum Religioso vote, & diga seu parecer nas materias da Milicia: porque se esta lição insina os soldados, valendose dos exemplos escritos, pera dispôr a guerra melhor; porque não aprenderá della o Religioso, o que baste pera falar a proposito? Sem fundamento nos condenão logo.

O que podemos affirmar he, que ha entre os Religiosos fogeitos muito capazes, & que alguns dos antigos Reys de Portugal, pello entenderem assim, os tinhaõ em seus Cõselhos, como na Chronica da Ordẽ dos Pregadores, affirma o Padre Fr. Luis de Sousa. O entendimento he Dom de Deos, & não dos pays. Este he hũ fino diamante, pulido, & laurado, com o estudar, & com o saber, cõ o exercicio, & com a experiencia.

Bem pode logo, o q̃ não for bruto, & material, falar nas materias, & escreuelas: porq̃ se as não experimentou, entendeas, penetràs, & cõprehendeas. Assi se vereficou, no illustriſſimo senhor Bispo, Dõ Fernão Martim Mascarenhas, Inquisidor Geral, que Deos tem, cujo voto nas materias da Milicia, era o mais accertado & prudente, pello testemunho dos assistentes, sendo por vida Sacerdote, & Bispo sagrado, & por faculdade Theologo.

Concluímos este discurso com hũa justificada
descarga, & evidente disculpa, que o sentencioso
Petrarcha dà àquelles, que escreuem sobre assum-
ptos & objectos diuersos de seu instituto, & occu-
pação. *Si poteris profuturus, nihil satius: si tibi nomen
quæsiturus, nihil vanius.* Assim moraliza, no Dialogo 44.
do I. liuro de Remedys. Se escreueis pera utilidade, &
bem dos outros, não ha emprego melhor; se pera
ganhar nome & fama, não ha cousa mais vã.

Esta Memoria fazemos pera bem de todos, que
he nossa defensão & conseruação: & com este fim
faimos a publico, aonde cada hum censure como
quizer. Escreuemos pera lembrar, & pera aduertir,
& não pera presumir, & pera insinuar. Quem inten-
tar contradicção, justifique a censura, cõ escritos pu-
blicos, & não com argumentos vocaes, feitos nas
encruzilhadas: diz o Padre São Ieronymo, no 2. tomo, *Ad
Domnionem*, como se vê nestas palautas. *Scriptis ostēdat
obrectator quid possit: non est grande, in criminis, quem vis
obstrepere.*

Aduertencias a quem ler.

Por inaduertencia se duplicou na estampa de-
ste liuro o numero do cap. 23. mas não o assumpto.
Deue-se mais aduertir, q̃ posto q̃ os cap. 19. ate 21. por
razão da materia pertêcião, & se deuião colocar an-
tes do cap. 26. comtudo, por razão da contextura, &
do discurso, também se podê predicamentar, no lugar
em que os pos, & lançou a impressão.

MEMORIA DA DISPOSICAM DAS ARMAS CASTE- lhanas, que injustamête inuadirão o Reyno de Portugal, no anno de 1580.

CAPITVLO I.

Do argumento deste Tratado.



Empre em materias & contingencias semelhantes, forão muito efficales, & poderosos os exemplares, & successos, & particularmête nas occasiões, & conflicts da guerra; & por este respeito vemos, & lemos nos liuros & memorias antigas & modernas, valeremse os grandes Capitaes das mesmas traças, & exemplos, com que se conseguirão grandes, & famosas victorias. Muitos calos se poderão repetir; mäs porque são mui sabidos, nos abtemos de os recontar. Sò hum se referirã, que por ser proprio & de casa, fica sendo mais

persuasivo, & concludente. Certificação as nossas Chronicas, que estando o nosso poderoso, & glorioso Rey Dom Affonso Henriques nos memoraueis câpos de Ourique, turbado, mas não medroso, de com a pequena, mas forte multidão dos Portuguezes (não forão mais que quinze mil, contra hum milhão, & mais de infieis; como referem todos os Authores, a quem segue Sousa, no Epitome das historias Portuguezas, p.3. cap.2.) poder alcançar triumpho, & milagroso vencimento, posse em oração, pedindo a Deos ajuda de sua poderosa, & vencedora mão. Abrio a Sagrada Escritura pera buscar algum exemplar & semelhante, de que colhesse documentos, pera aquella mais perigosa batalha campal. Por ordem do Ceo (como em felice, & prospero pronostico) topou com o liuro dos Iuizes, & no cap. 6. & 7. achou a gloriosa victoria de Gedeão, que sò com tresentos soldados, destruiu & derrotou hũa tão grande multidão de Madianitas, que diz o diuino Texto, que igualaua em numero as areas do mar; comparação hyperbolica, significatiua da immensidade infinita dos inimigos.

Achou neste bellico recontro grandes documentos & exemplares, meynos, & preparações pera a mais famosa, & illustre victoria, que o mundo viu. Estes repetiremos, pera cõfirmação do assumpto.

pto. A gente alistada por Gedeão, erão triota & dous mil homens. Antes, lhe mandou Deos, que de noite destruisse os Altares profanos, & sacrilegos do falso Idolo Baal, a quem aquelles cegos Gentios attribuião deidade, & offerecião religioso culto, sô deuvido ao verdadeiro Deos. Significauão estes altares, & idolatras adorações os peccados, que he necessario primeiro destruillos, & abrafallos aquelles, que quizerem sair com as palmas vencedoras, mediante a confissão verdadeira, & ferueirosa, & deuota comunhão. Disse mais Deos a Gedeão, que despedisse do exercito aquelles, que estivessem temerosos: porque queria, que o vencimento, não se attribuisse a tanto poder humano, se não sòmente ao diuino. Com esta licença, se retirarão a suas casas vinte & dous mil homens, que sempre a confraria do medo teue muitos confrades: ficarão dez mil alentados, & animosos.

Com estes marchou Gedeão, & chegando a hum rio encalmados, & sequiosos, lhe aduirtio Deos, que despedisse os soldados, que bebessem lançados de bruços, & que se ficasse com aquelles, que tomassem a agoa com a mão. Obseruou o General o diuino mandado, & com grande aduertencia alcançou, que de todo o corpo da gente, nove mil & setecentos se debruçarão a beber; & ós trezentos erguidos, matarão a cedecô a mão. Ficou se

Gedeão com os tresentos; mandalhe Deos, que de noite acõmetta a Madião. Ordena que todos leuem fogo, & alampadas acesas, metidas em panellas tapadas & cubertas. Reparte os tresentos em tres batalhoes, & todos com suas trombetas, aduirtindoos, que tanto, que elles ouuisssem tocar a sua, quebrassem as panellas, & ficassem com as luzes nas mãos esquerdas, & as trombetas nas direitas, & as tocassem fortemente, & inuestissem o campo inimigo por tres partes. Executarãose as ordens, derão nos Madianitas no quarto da madorra, que he o da meya noite; & destruindoos quasi todos (forão os mortos sem numero) appellidarão victoria, & cõ ella se ficarão. Não vencem sempre os mais, muitas vezes vencem os menos, se vão armados com Deos, com a razão, & com a justificada causa, qual he a nossa por tantos titulos contra Castella. Nas representações & copia desta batalha, meditaua o Santo Rey Dom Affonso Henriques, aprendendo dellas experiencias certas pera os casos, & accidentes da guerra; & concebendo de Deos grandes cõfianças pera atropellar, & render os inimigos de seu santissimo Nome.

Pede a razão, & ensina a prudencia, persuade o bom juizo preuenções, pera o que pode acontecer em dano de hum Reyno, & de hũa Monarchia; & por esta causa, he symbolo do Principe cuidadoso,

fo, & vigilante o Delfim enroscado, & enolto em
 hũa anchora. Alciato nolo offerece, no Emblema
 143. & com muita propriedade; porque este peixe,
 por natural instincto, anteué, & conhece as tor-
 mentas, tempestades, & alterações do mar; como
 affirma Plinio, no liuro 18. & moralizando Alciato
 o seu Emblema, diz, que he hum perfeito retrato,
 & dechado de hum Rey, que com todas as forças,
 & applicação se emprega, & procura impedir, &
 obuiar todos os accidentes, & acontecimentos, que
 podem turbar o Reyno, & offender seus vassallos.
Sic debet studere Princeps, ne Respublica turbeatur.

Este estudo he precisamente necessario neste
 tempo, em que o inimigo Castelhana, descansando
 em Catalunha, pode voltar suas armas a inquietar,
 & cançar a Portugal; & conclusão he prouauel, se
 não certa, que na inuasaõ d'elle, siga os mesmos di-
 ctames, & eleja os mesmos meynos, de que outra
 vez se aproueitou, com que consiguio o imperio
 Portugues, impondonos hũa dura seruidão, bem
 merecida pellos peccados de Portugal, que forão:
 injustiça, cobiça, soberba, odios, inimizades, &
 diuisões. Dispõs a conquista (como elles falsamen-
 te chamão, & dizem) deste Reyno na forma, que
 logo diremos, pera que ella entendida, seja a nossa
 preuenção a que conuê, & a que melhor o pode re-
 chaçar de nossas fronteiras; das quais ha de querer

a Diuina Clemência, fuja, & se retire derrotado, corrido, & confuso, como Camoës, em tempo de outro Rey Dom Ioão, nos declara em seus versos, liu. 4. octaua 44.

*As costas dão, & as vidas: já fallece
O furor, & sobejão as lançadas.
Iá de Castella Rey desbarratado
Se vê, & de seu proposito mudado.*

E na octaua seguinte, mostra as causas de sua grande pena, & dor.

*Encobrem no profundo peito a dor:
Da morte, & da fazenda despendida;
Da magoa, da deshonra, & triste nojo,
De ver outrem triumphar de seu despojo.*

Poucos são os Portuguezes. Muitos são os Castelhanos: mas com esta differença; que elles, são vassallos, & nos filhos; & sempre estes pella defensão do Rey, & da patria, apertarão melhor a espada na mão, como antigamente disse a Rainha de Castella a El Rey D. Fernando o Catholico seu marido.

C A P. II.

Da ordem, & disposição das armas Castelhanas.

AO Conde de Lemos se ordenou, que por Galliza entrasse em Portugal, com o seu exercito, accommettendo os lugares do Minho, que he a raya, que diuide Portugal de Castella; & que entrasse com toda a sua gente, & cõ os vassallos do Bispo de Tuy, Dõ Garcia Sarmiento, Dom Fernando de Monte Negro, Dona Theresia de Soto Mayor, & outros particulares; & que procurasse tomar hũa Ilha, que estã na boca do rio Minho, aonde ha hum conuento de Frades Capuchos, pera assim ganhar a boca delle, que he naucauel algũas legoas.

Ao Conde de Monte Rey, se encarregou toda a terra, que corre do Minho, atê a raya do Reyno de Leão, pera que elle com a sua gente, & a do Marques de Viana, Vassallos do Bispo de Orense, & do Mosteiro de Cella noua, & o da Ordem de São Ioão: Aluaro Doca, Dom Ioão Sarmiento & outros, acometessem as fronteiras visinhas de Portugal.

Ao Conde de Benaute se encõmendou, que

com toda a gente de suas terras, & das del Rey, que confinão com Portugal; inuestisse por aquella parte, que confinava com o seu districto.

Ao Conde de Alua de Lize, se mandou, que com os seus vassallos, & dos Marquizes de Alcanises, Tauora, & a gente de Camora, & Toro, apertasse as terras de Portugal, por aquelle lugar, que lhe tocava.

Ao Marques de Cerraluo, se deu instrucção, pera que com os seus vassallos, & os do Duque de Albuquerque, do Conde de Ledesma, os do Duque de Alua, & com a gente de Ciudad Rodrigo inuestisse Portugal.

Ao Duque de Albuquerque, se deu ordem, que com as gentes das villas de Caceres, Coria, las Broças, Alcantara, & Valença, offendesse hũa parte da Estremadura.

Ao Duque de Feria, se deu cuidado, que com as gentes das cidades de Placencia, Trugillo, Badajoz & Merida, infestasse & rendesse a outra parte da Estremadura.

Ao Duque de Medina Sidonia, se pôs obrigação, que com a gente do seu Condado de Niebla, & com os Marquizes de Ayamonte, & Gibraleon, & as gentes de Sinilha, fogueitasse o Reyno do Algarue.

Antes destas ordens militares, pera que os Capitães

pitaes Generaes podessem melhor executar seus intentos, & guardar-se mais pontualmente a forma da guerra, se mandarão espias a Portugal, pera que reconhecessem a terra, suas entradas, & suas forças. Assim se ordenou por ElRey de Castella, que o Comendador Francisco de Valencia, com toda a dissimulação entrasse neste Reyno, reconhecendo do Algarue, até Lisboa. A Dom Alonfo de Vargas, que desde Xeres de Badajoz fosse vendo, & considerando toda aquella parte de Portugal. A Pedro Bermudes de Santis, se mandou entrasse pella parte fronteira a Galliza, & a Castella-Rodrigo. Ao Engenheiro Iuan Baptista Antonio se mandou, fosse reconhecendo a terra, desde Badajoz até Lisboa, & que considerasse a disposição della, & como podia ser combatida, & que de Lisboa passasse ao Castello de Almada, reconhecendo, com as torres de Bellem, S. Giaõ, & Cascais.

Era tão pouca a preuenção dos Portuguezes, & tão pouco o cuidado, & vigilancia de sua defensão, que entraraõ em Portugal estes Castelhãos (& medindoo a palmos, se tornaraõ a Castella, com todas as noticias bastantes, pera a sua empresa) sem auer neste Reyno, quem cuidasse, no como se podiaõ impedir estas espias. Sempre perdemos por confiados, ainda com o inimigo.

migo à porta, sem que haja quem corte pello sono, & se desuelle pera o que tanto importa: E pera que nos afrontemos de nosso descuido, relataremos hum successo particular nesta materia.

Estando ElRey de Castella em Badajoz com hum tão poderoso exercito, que passaua de quarenta mil homens: & começando elles a entrar em Portugal, destruindo quanto achauão; o Capitão do Castello de hũa villa, pouco distante de Eluas, tendo noua, que o inimigo se acercaua, vigiou com os seus soldados atê a meya noite. Deuile por seguro, & quieto com esta diligencia, & recolheuse a dormir, & os seus soldados dizendo, que os Castelhanos, não costumauão caminhar de noite. Cõ esta resolução mandou disparar duas peças de artilharia (persuadido, que com o estrondo se diuertiria o inimigo) & se foi descansar, & o mesmo fizeram os demais. De madrugada vierão os Castelhanos (que caminharão de noite) governados por Sancho de Anila; arrimarão hũa escada ao Castello, & por ella subirão sem serem sentidos: porque os de dentro dormião descansados, & como gente, que não tinha que temer, & nem hũa centinella acharão que vigiasse. Quem vio nunca tal descuido? Forão ao aposento do Capitão, & arrombandolhe a porta, acordou alimpando, & esfregando os olhos (deuia de hauer ceado peixe, & bebido muita

agoa)

agoa). E vendo os perguntoulhes, cō muita fleima, por onde entrarão? Responderão lhe, que não faltou lugar, em tẽpo de tanto dormir, & descuido. Queira Deos, que neste Capitão se acabassem todos os nossos descuidos, que se assim for, teremos as praças seguras. Quatorze annos nos tem dado o Ceo de repouso. Acordar, acordar, & não haja mais dormir; porque a quem dorme, dormelhe a fazenda.

Não dormio El Rey de Castella, antes tanto se desuellaua sobre acōmeter este Reyno, que se não deu por contente de tanta preuenção, & de armar contra os Portugueses os oito exercitos, que deixamos mostrado (parece que naquelles tempos tudo apoucaua o valor de Portugal:) mas ainda se empenhou tanto, que formou outro exercito, que passaua de quarenta mil homens, todos gente escolhida, & soldados velhos, governados por Dom Fernando Aluares de Toledo. Duque de Alua, com titulo de Capitão General, com os melhores Capitães, que então hauia em Espanha. Com este grande poder entrou por Eluas, no fim do mes de lutho de 1580.

A todo este poder mandou El Rey Phelippe aggregar outro igual de mar, pondo nelle hũa grande armada, que constaua, & se compunha de mais de quarenta galeões, & nauios grandes, & fortes, a
fora

fora outros muitos de guerra de menos força, com grande quantidade de barcos, & barçaças, & gastadores, com muitas munições, & petrechos, pera fazer pontes, & o mais que fosse necessario. Vinhaõ mais neste exercito naual, todas as galles de Castella, as de Napoles, & as de Sicilia, & todas ellas, & os mais baixes prouidos de gente de guerra, & de muita, & boa artilharia, & mosquetaria. Affirmaõ as memorias daquella era lamentauel, que trazia esta armada, mais de quinze mil homens. O numero das Galles, passaua de settenta, a fora sessenta chalupas.

Nunca os Castelhanos quiserão dizer o numero de toda a gente, com que inuadiraõ este Reyno, falto de gente pella perda de Africa, de dinheiro, de forças, de nauios, & de todo o necessario pera a defensão; & sobre isto estar comprado, & vendido pellos mesmos Portugueses, como diz Sousa, no Epitome das historias Portuguesas, par. 3. cap. 18. por estas palauras. *Don Christoual por lo menos assi lo entendio, pues teniendo en su mano muchas firmas en blanco de Philippe, para dar a cada vno aquello en que se concertassen: digilo assi, que venca, y compra era.* Mas com tudo feitas as contas pello grosso, & confuso, eraõ quasi cem mil os combatentes. Assim o persuade hũa armada tão grande, que passaua de cento, & cincoenta vellas, o grande exercito, que passou por Eluas,

Eluas, & as muitas gentes; que leuauão oito Geraes repartidos por toda a raya do Reyno.

CA P. III.

Da preuenção dos Portugueses, & disposição de suas armas.

A Preparação que os Portugueses naquella occasião fizeraõ, foi raõ pouca, que podemos affirmar, que foi nenhũa: porque nas fronteiras do Reyno se não puseraõ gouernadores da guerra; as praças se não fortificaraõ, nem se leuantaraõ terços pera resistir ao inimigo. Seria a causa não haer Principe Portugues, que fosse cabeça de todos, a quem os mais obedecissem, como na verdade não houve. E atẽ nesta Corte de Lisboa se tratou taõ pouco da preuenção necessaria, que o mais a que auançou a diligencia de Dom João de Meneses, foi ajuntar trezentos cauallos, & pouco mais de tres mil infantres; os mais se retiraraõ a suas casas, huns por medo, outros por seus respetos, & conueniencias.

Particularmente se viu o descuido na fortificação de Cascais, praça de tanta importancia, pois podendo com muita facilidade impedir o passo ao inimigo.

inimigo, pera que não desembarcasse (como os Castelhanos confessarão) o não fizeraõ, como se viu, & exprimẽto, estando os Portugueses senhores da praya, com bem grande magoa de Dõ Diogo de Menezes, que governaua a Villa. Desembarcou o inimigo, & nos entrou por casa o acoite de Deos, que assi o ordenou por nossos peccados. Pouco, ou nada se trattou da conseruação da fortaleza de São Giaõ, lugar taõ bem disposto, & forte, que estando bem provido dos petrechos necessarios, pode destruir todas as armadas do mundo: mas ha de ser tendo muitos, & bons soldados; que se elles forem os que se vião ha poucos tempos, com facilidade se ganharà a força; porque estauaõ todos taõ esomeados, fracos, magros, & macilentos, que mais parecião doentes da enfermaria dos ethicos incurauẽis, que gente de guerra, & de peleja.

O em que se faltou, & hoje se falta (pera sua segurança, & pera ser inexpugnauel o sitio) he fazer hũ reducto forte, & bem artilhado, sobre hum padraõ, & emminencia, que a terra faz à torre da parte de Oeiras, em distancia de setecentos passos da fortaleza; porque delle se aproueitaraõ, & valeraõ os Castelhanos, plantandolhe vinte & quatro peças, em que entrauaõ noue canhoẽs, & colobrinas, com que bateraõ o baluarte da mão esquerda, que cae sobre o mar, & fizerão muito effeito na fortaleza,

leza. E estando nella por Governador Tristão Vaz da Veiga, com quinhentos soldados; & vendo o padraſto, que ella tem (de que ſo pode ſer offendida, pella parte da terra) tratarão taõ pouco de o occupar com algũa força, & de reparar o parapeito, & cortinas do baluarte da mão eſquerda, da parte da terra, que à viſta do inimigo, & já com elle em caſa, fizeraõ grandes eſtacadas, & trincheiras, & reueſtiraõ o meſmo baluarte, com ſacas de terra; preuenção, que fora de muita importancia, ſe os Portugueſes tratarão della com tempo. Tudo guardamos pera o dia, nada obramos nas veſperas. Neſtas eſtamos já, acudaſe por amor de Deos a occupar o padraſto com força, que importe, & aproueite; ou arrazeſſe de todo, que ſera facil, & menos cuſtoſo, & ficaremos ſem cuidado, de o poder ganhar o inimigo pera noſſo dano.

Ganhada a fortaleza de São Giaõ, ſe veo chegando o inimigo, & junto à ponte de Alcantara, alojou o exercito, a vinte & quatro de Agoſto, occupando os lugares da lunqueira, & Santo Amaro, atè o lugar das caſas do Doutor Paulo de Carualho. Nelle ſe pôs o Duque de Alua, ao outro dia pella manhã, q̃ ſeraõ vinte & cinco, pera ver a briga, como vio, que ſe fez na ditta ponte do rio. Da outra parte antes da ponte (na emminencia fronteira que faz a terra, que corre de Noſſa Senhora dos Praze-

Prazeres) se aproueitaraõ os Portugueses, & nella formaraõ seus esquadroes, que constauaõ sò de gente do pouo, & essa fraca, & desarmada; de sorte que eraõ quasi quatro mil homens. Aqui estauaõ intrinheirados, com duas ordens de trincheiras, hãas distantes das outras, ficando entre duas cercas de fortificação, & reparo.

Affim estauaõ acompanhados de algũas peças de artilharia, com que faziaõ muito dano ao inimigo, & sempre com o rosto nelle. Nesta forma, estauaõ dispostos & ordenados. Mas não se preueniraõ de guardar as ilhargas, vendo que o inimigo, tinha as saídas liures, pera os poder inuestir. Mas Sancho de Auila, vendo o detendo nosso, & quietinha a estrada desempedida, pera acommetter os Portugueses, caminhou pello rio affima, com mil & quinhentos caualllos, & dous mil arcabuceiros; & passando pellos moinhos, que ficaõ affima da orte Nauia, auançou à outra banda, & dando nos nossos (que estauaõ com o rosto pera o exercito Castellano, de quem eraõ acommettidos) teue o Auila lugar, pera nos entrar. & descompor: o que não fora, se tiueramos cuidado de guardar os lados: que posto que ficauaõ com as costas pera a Cidade, donde estauaõ seguros, com tudo os lados da mão direita da parte do rio, estauaõ abertos, sem segurança, nem guarda.

Todo este immenso poder Castelhana fora de
 pouco, ou nenhum effeito, se os Portugueses tiue-
 raõ Principe que os governasse; porque hum, que
 sem direito se quiz introduzir neste Reyno, vendo
 a nossa gente derrotada, se retirou com algũa de
 cauallo, & se foi a toda a pressa à cidade do Porto,
 aonde se embarcou pera Inglaterra. Acção foi
 esta grandemente demonstratiua de não ser elle o
 legitimo successor desta real Coroa; porque o san-
 to Euangelho nos certifica, que esta differença ha
 entre o verdadeiro pastor, & o mercenario jornalei-
 ro, que este, vendo que o lobo carniceiro arremete
 às ouelhas, logo foge & as desampara, & deixa:
 mas o legitimo pastor, defendeas, socorreas, & tal
 vez dá o sangue & a vida por ellas. Não o fez assim
 este Principe, não era elle logo o verdadeiro pa-
 stor, & o direito Rey de Portugal. Foise, deixou o
 Reyno entregue aos dentes do lobo, que o tratou
 como quiz.

Não foi parte a sua ida, pera que os Portugue-
 ses deixassem de mostrar o fino de seu esforço, &
 valor; porque estando senhores da ponte de Alcan-
 tara, engoliraõ terços inteiros dos inimigos, sendo
 bem poucos os que pelejauaõ: porque Prospero
 Colona, com o seu terço de Italianos da Toscana,
 & Napoles, todos soldados velhos, & valentes, cer-
 rou com os Portugueses, & elles carregaraõ com

tanta força; & valor sobre os Italianos, que os fizeram em pedaços, degolando quasi todos; retirando-se os poucos que ficaraõ com vida afrontosamente. Acudio Luis Douara com outro terço de Alemaães (que sem falta desmayaraõ à vista da agoa) que lhe deu o Conde Hieronymo de Lodron, & da mesma sorte todos foraõ degollados pellas espadas Portuguezas.

Vendo Prospero Colona tanto estrago, foi correndo ao Duque de Alua (que estava no sitio das já referidas casas do Doutor Paulo de Carvalho) dizendo-lhe com grandes vozes estas palauras, tiradas do Autor Castelhano, de quem colhemos algũas verdades: *Señor, mande V. Execlcia luego socorrer aquella gente, que la degollan toda los Portugueses.* Elle lhe respondeu: *Bien está.* Gloriosa victoria podera alcançar a gente Portuguesa aquelle dia, se tiueraõ cuidado de guardar as ilhargas; porque dando nellas Sancho de Auila, & o grão Prior de Castella Dom Fernando de Toledo, filho do Duque de Alua, com os mil & quinhentos cauallos repetidos, & dous mil arcabuseiros, obrigaraõ a se retirarem os nossos; postoque vencedores, & triumphantes. Refereo Bania, na 3. par. da historia Pontifical, cap. 52. fol. 255. col. 1.

C A P. IV.

*Da fortificação maritima dos Portugue-
ses, rendida pella cobiça, mal mais
perjudicial, & da necessidade
de conselheiros scientes,
& Capitaes de ex-
periencia.*

MAis cuidaraõ os Portugueses na defensão do rio, do que se empregaraõ na da terra: porque a dispuseraõ gentilmente; & foi desta sorte. Tomaraõ muitos nauios, & os puseraõ em hũa bem ordenada fileira, juntos, & vnidos o mais que podia ser, por hũa & outra banda da torre de São Vicente de Bellem, ficando ella no meyo deste naual esquadraõ, cerrado, & fechado com taõ gentil ordem, que de hũa ponte da terra à outra, se não via outra cousa mais que aquella fachada de nauios, todos com as proas ao mar. A torre jugaua tres ordens de artelharia, & o mesmo os nauios pellas proas, postas as peças sobre andares, & varandas de madeira. Diante de toda a maquina guerreira estaua, como capitaõ do nautico exercito,

cito, o famoso, & tão celebrado galeão Botta fogo, chamado São João, com outros menores; assim ordenados, pera derrotarem, & destruirerem a armada Castelhana.

Estava tudo disposto & composto com tão boa disposição & forma, que diz o mesmo autor estas palavras, que pomos em Castelhana, por ser testemunho de hum inimigo, & por isso reputado em direito por mais legal, & convincente, & são estas, que refere Herrera, no liuro 3. fol. 118. na segunda pagina. *Teniendolo todo con tan buena orden, que en ninguna cosa parecieron los Portugueses mas hombres de guerra, que en aquello.* Esta machina & apparatus naval, tão forte & excellente, se rendeo em breue tempo, não à força do inimigo, mas à cobiça dos Capitães dos navios, que corrompidos com promessas de merces, & despachos (a troco de ficarem em suas casas lires & ricos) quizerão fazer cativa & pobre a patria em que nacerão: o que parece pronosticou Camoës, dizendo na Octaua 38.

*Dizeilhe, que tambem dos Portugueses,
Alguns tredores houve algũas vezes.*

Nestes

Nestes fez emprego a cobiça Castelhana; estas forão as armas de proua, & mais finas com que nos conquistaraõ. Não nos rendeo a sua espada; porque as nossas costumadas estaõ a embotar o fio das suas. Sobre promessas, & cartas de merces edificaraõ suas esperanças, & conseguiraõ seus injustos intentos. Esta porta por onde nos entraraõ, se pode com facilidade fechar tendo os soldados pagos, & contentes, despachando seus seruiços, premiando os que merecem; porque com facilidade deixa o seruo o amo que o maltrata por outro, que lhe promete melhoras. Saõ os soldados toda a substancia, fortaleza, & segurança das Monarchias, & hoje muito mais importante, que as letras; & se estas se respeitaõ tanto, nas armas porque não será o mesmo? He o descontentamento o primeiro degrao pera a infidelidade, & treição. O reparo he trazer a gente da guerra satisfeita. Maxima he esta, tanto verdadeira & certa, quanto antiga, & prudente. Entre os conselhos que daua ao seu Rey hum grande Capitaõ, era este.

*Que pague bien los soldados,
Pues le defienden sus Reynos;
Que fie en piernas quebradas,
Mas que en sanos consejeros.*

Ouve dous Capitaães em Flandes; & os soldados da companhia de hum delles, sempre andauão em brigas, & pendencias, & por qualquer leue occasião, logo vinhaõ à espada, & tudo eraõ feridas, cutiladas, & mortes. Os da outra eraõ a mesma quietação, sem nunca ferirem, nem acutilarem alguém. O Capitaão destes, recolhia em si as pagas (como muitos oje fazem) & os pobres pereciaõ de fome, & andauão caindo de debilitados, & fracos. O outro, trazia bem pagos os seus, & andauão fortes, & alentados, porque comiaõ, & tinhaõ que comer. Succedeo, que os dous Capitaães praticando, condenaua, o que furtava as pagas, o pouco brio, & valor dos seus, que sofriaõ muitas cousas, & que calauaõ, contra os pundonores da guerra. O outro, que sabia a causa, que era morrerem de fome, lhe respondeo : *Hermano, sin gula, hay septimo, mas no hay quinto.* Disse discretamente: porque soldado faminto, se tem manhas pera a vnha, naõ tem valor pera as mãos. Se a hum destes se promettem duas pagas adiantadas, já se passa ao inimigo.

Podem muito as promessas com os que tem pouco; & pode ser que mais, com os que lograõ muito; porque à medida do possuir crece o desejo, & o appetecer. O tyrano tributo do peito cobioso, & vil! como disse o Poeta, no liuro 1. *Fastorum.*

*Creuerunt & opes, & opum furiosa libido,
Et cum possideant plurima, plura petunt.*

Boecio, metro 5. liuro 2. diz discretamente, que abraça a cobiça o coroaço do cobiçolo, & que he peor o fogo da cobiça, que o do monte Aethna.

*Sed senior ignibus, Aethna.
Feruens amor ardet habendi.*

Acudir aos soldados he necessario, & tellos contentes, fauorecellos, & honrallos. Ponha o Principe os olhos nelles, que sò este fauor he bastante, pera resistiré animosos ao mesmo Inferno, quãto mais a outros homens. Assim o sente Camoës, oct. 148.

*Sò com saber que são de vos olhados,
Demonios infernais negros, & ardentes
Cõmetterão com vosco; & não duuido,
Que vencedor vos fação, não vencido.*

Com a gente de guerra bem tratada, paga, & satisfeita, & bons mestres de larga experiencia, não ha que temer inimigos. Não basta o valor dos soldados pera vencer, mas he muito necessario, que nos Capitaës haja as maiores noticias da guerra, assim

pera a boa disposição do que se emprende, como
pera os acertos do que se consulta, & determina.
Diz o nosso Poeta Portuguez, que em tudo falou
taõ propriamente, na octaua 152. & por isso o re-
petimos tantas vezes.

*Tomai conselho sò de exprimentados,
Que virão largos annos, largos meses;
Que posto que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.*

CAP. V.

*Dilata-se a materia precedente, & refe-
re-se hum caso politico, & discreto.*

Que bem se certifica esta certa, & infalliuell
verdade, com os varios casos, & successos
do mundo, & particularmente com os do
Emperador Carlos Quinto, que mereceo a ventu-
ra de ser seruido pellos melhores Capitaes de seu
tempo. Sobre o cerco, que Francisco Rey de Fran-
ça, pòs à cidade de Pauia, no estado de Milaõ, se
romou conselho, & porfiando o Viso Rey de Na-
poles, Carlos de La Noy, que se partisse o exercito
em dous troços, pera que hum inuestisse ao Fran-
ces

ces pella parte do rio Tesino, & o outro o acõmettesse pellas costas, entrando pello Parcho de Mirabel, em que estaua alojado; & que assim necessitauão ao inimigo, tomando-o no meyo.

Parecendo o designio bem aos mais, só ao famoso Marquez de Pescara pareceo mal, & o contradisse, & reprovou com fortes & concludentes discursos militares, & fez preualecer a sua acertada resolução, que foi, que o exercito se não diuidisse mas que todo vnido, & junto acõmettesse os Franceses pella retaguarda, rompendo pera esse effeito os muros do Parco, ao som dos tambores; porque com o seu estrondo, não ouuiria o campo inimigo as pancadas que se dessem pera derrubar a cerca. E que principio era natural, que a virtude vaidade he mais forte, & poderosa, que diuidida, & separada em partes; que pera diuertir, & enganar o contrario, que bastaua lhe fizessem rosto: mas pera o acometter, & render, eraõ necessarias as forças de todos vnidas, & juntas. Seguiu-se o voto do Marquez, fundado na grande, & continua experiencia, que tinha nas materias da guerra, vencendo com poucos annos de vida (que não foraõ mais que trinta) treze batalhas campaes, pella direcção de sua experiencia, & prudencia. Refereõ Illescas, liuro 6. da 2. par. da Historia Pontifical, & outros.

Com tudo, não se pode negar, que hum bom
juizo

juizo muito alcança, & comprehende; & que lendo liuros, & observando os casos, & successos, saia hum speculatiuo sciente pera fallar na guerra doutrina: mas não ficará soldado experimentado, & pratico, porque lhe falta a praxis do bellico exercicio: &

A disciplina militar prestante;

Não se aprende, senhor, na fantasia;

Senhando, imaginando, ou estudando;

Se não vendo, tratando, & pelejando.

Como diz o Poeta, octaua 33. Sejão os officiaes de guerra soldados expertos, & lograremos nella bõs successos. Que bem conheceo este particular o grande Alexandre, que não daua a geneta a soldado, que não tiuesse sessenta annos. Refereo Cursio, no seu linro 2. Vsauão naquelles tempos de barbas compridas, & guedelhas curtas: & diz o mesmo Autor, que ver o exercito de Alexandre formado, com os Capitaes velhos diante, que parecia hum grauissimo Senado; & que mais terror punhão nos inimigos aquellas veneraveis cãas, que suas proprias armas. E com muita razão, & fundamento; porque as armas, são instrumentos sem alma, & a madura idade, he hũa virtude, & experiencia viua.

Fizeraõ Capitaõ nos tempos passados a hum fi-

dalgo

dalgo moço de poucos annos, & de nenhũa experiencia; foi a prouisaõ muito censurada, & perguntando hum cortesaõ a outro, com que sciencia hauiam aquelle Capitaõ de gouernar a sua gente? Elle lhe respondeo, que com o Dom. Seus licitos empregos tem o verdor da fidalguia: mas pera os postos da guerra, annos & mais annos, com hũa experiencia conhecida, & grande. Com mais de quinhentos mil combatentes, infestou o Turco Solimão o Reyno de Vngria, imperando Carlos Quinto; que pera resistir ao inimigo, formou hũ exercito de cento, & vinte mil homens soldados velhos, & que havião tido officios na milicia, despedindo muita gente bisonha. E sabendo Solimão a qualidade da que ficaua, & que era criada na guerra, foi tão grande o temor que concebeo, que logo leuantou o campo, & se retirou vergonhosamente, com perda de mais de cem mil homens. E dizendolhe o Baixa Abrahimo valido seu, que acõmettesse os Imperiais, pois tinha poder tão grande, que era infallivel a victoria. O Grão Turco lhe respondeo: Fazei vos com o Emperador, que tome os meus muitos soldados, & que me dê os seus poucos, que logo o acommetterei. Com razão temeo este barbaro à vista de gente tão experimentada, & guerreira.

He tudo a experiencia, & necessaria em qualquer materia; & muito mais nos conflictos da guerra;

ra; & por isso mais conuem nella para Capitaõ' ũ
 loão Fernandez, assinalado de estocadas, & cutila-
 das reeebidas nos recontros, que hum mancebi-
 nho muito aparado, & cheiroso, sem mais noticia,
 & sciencia, que pera fazer duas chaças no jogo da
 pella. Não queremos deixar de repetir hum galan-
 te successo a este intento. Partia hum Senhor pera
 Euora a beijar a mão a Sua Magestade, porque hia
 por Embaxador extraordinario pera França. Antes
 que fosse, o visitou hum fidalgo muito honrado, &
 lhe pedio fosse seruido dar hũa carta a Sua Mage-
 stade, authorizandoa com sua pessoa. O Embaxa-
 dor se encarregou da diligencia, & lhe perguntou,
 se era possivel ter noticia da materia della, pera fa-
 zer melhor effeito? O fidalgo lhe respondeo,
 que vinha aberta, pera que sua Excellência a visse, &
 ficasse inteirado do assumpto.

Abrio se logo, & tinha este titulo: (Forma & dis-
 posição das armas pera a defensão de nossas fron-
 teiras). E logo tratando de cada Prouincia por me-
 nor, dispunha hũas cousas bem, & outras mal. Re-
 plicoulhe o Embaxador à algũs pontos, que pade-
 cião contradição, satisfez o fidalgo como pode,
 mas não como a difficuldade pedia. Tornou o Em-
 baxador a lhe perguntar, se militara algum tempo,
 & em que partes? Respondeolhe, que nunca fora
 soldado, nem vira guerra algũa; mas que em idade
 de

de minino, & moços, continuara muito o jogo das pedradas em Nossa Senhora da Graça, & que dali lhe ficara grande propensão à milicia; & que pello habito que tinha juraua, que via homens em lugares & postos grandes de guerra, que não são nunca a tratarão, mas nem ainda quando moços, hauião jogadores pedradas. Celebrouse a reposta cõ grande festa & applauso, & com ella proueu muito bem seu intento, & nos sentimos tão grandes defcuidos em materia tão necessaria, & importante.

C A P. VI.

Continua o discurso precedente, & ponderase hum accidente muito particular.

Axioma he philosophico, & certo; & assim o dicta a razão, & a prudencia; que quem quer o fim, quer os meyo; que a elle se encaminhaõ, & ordenaõ. O que todos os verdadeiros Portuguezes deuenos querer he, desbaratar & vencer os Castelhanos neffos mortais inimigos, em caso que nos venhaõ a inquietar, & acometer. Esta victoria se ha de alcançar, com exercitos de soldados, que são os que pelejaõ & arriscaõ suas vidas pella

pella defensão natural da patria. Importa logo muito tratállos bem, & trazelos satisfeitos; este ha de ser o mayor cuidado do Principe: este o seu principal emprego. Não faltou neste El Rey de Castella; porque na occasião em que se armou contra este Reyno, fez grandissimas merces aos officiaes da guerra, & aos soldados deu muitas pagas adiantadas, & por isso leuantou tanta gente, quanta trouxe a Portugal. Esta preparação militar foi ordenando, & dispondo, tanto que El Rey Dom Henrique começou a gouernar, que foi em vinte & oito de Agosto, de mil & quinhentos & sessenta & oito, saindo esse dia das casas dos Excellentissimos senhores Duques de Bragança a tomar o juramento na Igreja do Hospital Real.

E he muito pera reparar sair este Rey daquelles Paços a reynar, em tempo, que a huns trabalhos se seguirão outros; porque passado o da perda de Africa (ou pera melhor dizer, estandose actualmēte chorando) tomou este Rey posse, & logo se lhe siguiu hũa tão terribel peste, que consumio quasi o Reyno todo. Parece que foi pronostico de que viria tempo, em que daquella Real casa sahiria outro Rey a descansar, & liurar da dura fogação os Portugueses, hauendo saído della outro, que deu causa à perda de sua liberdade; porque effeito he da divina Omnipotencia, & de sua infinita piedade, donde

de sahio a morte, nacer a vida, como a Santa Igreja diz: *Vt unde mors oriebatur, inde vita resurgeret.* Foi ElRey Dom Henrique a morte, & fim dos Reys Portuguezes, que naceraõ em hum Henrique, & acabaraõ em outro. He ElRey Dom Ioão o IV. a vida, & resurreiçaõ dos Principes de Portugal, & de nossa antigua liberdade. Saya pois da Casa de Bragança hum Rey, que foi nossa morte; porque della hauiã de vir outro Príncipe, que he a nossa vida, & glorioso libertador de nosso catiueiro.

Gouernou ElRey Dom Henrique hum anno, sinco meses, & sinco dias, & morreo o vltimo de Janeiro (dia em q nacco) de 1580. Logo ElRey de Castella começou a procurar o Reyno, & conhecendo variedade, em ElRey Dom Henrique, com todo o cuidado tratou de levantar exercites contra Portugal; motiuo bastante, conforme as leys, pera ficar priuado do direito a este Reyno, quando elle algum tinera. Pera este effeito ordenou ao Marquez de Mondejar, VisoRey de Napoles, a Marco Antonio Colona, VisoRey de Sicilia, & ao Marquez de Ayamonte, Gouernador de Milão, que fizessem grande prouisaõ de munições, & petrechos de guerra, & que leuassem infantaria Italiana, & Alamãã, & que se apercebesse a mayor parte dos soldados Espanhoes, que militanaõ naquellas Prouincias, & hum excessiuo numero de gastadores.

res; & todos se embarcaram nas gales de Napoles, & Sicilia.

Em Castella, mandou por Dom Gabriel Niño, & Dom Luis Henriques, levantar terços de Infantaria, companhias de cauallos ligeiros, & de arcabuseiros de caualo, & das guardas, & dos Continos daquelle Reyno, que he graõ copia de gente de importancia, com os genetes de Granada. No mar se pos hũa armada tão poderosa, como deixamos escrito, composta de tantas nações. Com todo este grandissimo apparato de guerra, formado de quasi cem mil homens, como já temos referido, deziaõ os Castelhanos, que era pouco, & que fora imprudencia, & temeridade acõ metter hum Reyno tão grande. Assim o escreue Herrera, no liuro 3. §. 52. Também El Rey de Castella admittia este receyo, não querendo sair de Badajoz, sem certeza, de que o Reyno estaua quieto, & reduzido a sua obediencia. E ainda quando lhe deraõ as nouas alguns fidalgos Castelhanos (que se adiantaram pera ganhar as aluiçaras) as não quiz crer, atê que chegou a Badajoz Dom Fernando de Toledo, irmão do Marquez de Velada, & sobrinho do Duque de Alua, que o mandou certificar a El Rey da sua chamada victoria, como affirma Herrera, liuro 3. §. 51.

Com grande fundamento duuidaua o Castelhanos della; porque naquelle tempo, ou os Portugueses
eraõ

lerão outros, ou o medo do inimigo era grande. E
 assi o mostrou, quando pouco mais de seiscentos
 Portugueses animosos, chegaram à villa de Oeiras
 ao reconhecer, & apertarão tanto, com dous esqua-
 droës de mosqueteiros, que se inquietou todo exer-
 cito Castelhana de sorte, que pareceo a muitos Ca-
 pitaës, que a maior parte delle sahisse aos Portu-
 gueses, & o não fizeraõ por temor de perder a gen-
 te, & foi necessario retirar-se Sancho de Auila (por
 não dizermos fugir) de seiscentos Portugueses, se-
 gurandolhe as costas hũ exercito de mais de qua-
 renta mil homens.

Fraqueza grande he, jaçtarem-se os Castelhanos
 de triumphantes deste Reyno, em tempo que não
 houve prevenção n'elle pera a guerra; porque os Ca-
 stellos & praças, todas estauão desarmadas, & sem
 gente, sem artelharia, nem mosquetes; tirando as
 torres de Lisboa, Setuual, & o Castello de Villa
 viçosa, em que hauia sessenta peças, entre gran-
 des, & pequenas; & todas as fronteiras sem fortifi-
 cação algũa. O numero da gente Portuguesa, que
 podia tomar armas, muito limitado, & pouco; por-
 que em Africa, entre mortos & catiuos, tinhão fi-
 cado dezoito mil homens, & aos que cã ficaraõ
 consumo, quasi todos a cruel peste, como cõ ver-
 dade refere Herrera, no liuro 2. §. 24. Faltaua jun-
 tamente o dinheiro, neruo raõ principal pera a

guerra (despendido a seu tempo); porque a excessiva despesa, que se fez com a jornada Africana, deixou o Reyno necessitado & pobre, & com o resgate dos catiuos, que foi hũa immensidade de ouro.

E neste miserauel estado, mais razãõ tem os inimigos de não blasonar de tal victoria; & nós com ella, não perdemos o credito de mais valentes, & animosos; porque poucos Portuguezes, pobres & doentes, impediraõ por muitos dias o passo a tantos contrarios, saõs, ricos, & possantes. E assim podemos cõ muita verdade dizer, que pelejou Europa toda contra Portugal enfermo, & doente. E sobretudo, tendo elles à porta hũ Rey muito poderoso, & prudente, a quem temiaõ, & respeitauaõ tanto, & este Reyno, sem Principe, sem Rey, sem Gouvernador, & sem cabeça, a quem dessem obediencia, & vassallagem.

CAP. VII.

Mostrase o valor Portuguez, com illustres victorias dos Castelhanos.

COm tantas, & tão verdadeiras noticias deste infelice successo (permitido por Deos para castigo

castigo de nossos peccados, & não alcançado por valor contrario) colhemos esta conclusão certa. Que não temos hoje causa justificada, pera temer os Castelhanos, aindaque multipliquem mais, & mais forças; porque, a Deos graças, temos por nós a justiça; temos Rey valeroso, & intrepido; temos gouernador; temos cabeça a quem nos fogueitarmos por amor, por direito, & por vontade; & temos por nós a posse de sempre os atropellar, & vencer, como se comproua cõ a memoria seguinte, de certos, & verdadeiros exemplos, em que, em tempos varios & diuerfos, se voltaraõ pera Castella desbaratados. & com as mãos na cabeça, vindo com ellas nas barbas, echando chispas, y centellas. E se nos não querem crer a nós, & a nossos auõs (que foraõ testemunhas de vista) pergütemno a suas proprias terras, opprimidas pello valor Portugues, com insignes victorias, & triumphos, sendo nós sempre poucos, & elles muitos.

Pergütemno a Lima, & Turon, no Reyno de Galiza, & a Badajoz, em tempo del Rey D. Affonso Henriques, o q celebra Camoës, no canto 4. oct. 26.

Quando tantas bandeiras, tantas gentes

Puserão em fogida de maneira;

Que sette illustres Condes lhe trouxerão

Presos, a fora a presa, que tiuerão.

Foi esta famosa victoria, no anno, de 1181. na cidade de Tuy, em Galiza; reynando Don Sancho o primeiro, na era, de 1212.

A Ledesma, Simancas, Valledolid, & Salamanca, saqueadas, & quasi destruidas por ElRey Dom Dynis, em os annos de mil & duzentos & nouenta & oito.

Albuquerque, & Badajöz (segunda vez) Arcena, Arouche, Cortegana, Burgilhos, & Alconchel, rendidas pello valor delRey Dõ Affonso IV. em mil & trezentos & quarenta & tres.

A Aljubarrora memorauel, aos Atoleiros, termo da villa da Ponte do Sor, Sinilha, Coria, & outros muitos lugares de Castella, imperando ElRey Dom Ioão primeiro de Boa memoria, gouernando as armas Portuguesas, & illustrandoas com seu valor inuenciuel, o Grande Condestable Dom Nuno Aluares Pereira, pellos annos do Senhor, de mil & trezentos & oitenta & dous, quando seis mil Portugueses venceraõ & desbaratareaõ hum potente exercito, de trinta & oito mil Castelhanos, como os Chronistas affirmão.

A Camora, Baltanás, Cantalapiedra, Toro, Castronunho, que exprimentaraõ o forte braço delRey D. Affonso Quinto, & do Principe D. Ioão seu filho, & depois Rey glorioso, no anno de mil & quatrocentos, & sessenta & sete. As demais victorias

Historias leão os curiosos em Manoel de Faria de Sousa, no seu elegante Epitome das historias Portuguezas, da terceira parte por diante, & nos outros Authores, que compuserão as Chronicas destes Reynos. Bastem estes illustres testemunhos para proua legal, & irrefragauel da nossa conclusão. Não podemos os Portuguezes hoje negar estas verdades, nem deixar de confessar, que somos netos, & descendentes de nossos pays, & auós, que taes proesas obraraõ: logo herança he nossa o vencer estes inimigos; & obrigação precisa he, não degenerarmos de troncos, & progenitores tão honrados. Estas formaes consequencias parece, que fazia o Illustringissimo Conde stable Dom Nuno Aluarez Pereira, como retrata nestas palauras Camoës octaua 15. liuro 4.

*Como, não sois vos ainda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira,
Do grande Henrique; feros, & valentes
Vencestes esta gente ião guerreira?*

E na octaua 17. confirma esta obrigação mais honrada, & posse certa, dizendo:

*Com quem forão contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vòs
 Por Dynis, E seu filho sublimados,
 Se não com vossos fortes paes, E auòs?*

Não se pode negar serem os Portugueses hoje os mesmos, que sempre foraõ: & não ha duuida, que estimulados com tantos exemplos referidos, & com a apertada obrigação, que agora lhes corre, de defenderem hum Rey dado por Deos, & sua antiga liberdade, & em cõseruação della, obraão taes façanhas, & faraõ taes proezas, que em tudo se iguaem a todas as passadas. E não se pode negar, que com a mudança de Principe, se mudão as condições dos vassallos. Assim o cerrefica o Poeta, dizendo:

*Torneus vossas forças o Rey nouo,
 Se he certo, que com o Rey se muda o pouo.*

Rey nouo temos hoje por misericordia Diuina, rezaõ he logo, que as forças, & brios antigos, & valentia de seus auòs tornem aos Portugueses, como verdadeiros filhos & descendentes de tão gloriosos progenitores, que com seus illustres feitos, tanto

tanto affombrarão o mundo, & sublimarão a gloria do nome Portugues. E obrigação he dos filhos serem immitadores das excellentes emprezas de seus paes. Esta declara bem a Eterna verdade, no capitulo octauo de São Ioão, por estas palauras:

Si filij Abraha estis, opera Abraha facite.

Bastantes são os exemplos, que referimos, pera o nobre impulso que se intenta: com tudo pera mayor abonação do assumpto, não queremos passar em silencio hũ grandioso successo acontecido aos Portugueses com os Castelhanos, que dilatamos em o seguinte Capitulo.

C A P. VIII.

De hum grande feito de valor, obrado por poucos Portugueses, contra muitos Castelhanos.

GRandemente se comproua este intento com o testemunho do Cõde Pedro Nauarro Castelhana, que descontente da satisfação, que o Emperador Carlos Quinto deu a seus muitos ser-

uiços, se passou à Corte de França, em tempo de Francisco Primeiro, pellos annos de 1520. que o estimou muito, & honrou por sua pessoa & valor; & nas guerras contra os Imperiaes o servio, com grande pontualidade & aceitação. E praticando cõ elle algũas vezes ElRey de França, & mostrandose sentido, de que os Castelhanos preualecessem contra os Franceses, lhe disse, que não sabia a causa; porque sendo a gente Francesa taõ animosa, & experimentada na guerra, não leuasse nos recontros a melhor dos Castelhanos, & que desejava muito saber, que nação ouuesse no mudo, que tiuesse maõ contra elles.

O Conde lhe respondeo, que se elle trouxesse no seu exercito tres, ou quatro mil soldados Portugueses, lhe assegurava, que sempre os Franceses seriam vencedores; por quanto hũa das nações mais bellicosas de Europa, eraõ os Portugueses, & que estes só remião, porque sempre lhes quebrauão a cabeça, & que falava como experimentado, & sentido de hum notauel successo, que com elles lhe acontecera, no porto de Cadiz, gouernando treze gales de Espanha, zombando de todos hum pequeno nauio Portugues, com pouca gente. E pera a Magestade Christianissima ter melhor noticia do succedido, lhe referio o grande valor de poucos Portugueses, contra hũa grande multidão de Castelhanos,

Reihanos, soldados praticos & velhos, & passou o caso desta maneira.

Gouernando o senhor Rey Dom Ioão Terceiro, hauia na villa de Viana do Minho, muitos mancebos ociosos & valentes, que reconheciaõ superioridade em forças, animo, & sangue, a hum Pero Gallego, moço de vinte & tres annos, muito pequeno de corpo, mas dobrado de membros, & muito valente homem. Os mais dos mancebos nobres daquelle lugar, continuauão em sua casa ordinariamente, & o seu ordinario exercicio era jogar a espada preta, lutar, & prouar forças, tributo nobre daquelle idade.

Tinha Pero Gallego bom entendimento, & grande espirito. Hum dia, que acudiraõ muitos a aquella escola militar, lhes disse, q̃ não sabia, qual fosse a razão; porque moços tão honrados & briosos gastauão os annos tão ociosamente, sem verem mundo, nem tratarem de algũa empreza, que lhes grangeasse honra, fama, & proueito; que seus pays erão de boa idade, & que podiaõ viuer largo tempo, & tèr mais filhos: pello que lhe parecia hum feito honrado, buscarem hũa carauella, & bẽ prouida de muniçoẽs, & armas, fazerem hũa saida à ventura, & que era possivel terem algum bom encontro, em que mostrassem seu animo & valor, com que fizessem seu nome conhecido, & celebre;

& que

*Esta historia
de Pero Gallego
é apocrypha
vila a differ-
ença de Pala-
geira da Bon-
fina nos Follas
da Luíllania
liv. 1. n. 47.*

& que pera as despezas da viagem, cada hum fosse ajuntando o que podesse, que elle entraria com duzentos mil reis, & que se animassem a fazer hum feito de nome & fama.

Entraraõse os amigos das razões de Pero Gallego, & concebendo novos brios, todos se resolueraõ à empreza, & se ajuramētaraõ de tẽr segredo. Cada qual ajūtou o q̃ pode, do emprestado, do pedido, & furtado a seus paes, & entregue todo o dinheiro ao Gallego, elle com grande segredo, por mão alhea, comprou hũa bastante carauella, com quatro peças de ferro, & a proueo muy bem de armas, de viueres, & das mais vitualhas necessarias. Hũa madrugada se embarcaraõ todos estes mancebos, que eraõ trinta, a fora os marinheiros, & com vento prospero dando à vella, se foraõ, sem os parentes o saberem, se não já depois de partidos.

Engolfaraõse muito os novos argonautas, leuando a proa nas Ilhas. A poucos dias de viagem lhes amanheceo hum, com taõ densa neuoã, & nebrina, que sem o entenderem, se acharaõ a bordo de hum nauio de Mouros, que pella negra lingoagem conheceraõ antes de serem vistos. Poseraõse logo os Portugueses em arma, que foraõ espadas & rodellas, & inuestindo aos Mouros, com notauel animo & ouzadia, entraraõ o nauio, & jugando muita cutillada com o inimigo, o renderaõ, & catiuaraõ,

raão, matando a muitos, & ferindo a todos.

Senhores da preza, acharaõse com hum fermoso baixel, que jugaua dezoito peças de artelharia, de que as mais eraõ de ferro, & as menos de bronze. Os Mouros eraõ trinta & sete, delles morreraõ treze, & dos Portuguezes dous, & onze ficaraõ feridos. Postos a bom recado os catiuos, repartidos nas duas embarcações, se fizeraõ na volta da terra, & arribando ao Algarue, venderaõ em Sagres os Mouros, & a carauella. Alguns mancebos nobres daquelle lugar, estimulados grandemente do brio dos Vianezes, se resolueraõ em os acompanhar, (pode muito o exemplo da virtude) aggregando-selhes quinze alentados & valentes. Estimaraõ todos a noua & forte companhia, & principalmente o Capitaõ, que era Pero Gallego, & fazendo bastimento de algũas cousas necessarias, por conta dos hospedes, tanto que tiueraõ bom tempo, embocaraõ o Estreito, & se foraõ a roubar ao mar de Levante.

Neste, & em outras paragens daquelle clima, andaraõ mais de tres annos, sem tornarem a Viana, nem terem nouas de suas casas; porque o doce da prospera fortuna, os fazia esquecer de tudo. Fizerãõ grandes prezas, & de muita importancia em naos marchantes, carregadas de riquezas, que negociavaõ pera Constantinopla, & outros portos.

Checos

Cheos de ouro, & fazenda, com que muitos deixaraõ seus filhos ricos, se voltaraõ a Viana : mas derrotandoos hũa grande, & continua tormenta, os diuertio do rumo que leuauão, & os deteuve muitos dias. Tornaraõ com a benança a continuar sua viagem, mas com tanta falta de agoa, que os obrigou irem a Cadiz a fazell^{la}, & foi em occasiã, que estauaõ naquelle porto as treze gales de Castella referidas, gouernadas pello Conde Pedro Nanarro.

Derãooos Portugueses fundo no porto, sem fazerem menção algũa do que era obrigação, & cortezia da milicia, abatendo a bandeira, & fizer salua de artilheria à armada, que alli estaua. Mas ou fosse arrogancia de poucos annos, ou pouca noticia das continencias militares (que he o mais certo) derãoo com seu descuido occasiã aos Castellhanos, mandarem hum Capitão com alguns soldados no esquife da gale Real, a reconhecer os novos hospedes. Chegados à bordo do nauio, mandaraõ chamar ao Capitão, pera lhe dar hum recado que trazião do General das gales. Estaua Pero Gallego recolhido, tanto que o auizarão do que passaua, se embrulhou em hũ bernio, ou roupão, & chegando a bordo do nauio ouuiu o recado, que continha em substância, saber que gente era, & qual fosse a razão, por que entrando nos portos de Espanha,

nãoo

naõ abatera a bandeira, nem fizera salua à Armada Real, que alli estaua? Respondeolhe o Gallego, que eraõ Portugueses, que andauaõ destruindo os cofrarios, & ladroẽs, & que a bandeira das armas de Portugal, sò à Cruz de Christo se abatia. Ouuida esta resposta, se voltou o Capitão Castelhanao, dizendo: *Son Portugueses, y locos.* Bem quis o Gallego logo mostrar sizo em lhe responder por obra, mas o esquite voou, & chegando à gale Capitania dando a resposta que trazia, mandou o Conde Pedro Navarro, que lhe atirassem hũa peça sem pelouro, pera os obrigar à cortezia em que havião faltado. O Gallego foi melhor correspondente, & liberal no comprimento; porque mandou disparar duas peças com bala, & dando por diferentes gales, naõ deu pouco que fazer aos Surgioẽs.

Visto o procedimento, & dura cortesia de Pero Gallego pello General Castelhanao, julgou por homem desatinado, & mandou, que toda a Armada leuasse ferro, & que fossẽ castigar os Portugueses, pello grande atreuimento que havião commettido contra hũa Armada Real. Tanto que Pero Gallego viu menear as gales, conheceo o intento, & refrescando hum vento fauoravel, picou a amarra, por liurar-se do aperto do sitio, & fazendo-se ao largo, lançou toda a artilharia fora, & se pôs a som de guerra.

As gales o foraõ seguindo animosamente, & a-
diantando-se muito a Real (por sua desgraça) o Gal-
lego lhe deu hũa valente carga de artilharia, com
que lhe leuou o masto, & velas, & matou muita gen-
te; & hũa bala (que leuou quasi hũa cruxia) dea pel-
la popa, em que estaua o Conde Pedro Nauarro,
& lhe ferio taõ graueamente hũa perna, que
esteue a perigo de morte. Vendose elle em tal esta-
do, se recolheo em continente com toda a Arma-
da ao porto, bem arrependido de querer prouar
forças com os Portuguezes, & assombrado de taõ
carregada cortesia, que na verdade a foi muito,
mas justo castigo da arrogancia Castelhana.

Pero Gallego se não lembrou mais de fazer a-
goada, & com a pouca que tinha, se voltaraõ to-
dos a Viana, aonde foraõ recebidos, como conui-
nha, & com grandes demonstraçoẽs festejados,
porque todos os parentes os tinhaõ por mortos,
ou perdidos.

Auizou o General ao Emperador do succedido,
encarecendolhe a grandeza do aggrauo. Este se re-
presentou ao senhor Rey Dom Ioão o Terceiro,
pello Embaixador do Imperio, & se lhe deu em
satisfação, que se informaria do caso, & que aquel-
les Vianeses não andauaõ no mar por ordem sua.
Veio Pero Gallego chamado a Lisboa, & sendo
nella ouuido por El Rey, teue sua reprehensão em pu-
blico.

blico, & em particular (dizem algũas memorias) que foi bem visto, & aualiado. Repetia muitas vezes este successo o Padre Mestre Fr. Ioaõ de Valladares, que Deos tem, varaõ, insigne em virtude, & letras, & de muitos annos, da sagrada Ordem dos Pregadores.

Com grandissimo gosto ouuio ElRey Francisco o referido, & determinou servir-se na guerra de muitos Portugueses, & dizem, que com effeito os mandou pedir a Portugal: mas que se lhe naõ differio, pello apertado respeito de parentesco, que havia entre o senhor Rey Dom Ioaõ o Terceiro, & o Emperador Carlos Quinto seu primo, & seu cunhado.

Bem comproua este successo, serem os Castelhanos a relê dos Portugueses, & a bigorna de seus malhos. O certo he, que se naõ pode negar, ser a preferencia de nosso valor & animo, mui conhecida a respeito dos Castelhanos, que por esta causa (& naõ outra, que a naõ ha) nos querem mal, & saõ nossos mortais inimigos. E entre elles ha muitos que confessão esta verdade, quando estão lires de paixãõ, como se verefica com testemunho d'este Missionario Castelhana, que no fim do mes de Novembro de 1651. veio de Madrid a esta Corte, o qual disse a certa pessoa graue estas formaes palavras em abonação dos Portugueses.

No se puede negar, que la nacion es fuerte, y que para ganar un palmo de tierra en Portugal, ha de costar rios de sangre. Mas mayor testemunho foi o de Carlos, O. Etauo de França, contra quem fazendo liga todos os Principes de Europa, & tendo noticia della, respondeo a alguns Franceses, que a temiaõ : Que não fazia caso della; porque tinha por companheiro, & amigo, a El Rey Dom Ioão Segundo de Portugal, & com assistencia de tal Principe, & gente tão valerosa, não sò me hei de defender de meus inimigos, mas ainda hei de triúphar do mundo todo. Assim o refere Carlos Cointe, de nação Frances, nas suas elegantes orações, que fez nas amizades de Portugal com o Reyno de França, no anno de 1640.

C A P. IX.

Descreuemse as qualidades, & condições de hum valeroso, & perfeito Capitão, por occasião do caso referido.

Todos estes discursos nos estão promettendo as palmas vencedoras, á vista do valor, sempre felice, de Sua Magestade (que Deos guarde) em quem se não pode negar animo inuenciuel, coração

coração grande, & forças excessiuas. De cujo zelo se pode esperar, tão acertada escolha & eleição de lugarito, que presida na milicia, com todas as condições necessarias, que formão & constituem hum Capitaõ perfeito & cabal; que com mais propriedade possa ornar & compor o seu forte escudo, do, que aquelle, do famoso Fabio Maximo, sempre vencedor.

Trazia este por timbre em suas armas, hũa cabeça de cauallo, & nos peitos hum rosto de homem, com barba branca & venerauei, & os pès de hum Grou, & hũa cabeça de gallo. E posto que esta pintura pareça chimera, na verdade he hũa galante cifra, & prudente emblema, das boas partes, & nobres prendas de hum Capitaõ excellente.

Declaremos esta empreza. A cabeça de cauallo, significa o valor na guerra, colhece de Virgilio, no liuro 3. dizendo.

Bello armantur equi, bellum hac armenta minantur.

O rosto de homem velho, denota a prudencia, que ha de tẽr o Capitaõ. Os pès de Grou, representam o cuidado, a vigilancia, & a prouidencia, com que se ha de dispõr pera todos os casos, & acontecimentos, que podem ocorrer, pera os preu nir como conueem. A cabeça de gallo, com suas plumas cau-

daes, são figura da victoria & triumpho, (que desta esperança são symbolo as plumas, tão vsadas dos soldados, & tão pouco entendidas de muitos, que bizzarream com ellas); porque os vencedores com esta galla plumatica costumauão a celebrar suas victorias. Com estas calidades, se pode hũ Capitaõ prometter grand s triumphos de seus inimigos & contrarios Nestas se deuem empregar muito, os que professão a vida militar, & se acquirem com hũa continua applicação, mais radicada nos fugeitos, & produzidora das maes valerozas acções, quando se aprende nos primeiros annos, & no verdor da idade, como se comproua com o seguinte discurso.

He a disciplina militar muito delicada, ampla, & estendida, & pera se comprehender, como conuem, não sò pede muita applicação, mas he necessario, que nesta elchola se exercitem os moços, & se criem em suas lições, & particularmẽte os Principes, & os Grandes; porque como na guerra occupão os primeiros postos, então serão nella Capitaes perfeitos, quando ainda na tenra idade se entregarem com grande effeito & inclinação, a tão illustre & nobre exercicio.

Affim o deixou por exemplo aos vindouros, aquelle mayor & mais glorioso Monarcha de Portugal, o senhor Rey Dom Manoel; como affirma

Damiaõ

Damiaão de Goes, na 4. par. cap. 83. & outros Chronistas destes Reynos. O qual todos os Domingos, & dias Santos, se punha à janella, a ver correr & escaramuçar os moços nobres, & cidadãoes, & elle corria tambem muitas vezes, pera os ensinar, & adestrar, fazendoos com este, mais illustre & regio estudo, na paz fortes & duros, pera os successos & accidentes da guerra. E sem falta, que por esta razaõ logrou naquella idade de ouro, os mayores & mais valerosos Capitaães de toda Europa.

Esta Academia he a mais excellente & importante. Este foi sempre o estylo mais venerado, este o costume mais continuo dos Principes antiquos, criarem seus fil os com inclinação, & applicação à milicia: & por isso sahiraõ, não só soldados valentes, mas Capitaães prudentissimos & gloriosos. Placito, veneraua tanto esta boa & importante creança (pera a conseruação da sua Republica) que mandaua, que os meninos, dos cinco ate os quatorze annos de sua idade, aprendessem & se exercitassem naquellas cousas, que os faziaõ fortes, & afecçãoaua à guerra.

Esta occupação & exercicio he muito necessario nos Principes; porque muitas vezes succede, ser forçoso pelejar com o inimigo, como aconteceu a todos os senhores Reys Portugueses, & particularmente, a Dom Ioão, Primeiro, que com tão grande

grande valor, & forte braço, matou tantos Castelhanos, como celebra Camoës, liuro 4. oct. 38.

*Vedez-me aqui Rey vosso, & companheira,
Que entre as lâças, & settas, & os arnezes
Dos inimigos corro, & vou primeiro.
Pelejai verdadeiros Portugueses.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopessando a lança quatro vezes,
Com força tira; & deste unico tiro,
Muitos lançarão o ultimo suspiro.*

Matarão muitos Reys os inimigos por letras: mas os Principes, & Reys Portuguezes, por suas pessoas & valeroso braço. Sempre se acharão nas guerras animosos. Os outros, recreaõ-se vendoas pintadas. Obrigação he do Rey pelejar pella defensão do seu pouo, como o de Israel declarou, na primeira creação de Rey, diz a sagrada Escriitura, no primeiro liuro dos Reys, cap. 8. *Iudicabit nos Rex noster, & egredietur ante nos, & pugnabit bella nostra pro nobis.* Quer dizer: Queremos Rey, que nos governe com justiça, & que com valor nos defenda de nossos inimigos.

CAP. X.

De como se deue aprender a arte Militar, pera se conseguir com perfeição.

Como esta seja a obrigação do Rey, aquelle a comprirá melhor, que desde minino for afeiçoado, & inclinado à guerra. Assim persuade Eneas Syluio, no liuro, de *Educacione liberorum*, escreuendo a Ladislao Rey de Vngria: *Cum Regem inesse prelijs sepius oporteat, militaribus certaminibus exercere puerum conuenit, quem Regni gubernacula manent.* Diz este graue Autor. Como a obrigação dos Reys seja gouernar os exercitos com sua presença Real; então fará o officio de melhor Capirão, quando de poucos annos, foi inclinado à milicia, & mais estudou seus documentos, regras, & maximas.

Assi crearaõ o famoso Emperador da Persia, chamado Cyro, como escreue Xenophonte, & sahio hum perfeito, & excellente mestre nesta arte nobilissima & generosa. O Santo Rey Dauid, antes de cingir espada, se ensinou com a luta de forçosos Vssos & rompentes Leoões, a vencer Gigantes ferros, & destruir exercitos poderosos, & formidaueis. De noue annos era o esforçado Anibal, quando o

trouxeraõ a Espanha, pera que se ensinasse na guerra & entre o estrondo das armas; & ficou nellas hũ Capitaõ taõ sciente, que fez chorar a Roma muitas vezes. De doze annos entrou nesta eschola o Grande Alexandre, & se applicou a este estudo cõ tanto cuidado, que affonbrou o mundo com suas façanhas, diuirtindo os ufados da peleja, com a musica, & com a solfa, a que era inclinado: entretenimento licito ao Principe, permittido por Licurgo, para descanso do trabalho do governo, alivio do despacho, & leue repouso, & moderada interrupçaõ do cuidado continuo (que deue ter) da segurança do Reyno. O Emperador Augusto Cesar, com dezaseis annos de idade, se entregou à milicia, & foi hum dos valerosos Principes, que a fama eterniza, & celebra.

E posto que comprouamos a conueniencia de hum Principe, desde sua meninice se applicar às armas (como mostraõ os exemplos dos que allegamos) justo parece, que à vista de hum conhecido valor, louemos, & engrandecemos tambem a prudencia, parte na guerra principal, & mais importante, que todas. Consiste esta, em saber reprimir a ira, moderar a cholera, & compor a paixãõ, não se arrojando, nem obrando precipitado, se não cõ madureza, pausa, & consideraçaõ. Assi o aconselhaua o Philosopho Liuiõ, a seu discipulo o Emperador

rador Theodosio, como refere Aurelio, na vida deste Principe; & lhe dizia, que se guardasse da ira, se não queria despenhar-se muitas vezes. E que muito necessario era, reprimir o animo vingatiuo & o feruor do castigo, com algũa breue detenção, & pausa, ainda que fosse tão pouca, que bastasse só pera dizer: A.B.C.

Bem conhecião os Côsules Romanos a importancia desta excellente propriedade & condiçãõ, que quando sahião em publico, leuauão diante de si huns ministros de justiça, chamados Litores (que quer dizer, algozes) com hum feixe de varas cada hum, & entre ellas hum cutello: & tudo muito bem attado, & apertado cõ cordas. Eraõ as varas pera açoutar os descuidados, & o cutello, pera degollar os delinquentes. E diz Plutarcho, no liuro dos Problemas, que ordenaraõ os Romanos com grande consideração, que fossem as varas & o cutello assim atadas, pera que quando o Consul mandasse com ira, & pressa castigar algum homem, a detenção breue de desfatar os instrumentos do castigo, reprimisse & moderasse a paixão, & cholera.

O co trario obra grandes temeridade, com cui-dent: risco de vida, & da honra. Acção na verdade indigna do Principe, & Capitaõ, dizia Augusto Cesar: *Imperatori bono, quidquam minus congruit, quam temeritas.* Refereo Victorino, nas vidas dos Emperadores,

radores, cap. 4. Aueñhase muito a temeridade à locura; & o temor & receo à prudencia. Assim o disse aquelle galante & discreto Portuguez, Dom Thomas lordão de Noronha, descreuendo a guerra dos Gigantes com Iupiter.

Arrojaronse atreuidos

Competiendo con el Cielo;

Temeridad, es locura;

En parte, es prudencia el miedo.

Esta falta he muitas vezes a ruina & o despenhadeiro dos Principes; porque como são soberanos, & tem na mão a chave do poder, regulaõ com estas resoluções, & não com a prudencia & razão.

E arriscado lanço he, querer o que não conuem aquelle, que pode fazer o que quizer. Sentença discreta he esta de Plutarcho, no lugar repetido: *Uehementer periculosum est, velle quæ non decet eum, qui quæ velit facere potest.*

Não tropeçaraõ nesta pedra, nem cahiraõ neste barranco os Principes supremos, & valerosos Capitães exemplares deste assumpto. Reprimiraõ a ira, moderaraõ a colera, não se precipitaraõ, não se arrojarãõ nos casos & contingencias da guerra, mas com consideração, pausa, madureza, & reportados, obraraõ com bom successo prudentes, o que poderaõ

poderaõ perder, ou arriscar temerarios. Esta he a primeira maxima, mais necessaria nas armas; he a liçaõ de mayor importancia, & sempre foi causa de acertados effeitos. Raramente erra o Capitaõ reportado & prudente; nunca acertou o temerario, & arrogante.

Entre outros effeitos, dous caula importantissimos & os mais principaes, à sciencia da guerra, que são, moderar a paixão natural, & temperar o appetite irasciuel, fogueitandoo à direcção da prudencia, & escolher as maximas mais acertadas, & conuenientes, assi à natural defensão, como pera offender & opprimir o inimigo. Consiste a sciencia, de qualquer materia, & objecto, em conhecer as conclusões, & resoluções, & os meos proporcionados ao fim, que se intenta. Assi o ensina o Principe da Philosophia Aristotiles: O saber, consiste formalmente no conhecer: *Scire, est cognoscere*. No estado presente nos importa muito saber, & conhecer, o que o inimigo pode emprender, pera nosso dano; & o que nos deuemos obrar pera nosso bem, & conseruação.

C A P. XI.

Mostrão-se os arbitrios militares do inimigo, na inuasão deste Reyno, & como facilmente se podem frustrar, com o reparo de algũas praças.

A Maior guerra que o inimigo nos fez, no infauſto anno de 1580. foi apertando Portugal com numerosos exercitos, por terra, & com grandes armadas por mar, como ja deixamos eſcrito, & repetimos pera maior lembrança. E pera frustrar ſeus intentos, i npedir os deſenhos antigos (que os meſmos hão de ſeguir, por hauerem ſido tao efficaes pera ſeus fins) ſe deue tẽr grande cuidado com aſ forças da villa de Setuual; porque pella barra della, entrou a Armada Caſtelhana, gouernada por Dom Aluaro Bazan Marquẽs de Santa Cruz; & nella ſe embarcou o Duque de Alua, cõ todo o exercito que trazia, com que teue paſſo ſeguro & facil pera vir ſobre Liſboa, d ſembarcando em Caſcaes: o que naõ fora, ſe as torres, que defendem a barra de Setuual, tiueraõ a a preuençaõ neceſſaria, pera rechazar a Armada inimiga, & lhe impe-

impedir a entrada. Nem tão bem os Castelhanos ganharaõ a praça, se estiuera fortificada com fortes muros. Faltou entaõ esta fortificação tão necessaria, & queira Deos que hoje não falte.

Ganhado este lugar, propuseraõ em conselho de guerra os meios, que se deuião praticar, & seguir, pera o exercito continuâr com prospero successo. Sendo a proposta hũa, os pareceres foraõ muitos & diuersos. Dizião huns, que o mais acertado parecia, voltar as armas contra a villa de Santarem, por ser populosa, fundada em sitio eminente & forte, & pella grande estreiteza do Tejo ao pé della, ser facil a passagem da gente de guerra, pera a conquistar, & logigada, & rendida, se fortificassem nella, donde com pouco trabalho, podião decer sobre Lisboa, com grande esperança de a ganhar com breuidade, pella grande com m dade do rio, por onde podião ir as vitualhas Castelhanas, & impedir o passo aos Portuguezes, que das outras partes do Reyno acudissem ao socorro de Lisboa. Assi votaraõ estes: & muito persuellhe, que o inimigo se aproneire deste arbitrio, tão bem fundado: pello que he torçoso cuidar muito em fortificar esta Villa, & bastecella de tudo, se não queremos que nos gabem de fazermos pouco, ou nada, pello que tanto importa. O mesmo pede a villa de Abantes, aonde podem occorrer os proprios accidentes.

A outros pareceo mais conueniente, que o exercito deuia de marchar pera a villa de Almada, & do Castello della, canhonear & esbombardear Lisboa, & passar a ella a gente em barcos da outra banda pera sitiãr a Cidade. Ambos estes juizos, & discursos foraõ muito peritos & militares, & parto de Capitaẽs de grande experiencia: & posto que por entaõ se naõ seguirãõ, deuemos nos cuidar, que em algum tempo se podem pôr em exercicio & praxi, & entaõ seraõ de pouco effeito, quando aquelle lugar se segure & reforce como deue.

Seguiu o Duque de Alua o parecer de outros, que foi, ir o exercito por mar a Cascaes, & desembarcar naquelle porto. Foi a resoluçaõ arriscada, mas prospera, pello effeito nacido da froixidaõ de nossos braços, ou pera dizer melhor, da fatalidade de nosso açaute & castigo, mostrandoo Deos antecedentemente, com tantos prodigios & sinaes. Este sò relataremos.

Appareceo na praya junto ao forte, poucos dias antes da infelice jornada de Africa, hum grande peixe Espada, que o mar lançou à terra, pera auiso: & em hũa parte, tinha esculpido hum azorrague & açaute; & na outra, muito ao claro, a Era de 1578. tempo, que deu principio à satisfacçaõ de nossas culpas. Elcreueo Manoel de Faria de Sousa, no Epitome das historias Portuguezas, par. 3. cap. 17. Pecados,

cados, parcialidades, ambições, cobiças, diuisões, & soberba facilitaraõ o passo pera desembarcar o Duque, com tão euidente risco & perigo, que pareceo locura & temeridade. Assim o entendeo hum grande Capitaõ, que com liberdade lhe disse estas palauras. *Esta desembarcacion, màs fue de Capitan mancebo, que de la persona de la edad de V. Excelencia.* Respondeolhe o Duque sorrindose. *Segun las ocasiones, han de ser los hombres unas vezes viejos, y otras moços.*

Pouco custoso fora o reparo deste dano, & facil o remedio pera se impedir ao inimigo, se neste rio houuera hũa boa armada, que fora cortar o passo à Castelhana: mas como esta saltava, não achou resistencia, que a impedisse. Colhemos destes antecedentes, a grande necessidade que este Reyno, & principalmente Lisboa, tem de armadas, & mais armadas. Pouco necessita dellas hum Reyno situado no sertão, & metido pella terra dentro: mas Portugal, com tantas Barras & Portos maritimos abertos, tem dellas grandissima necessidade.

Admittamos (o que Deos não permita) que o inimigo ganha a villa de Santarem, & nella se faz forte, & que occupa a barra de Lisboa, com hũa poderosa armada, impedindonos o tratto, o commercio, & o socorro. Se não tiuermos outra com que o rechazar, & expellir, digaõ nos es Capitaães de experiencia, as traças, os ardis, & os estratagemas

mas com que nos hauemos de defender, & conser-
uar? A infantaria, com outra se derrota: os caualllos,
com outros se desordenaõ, & as armadas, com ar-
madass se desbarataõ & destruem. Como he logo
possiuel, que Lisboa sem grande armada se de-
fenda?

Confessamos, que dirâ algum innocente, que
poucos dias ha, que hum certo engenheiro se offe-
recia a hir por baixo da agoa, com certos instru-
mentos, a queimar a armada do inimigo, quando
se imaginaua que viesse. Homem deue este de ser
de grande folego, & que será hum famoso buzio:
mas não vemos a infallibilidade & efficacia da tra-
ça. Outros, que a seu juizo parecia discursauaõ me-
lhor, formauaõ hũa cadea de pao (metida no rio
pera impedir às armadas não sobissem assima) lan-
çada da torre de Bellem, à torre Velha. Menos pre-
judicial seria esta, que as que se fazem de ouro nas
fronteiras. Esta tambem se ouuera de conuerter no
mesmo metal, que o tempo faz hoje estes mila-
gres. A mais certa, prouada, euidente,
& segura, são armadas, & mais
armadas.

CAP. XII.

*De alguns arbitrios Militares propostos
ao Autor, sobre a fortificação
de Lisboa.*

POr occasião das materias precedentes, nos pareceo conueniente assentarmos, & collocarmos neste lugar, algũas aduertencias, que certas pessoas de authoridade & respeito, & com experiencia da guerra, zelozos do bem de nossa conseruação nos fizeraõ, em ordem à fortificação maritima de Lisboa. E postoque seus arbitrios padeçaõ muitas contradições & difficuldades, com tudo, não se deuem condenar, mas estimar, & agradecer. Porque a obrigação do Capitaõ experto, & soldado valeroso, he ser muito solícito, & cuidadoso de tudo o que pode acontecer pera bem, ou daõ proprio. E assim querem os expertos, & prudentes, que haja de adeuinhãr, & anteuver todos os ardis, traças, & estratagemas, com que os inimigos o podem offender, & inquietar.

Proua grandemente este discurso o famoso historiador Pluturcho, dizendo: *Boni Imperatoris est, non tantũ consulere rebus instantibus, sed deuinare de venientibus.*

tibus. Quer dizer. O bom Capitão, não só ha de discursar muito nos accidentes da guerra, mas taõ-bem ha de anteuver & adivinhar, em certo modo, os successos, & contingencias della. Por este respeito, pintra discretamente Homero ao celebrado Capitão Vlysses, com asas, em significação das do pensamento; com que voava, preuendo os accidentes futuros. Este singular dom, & taõ importante calidade, grangeou fama eterna, ao taõ a famoso Marques de Pescara, a quem Italia, & o mundo celebrou, dizendo d'elle, que era dotado de hum *Prudente Anteuver.* O nosso Camoës, com as grandes experiencias que teue, descreue nestes versos, & confirma grandemente este assumpto, que vamos dilatando. Assim discursa, no Canto octauo. octaua 89.

*Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte,
Imittar o illustres, E igualallos:
Voar co pensamento a toda a parte,
Adivinhar perigos, E evitallos.
Com militar engenho, E sutil arte,
Entender os inimigos, enganallos:
(rer tudo em fim; que nunca louuarei
O Capitão, que diga, não cuidei.*

Iustificado o intento, & animo de quem nos censura, he necessario & forçoso estender, & propôr os seus Arbitrios Militares, pera que a repolta que lhes dermos, melhor se conheça, & julgue por bastante. Assim discursão, & assim praticaõ estes Capitães zelosos nos seus Militares Arbitrios, sobre a segurança de Lisboa.

Arbitrio 1.

Se o inimigo se deliberar a entrar como a sua Armada pello rio assima, & se puzer desde o pontal de Almada, atè o rio de Sacauem, com este cerco lhe tirará o socorro: & assim se reproua a confiança do Autor, que ouuera de tẽr a Lisboa acompanhada de mais fortificações da nossa parte.

Arbitrio 2.

Entre os soldados de experiencia se pratica, que o sitiante esta Cidade, ha de ser com o cerco de nauios, na forma referida, & cõ hũ arrezoado exercito por terra. A este tal aperto, se ha de preuenir resistencia, que firua, não só pera a occasião do inimigo presente, mas contra as de mayor conjuração. E assim conuem preuenirselhe o remedio, que por esta consideração se aponta, que se feche a passagem do rio, com hũa forte cadeia, lançada, & estendida da torre de Bellem, à torre Velha. E

com essas preparações, se segura o intento do Autor.

Arbitrio 3.

Temse aduertido, que a fortaleza do Outão, na entrada da barra de Setuual, está demigra, na offensaõ que conuem. Serà de grande consideração mandalla reforçar; & tambem prouer os Baluartes do rio desta Cidade, de tão boa artelharia, que se não attreua o inimigo a commetter sua entrada. E logo será este o remate, com que ficará esta Cidade no estado, como o Autor quer o esteja, & segura da inuasão dos inimigos. Estes são os arbitrios militares, que se nos offerecerão, pello zelo de certos soldados praticos.

C A P. XIII.

Em que se responde, & satisfaz aos Arbitrios propostos.

Responde-se ao primeiro.

A O primeiro arbitrio respondemos, que a Armada inimiga, estendida por este rio até Sacauem, nunca pode impedir a Lisboa os socorros, assim do mar, como da terra. Os do mar, porque

porque vindo hũa Armada grossa dos Principes noll-os confederados & amigos, como acha a Barra desempedida he força, que entre por ella liuremente, & com toda a segurança, emparada com a artilharia das Torres; & passadas ellas, pode subir pelo rio affima, sem perigo nem dano algum. A razão he; porque como a Armada do inimigo, ha de estar estendida de Lisboa até Sacauem, & segura sobre ferro (como do arbitrio se colhe) não pode tão depressa vnirse & formar-se em esquadrão natural, pera resistir à armada de socorro que entra. Antes esta terá tempo & lugar, pera se ordenar & compor de tal modo, que não só possa resistir ao inimigo, mas desembarcar a gente, que tras de refresco, sem hauer quem o impida. Logo, estando a Armada inimiga estendida de Lisboa até Sacauem, nunca lhe pode impedir os socorros, que lhe vierem por mar.

Não pode tambem esta armada contraria tolher, & impedir a Lisboa os socorros, que lhe vierem por terra, como mostramos neste discurso. Esta Armada ha de estar estendida de Lisboa até Sacauem, & dalli não ha de passar: assim porque o arbitrio, não dispoem, como porque os nauios grandes, não podem subir & nauegar mais, pella falta do fundo, como he publico & sabido. Logo, de Sacauem até Abrantes, tem lugar todos os socorros que

E 2

vierem

vierem de Alentejo, pera se passarem desta banda daquem, & decendo pello Ribatejo, podem seguramente virse recolher em Lisboa, sem hauer quem o impida, & diuirta, pois lhe ficaõ vinte & hũa legoas de distancia, de Abrantes até Sacauem, desempedidas & desembaraçadas, pera se passarem desta banda, & marcharem até Lisboa os socorros, ou em corpo de guerra, ou em mangas soltas.

A razão deste nosso parecer he; porque a Armada inimiga, não se estende mais que de Lisboa até Sacauem: logo, de Sacauem pera sima fica liure & desimpedido o passo pera toda a gente de socorro passar da outra banda a esta nossa. Nem o exercito inimigo (que hauemos de presupor, ha de estar visinho a Lisboa) pode impedir estes socorros: a razão he. Porque este não pode estar formado em outra parte, se não for em Alcantara, aonde estene a outra vez. Mal pode logo, dalli diuertir os socorros do Reyno, que decerem a Lisboa.

Prouase este discurso. Este exercito inimigo, ou ha de estar todo vnido & formado no lugar de Alcantara, ou separado & diuizo em partes, pella circumferencia, ou distancia, que pella parte da terra tem Lisboa. Se estiuier vnido, he força que da parte desta Cidade, esteja alojado o nosso exercito sobre a ponte de Alcantara, aonde estene em outra occasião, com o rosto ao inimigo, & com as costas à Cidade,

à Cidade, & composto sobre a eminencia, que a terra faz sobre a ditta ponte, & com os lados fortificados & seguros, & particularmente o direito, que foi a falta que o derrotou, & descompoz, no anno de 1580. como deixamos escrito, nos Capitulos passados. Mal pode logo o exercito Castelhano, estando à vista do Portuguez (que presupomos de necessidade ha de auer) impedir os socorros, que do Reyno decerem a Lisboa.

Comtudo admittamos & concedamos hum absurdo, hum erro intollerauel, & hũa falta alhea de toda a razão, contra a militar experiencia, qual he; que não haja tal exercito Portuguez (o que se não pode dizer, nem ouuir) nem assim pode o exercito inimigo impedir os socorros por terra a Lisboa. A razão he; porque como esta praça (cõforme as verdadeiras medidas geometricas, cordeada pela parte da terra) tenha quatro mil, cento, & setenta & cinco braças de comprimento; he impossivel, que o exercito Castelhano possa aquartellar tão excessiua distancia: que tanta se mede de Alcantara, até Santa Apollonia.

Dizemos mais, que he materia muito digna de reparo, admittir este exercito inimigo alojado em Alcantara, ou diuidido, sitiando Lisboa. A razão da duvida he; porque este exercito pera se pôr sobre Lisboa, ou ha de vir por terra, ou por mar. Se

por terra, ou ha de vir ganhando, & rendendo as praças de Portugal, ou as ha de deixar atras, com suas forças? Se as ouuer de vir conquistando, & rendendo, ha de gastar muito tempo na conquista, & perder muita gente nella, com que não ha duvida, que se diminuirá muito o poder inimigo, & que ficará incapaz de vir sitiar Lisboa. E assim, ou virá cá, ou não. Se tambem se differ, que este exercito deixará as praças do Reyno sem as offender, por vir todo vnido & forte a Lisboa: este arbitrio se nega; porque cousa certa he, ser contra a pratica recibida de guerra, passar hum exercito auante, deixando forças inimigas nas costas.

CAP. XIV.

Continuase a resposta do primeiro Arbitrio, & comprouase com exemplos.

COm muitos exemplos poderamos prouar esta militar Maxima, recebida & praticada: mas baste só este. Quando o Emperador Carlos Quinto, no anno de 1535. foi sobre o Reyno de Tunes, que ganhou valerosamente (com hum poder tão grande, que passaua o numero dos soldados.

dados, mais de quarenta mil homens) não quis ir sitiar a Cidade, sem primeiro render a força da Goleta, que distava de Tunes, quasi tres legoas, dizendo, que não era lanço de Capitão prudente, passar adiante, sem render todas as forças inimigas, que ficão atras. Porque do contrario pode proceder, ou pôr em duvida a vitoria, ou dar aos inimigos occasião, a que saião de suas estâncias a inquietar o exercito. Este parecer se seguiu & approuou, ganhando-se primeiro a Goleta, & logo despois a Cidade de Tunes, como escieuem todos os Authores Espanhoes, & particularmente Sandoual, na vida & feitos do Emperador Carlos Quinto, na 2. parte, liuro 22. §. 12.

He esta maxima & pratica, tão assentada & usada na milicia, que sô a podem ignorar aquelles, que nunca viraõ guerra, nem leraõ os feitos de armas, que andaõ pellos liuros, donde tiraõ noticias verdadeiras & certas os curiosos, a quem falta a praxi & experiencia. Desta tinha muita o cossario Barbarroixa, que não ha duvida, que entre os Barbaros, foi Capitão experto & valente. Estava este, tão certo de que era causa da destruição de hum exercito, passar auante, deixando forças inimigas atras; que assentava todas as esperanças de seu vencimento, em que o Emperador Carlos Quinto, fosse logo a sitiar a cidade de Tunes, deixando a força da Go-

leta inteira & em pês; porque desta havião de salhir os Turcos a impedir os bastimentos & viueres aos Espanhoes, com cuja falta, logo eraõ destruidos. Assim escreue Sandoual, na 2. par. liuro 22. §. 12. cujas proprias palauras repetimos, pera mayor abonação de nosso intento.

Consideraue Barbarroja, que el Emperador, no diuidiria su exercito. Y menos crehia, que el Emperador dexaria la Goleta atraz por conquistar, hauiendo en ella tanta armada, y tanta gente, por ir a la conquista de Tunes, quedanaole los inimigos a las espaldas, que le podian impedir los bastimentos, y romper sus pensamientos. Y que si el Emperador lo hazia, era cierta su victoria, y perdida del Emperador. Assim que, Barbarroja se determinou en fortificar la parte de la Goleta, que mira hysa Cartago. Até aqui diz Sandoual, & do referido bem se comproua, que as regras militares, naõ permittem passar hum exercito adiante, deixando forças inimigas atraz; que infalliulemente, lhe haõ de impedir os bastimentos, & as virtualhas, o que he causa certa de sua destruição. Naõ são os Castelhanos taõ necios, que tal intentem; & se o fizerem, venhaõ, que elles o pagaraõ.

Inferese logo destes antecedentes certos & comprovados, com a larga experiencia, que o exercito inimigo, ha de vir por mar a Lisboa, assim como veio a Cascaes, no anno de 1580. Porque naõ tem outra estrada & caminho, por onde possa vir & entrar.

entrar. Logo por mar ha de vir. A este discurso politico, se oppoem tres grandissimas difficuldades, & resistencias, que se conhecẽ no tempo presente, em que as cousas estaõ em outra altura, & em differente disposiçaõ, das que occorreraõ no tempo passado. E saõ tão poderosas & efficazes, que moralmente falando, representaõ ser cousa impossivel entrar hoje em Lisboa, naõ sò armada naval, mas exercito por terra. O que mostramos com este formal & pratico juizo, ajustado com as maximas, & exemplos militares, que tiramos dos liuros, que escreuem da Milicia, donde tira as noticias necessarias & certas o curioso, que a isto se applica, & sem ler, naõ ha saber.

C A P. XV.

Multiplicaõse novas razõs sobre o assumpto, & responde-se a hum nouo ardil.

A Armada inimiga, em que ha de vir o exercito Castellhano, naõ ha de desembarcar em Cascaes, como da outra vez; porque està o lugar impedido, com a grande fortificaçaõ noua. Ha logo, necessariamente, de vir esta armada
 buscar

buscar a barra, & passar pellas fortes torres della, & desembarcar toda a gente nas prayas de Bellem. Este intento parece, moralmente, impossivel no tempo presente, & serà a pratica delle, hũa total ruina dos baxeis inimigos. O que facilmente persuade a prudente resolução, que Frâncisco Draque, General da armada Ingreza, tomou na occasião, q̃ veo sobre Lisboa, com hum Principe, que quiz ser pertencor ao Reyno. Que foi no Anno, de mil & quinhentos & oitenta & nove.

Procuraraõ os Ingreses, com todas as forças, traças, & ardis passarem com a sua armada pellas torres da barra, & virem sitiar Lisboa. Com tudo, como as forças das torres eraõ grandes, resolueraõ em conselho pleno de Capitaes mui praticos & expertos, que era impossivel, passar hũa armada por entre as torres, sem euidente perigo de sua destruição. Que só em hum caso poderia ser possivel esta passagem, mas com hum estratagemma muito custoso & difficil, qual era, meter entre dous navios mancos & mercantis, hum de guerra da armada; porque desta sorte lhe ficauaõ os navios servindo de defensão & barbacã, contra os pelouros da artelharia das torres. Mas como estes navios mancos faltavaõ, não se atreueo o Ingres a passar com a sua armada por entre as torres de São Giaõ & Cabeça Secca.

Mal poderaõ hoje logo os Castelhanos passar por entre ellas, com a sua, que ha de ser grande; assim porque as forças das torres, são no presente muitas, & mayores que as antigas, como tambem; porque não pôde hauer tantos nauios mancos, pera reparo & escudo dos nauios de peleja. E destes, se com a maré & vento forte, poder escapar algũ, que passe pello canal, não he possiuel, que passem dous por entre duas forças tão grandes (que quasi se estaõ dando as mãos) sem que os metaõ no fundo. E não sò difficultoso, mas ainda impossivel parece a todo o bom juizo, que a armada inimiga vença tanta resistencia, & que venha sitiar Lisboa, & que desembarque em terra toda a gente que trouxer pera o sitio. As outras duas resistẽcia & difficuldades grãdes, que os inimigos haõ de vencer, pera poderem subir pello rio assima, mostraremos nas respostas & soluções dos seguintes Arbitrios.

Como quem faz a casa na praça, huns dizem, que he alta, outros, que he baixa; vio & leo hum grande mestre militar (mas sò na sua estimacão, que elle nunca vio guerra) estes nossos discursos, & disse, que facil cousa era passar a armada inimiga por entre as torres com este artil & traça. Tomẽ os inimigos duas naos cheas de palha mezclada com breu, & encostemnas as torres, a cada hũa sua, & logo fará hũa tão grande fumaça, & tão denla

denſa & eſpeſſa, que cegarà os artilheiros dellas de tal modo, que não poſſão ver couſa algũa pera atirar aos navios, & o meſmo os ſoldados. E deſta forte, & com eſte engenho, paſſará a armada inimiga, ſem riſco por entre as forças. Eſte he o parecer deſte ſoldado da agoa doce. E eſtã tão pago delle, que eſpera grandes merces por eſte alaitre: mas diz, que reſerva em ſegredo as contradicções & deſfeita do eſtratagema referido, com que ſe pode impedir.

Approuarão alguns dos circunſtantes o arbitrio, por ſerem peſſoas do meſmo talento & faculdade. Eſta approuação & acceptação nos obriga a lhes reſponder; porque não fiquem preſumidos de inuentores de hũa couſa, que padecer tanta repugnancia & contradicção. Reſpondemos, que a traça & o engenho que he excellente, mas com hum requiſito & condição, qual he. Que eſtas duas naos cheas de palha, haão de ſer de arremeſo & de viſco ou grude, q pegue muito, porque deue os inimigos de fazer cõ ellas tiro às torres, pera que peguem nellas: porque ſe não for aſſim, ſe não que ſejaõ de madeira, quem aſha de leuar & pôr naquelle lugar, que o não metão no fundo, antes de executar o effeito? E mais ſendo ali o canal tão largo, que tem mais de hũa legoa de largura.

Com tudo dado (mas não concedido) que achem os ini-

os inimigos traças, pera a seu salvo encostrarẽ estas naos nas torres, & que fiquem nellas pegadas como grude. Dãolhe fogo em tempo que venta Norte, ou Nordeste; em tal conjunção, nenhũa offensa pode fazer o fumo às Torres, nẽ cegalas com fumo; antes este irá dar nos inimigos & cegallos a elles. Pode tambem ser occasião, que vente ou Sul, Sudueste, ou Noroeste, ou Veste. Com qualquer destes ventos que cursarem, nenhum aggrauo pode fazer o fumo das naos às Torres. A razão he; porque a Cabeça Secca, fica à parte do Nascente, & a de São Giaõ, fica ao Poente, & nesta forma, nunca nenhum destes ventos as pode cegar. Mal discursa logo este Arbitrante bellico, & frustrado he o arbitrio, que elle tanto encarece.

Hũa soluçãõ poderà elle dar, ou fazer hũa replica contra esta nossa reposta, dizendo, que são os inimigos tão ardilosos, que farão naquella occasião, que juntamente ventem & cursẽm dous ventos contrarios & oppostos: conuem a saber. Vente Noroeste, contra a Cabeça Secca, & Sudueste, ou Sul, contra a de São Giaõ; & que desta sorte cegará o fumo das naos ambas as Torres, & em tal caso passará a Armada Castelhana liurementẽ.

Respondemos, que se os Castelhanos tem tanto poder, que podem fazer com os Ceos, que juntamente despidaõ dous ventos contrarios, que entrão

se configuirá o intento do Arbitrante. Mas não tendo elles poder nos Ares; menos que de ar, fica sendo a replica & a instancia.

Dous casos queremos referir a este intento. Governando este Reyno aquelle grande Bispo de Coimbra, Dom Affonso de Castelbranco (que tão christãamente soube despende o seu grosso patrimonio, sem attenuar as esmolas dos pobres, por edificar Palacios a seus parentes) vinhaõlhe apertadas cartas de ElRey de Castella, pera que fizesse partir as naos da India. E como não partiaõ por falta de vento, respondeo o Bispo a ElRey hũa breue carta, que continha estas palauras. *Senhor, eu conheço a Vossa Magestade por muito poderoso, mas não por todo poderoso, que nos dê o vento, que nos falta.* Ao discreto Marquez de Alenquer, sendo Visorrey de Portugal, aconteceu outro tal. Estauaõ as naos de vergad alto, & não partiaõ por falta de vento. Escreueolhe ElRey apertadamente, que partissem. Respondeolhe assi. *Las naues están aprestadas, y no parten por falta de ayre; que todo lo de acá depende del ayre.* Não tem logo os Castelhanos poder sobre os ventos, & assi estamos, neste particular, seguros & liures do mal que teme o Arbitrãte.

CAP. XVI.

Responde-se ao segundo Arbitrio.

NA reposta precedente do primeiro Arbitrio, fica em parte respondido o segundo. E assim o que de nouo acrescentamos, he satisfazer a hum ardil & traça de fortificação, com que o Arbitrio intenta impedir o passo à Armada inimiga, em caso, que vença a grande difficuldade das Torres. Consiste a traça & artificio militar, em que se ha de lançar hũa cadeia forte, dura & grossa, da torre de de Bellem à torre Velha. A qual totalmente impedirá a passagem à Armada do inimigo. E com esta preparação ficaremos seguros..

Satisfazendo a este Arbitrio & engenho da cadeia dizemos; que contem grandes faltas & inconvenientes, & que he cousa impossivel. O nosso fundamento he. Esta tal cadeia, ou ha de ser tão forte & grossa, como foi a da boca da Goleta em Tunes? ou ha de ser de menos força & sustancia? Se for delgada & fraca, vão & perdido ficarão feitio. Se ouuer de ser tão grossa, como a referida, não he possivel obrarse, & a razão he. Porque a largura & distancia, que vai da torre de Bellem à torre Velha (pelas

n. edi.

medidas geométricas, feitas pelos peritos Cosmographos) consta que contem mil, setecêtas & treze braças, constando cada braça, de dez palmos, & cada palmo, de treze dedos, conforme a doutrina de Apiano, na sua Cosmographia, primeira parte, cap. 2. Sendo pois esta a distancia, tão excessiua & comprida, aonde se ha de achar ferro pera cadea tão longa?

E em caso que se ache, que forças ha de hauer, que sostentem peso tão graue & immenso? A da força da Goleta (que por exemplo se tras) era factiuel; porque a boca da garganta, por onde entra o mar a fazer o lago de Tunes, tem pouco mais de trinta braças de largura, como dizem os Cosmographos, & particularmête, Georgio Bruin, & Francisco Hogenibergio, na Descripção das Cidades do mundo, no liuro primeiro, tratado de Tunes. Sandoual, na 2. par. liuro 22. §. 13.

E nesta limitada distancia, factiuel era a forte cadea, com que os de Tunes se defendião. Mas cõ fer tão forte & grossa, como os Authores escreuê, não pode resistir à violencia dos golpes, que lhe deu o nosso celebrado galiaõ S. João, chamado o Botta fogo, com a dura serra de asfo, que leuaua pello tallamar da proa, com que a rompeo, & fez em pedaços, com tanta reputaçã & credito do nome Portugues. O successo mostraremos abaixo com parti-

particularidade grande, já esquecida & sepultada; porque estamos na era do esquecimento.

Duas consequências se colhem & inferem do exemplo referido. A primeira. Que o engenho da cadea, não he remedio efficaz & poderoso, pera impedir a Armada inimiga, que não suba pello rio assima; porque assi como houve hum galcaõ forte, que rompeo a de Tunes, assim pode hauer outros, que cortem & rompaõ a de Lisboa. A segunda consequencia he, ser impossivel laurar-se cadea tão comprida, que chegue da Torre de Bellem à Torre Velha, pella grande distancia de mil, cento & treze braças, como já tem os escrito. Remedios impossiveis infamaõ a experiencia, & são discreditados do bom juizo. Neste particular reprouamos o Arbitrio, por ser de materia moralmente impossivel; porque nem ainda que esta cadea fora de arame (& tão delgada como as com que se fechaõ as malas) com grande difficuldade se achará materia pera esta fabrica & artificio, tão longo, & tão comprido.

Outros soldados presumidos de praticos, querem que esta cadea seja de madeira. Não ha duvida, que a traça he tão nova & peregrina, que não ha memoria de cousa semelhante. Dizem estes mestres da Milicia, que se ha de formar de grossos mastos, presos huns nos outros, & com isso se daõ

por seguros & quietos, & que com ella se impedirá o passo à Armada inimiga. Em verdade, que não pode hauer Arbitrio mais aerio & ridiculo, como he claro a todo bom juizo. Se o mar de Lisboa fora tão baixo como o rio de Bintão em Malaca, mais a proposito fora fazer outra estacada como aquella de pao duro, entulhada & tão forte, que affirmão as historias da India (como o refere Ião de Barros, na terceira Decada, liuro terceiro, capitulo quinto) que era mais forte que hum muro de pedra & cal. Outra tal fortificação fez ElRey Mocrim em Ormuz pera defenção da Cidade de Barem: mas nem hũa, nem outra pode resistir às forças Portuguezas, & pelouros de suas bombardas; porque em breue tempo forão todas desfeitas pella industria & valentia de Antonio Correa, que com tanta gloria sua, ganhou estas duas praças referidas. Este reparo & defenção não se pode praticar no rio de Lisboa, que em partes tem tanta profundidade & altura, que
 passa mais de quarenta
 braças.

C A P. XVII.

Declara-se o proprio Arbitrio, que inculcamos, pera maior segurança do rio de Lisboa.

SVposto que com tão viuas razões deixamos reprovado este arbitrio, parece obrigação, que quem contradiz hum remedio, inculque outro de melhor effeito & virtude. Assim o fazemos & declaramos o nosso parecer nesta forma, tanto pera melhor defensão de Lisboa, como pera maior resistencia & poderoso impedimento pera não subir a Armada inimiga pello rio affima. Da torre de Bellem, até as areas da outra banda da Trafaria, se deuem pôr quantos nauios couberem naquelle canal, com as proas ao mar, todos sobre ferro, & o mesmo nas poupas, & assim muito unidos & seguros, se podem fazer nas poupas hûas platômas de madeira todas pouoadas de artilharia caualgadas em suas carretatas, com as bocas ao mar, acõpanhadas de seus cestões de terra, na forma que se vfa & pratica.

Esta cadea he mais forte & segura, & nunca a Armada inimiga a pode cortar & rōper; porque a

muita artelharia, que pode esta ponte jugar, he poderosa & bastante pera destruir as maiores armadas do mundo. Esta defensão he mais segura, esta traça he a de maior força, este arbitrio he o mais possivel, & tão conforme ao intento, de que se trata, quanto approuado & engrandecido pellos mesmos Castelhanos, quando no Anno de mil & quinhentos & oitenta, inuadiraõ este Reyno, & o que mais louuaraõ & engrandeceraõ, & o que mais os intimidou, foi esta mesma traça que deixamos escrita.

Este parecer seguimos, & este só arbitrio approuamos, assim porque a boa razão o persuade, como porque tantos homens praticos & de nome o approuaõ. E posto que aos especulatiuos se representaraõ alguns inconuenientes (& sò dous alcançamos) como são a pouca firmeza desta cadea nautica, & naval, pois o fundamento sobre que assenta he o mar, symbolo & figura da mesma inquietação & inconstancia. O outro he, os nauios do fogo, que postos na vea da agoa na enchente da maré, necessariamente haõ de vir marrar com esta cadea, & topar com esta ponte, com o que se abrazará infallivelmente. Estas são as maiores duas difficuldades & os maiores dous perigos, que se podem armar contra este arbitrio. Mas como são tão contingentes & fallueis, sempre esta traça & engenho

se abraça mais que as outras, cõ o intento daquelles, que trataõ da segurança de Lisboa. E pera maior satisfação dos amigos das outras cadeas, queremos responder em particular a estes inconuenientes, que apontamos em seu nome.

Respondemos ao primeiro, que não negamos poderse alterar o mar, & inquietar muito a cadea dos nauios: mas como a vinda do inimigo ha de ser em veraõ, tempo deputado pera as guerras, neste ordinariamẽte vemos os mares quietos, & sem as alteraçõs & furiosas tormentas do inuerno. E assim he de crer, que o tempo nos ajude, & que a ponte dos nauios dure por muito tempo, firme & segura, pera os effeitos de que tratamos. Muitos exemplares poderamos referir de semelhantes traças & engenhos, que durãrão & permanecerão, sem receberem offensa algũa das agoas. Mas baste este por ser mais celebrado dos Antigos.

O Emperador Cayo Caligula empredeo fazer hũa ponte de nauios, na Enseada do porto de Bayas em Campania, de hũa ponta da terra â outra; a qual he tão dilatada & larga, que tem mais de tres mil passos de distancia. Esta ponte se fabricou sobre duas ordens de nauios, tambem anchorados, que estauão fixos & firmes. Por cima delles, mandou fazer hum terrapleno de madeira, com grande quantidade de terra em cima, tambem assen-

tada & vnida, que parecia hũa rua de Roma. E sobre ella mandou edificar muitas casas & aposentos, como se fora algum lugar ou Cidade.

A esta ponte veo o Emperador com toda a nobreza & caualaria Romana, & depois de a passear muitas vezes, dormio hũa noite nella, mandando acender tantas luzes, que venciaõ o escuro da noite. Teue este Gentio tanto gosto desta obra, que dezia & se gloriaua, que fizera da noite dia, & da agoa terra. Acabarãose as festas, desfesse a ponte, que hauia estado tão firme. Não se pode negar, que se o mar Mediterraneo he tão cortès, que o Occeano, por mais grandioso, seja mais liberal na cortezia. O tempo do veraõ o promete, como comproua a experiencia de cada dia.

Ao segundo inconueniente damos por resposta, que nem sempre estes nauios de fogo, são de effeito, como em muitas occasiões se tem visto, & em particular, naquelle famoso cerco da Cidade de Anuers, em Flandes, no Anno de mil & quinhentos & oitenta & sinco. Pos o Principe de Parma sitio sobre a Cidade, & pera o poder fazer melhor & passar o exercito sobre ella, mandou fazer hũa ponte de madeira, sobre barcas anchoradas & prezas com fortes cadeas, & vendoa os cercados (esta tomoua toda a largura do rio, & por ella passauão os soldados com muita facilidade) intentaraõ quei-

mar

mar esta ponte com nauios de fogo, lançados na corrente da agoa; mas não foraõ de effeito, porque o Principe os diuertio com facilidade. Com a mesma os podemos impedir, pera que não offendão a cadea de nauios, que deixamos debuxada por letra. Alem do que, nos Gouropezes delles, se pode formar hũa esteira de madeira comprida, que totalmente impida, que o artificio de fogo offenda a nossa cadea de nauios.

Naõ he esta traça noua (se não pera aquelles, que sem a lição de liuros presumem de muito noticiosos, & são os mais, por nossa desgraça) porque se lermos as historias da India acharemos, que o grande Duarte Pacheco se defendeo, com o mesmo reparo, de oito machinas disformes de madeira, providas de muito boa artelharia & fogo. E assim passou este successo. Mandou o Camory fazer oito Castellos de madeira fortes, grandes, & altos; cada hum delles, fabricado sobre dous paraos, em altura de vinte palmos, trazidos por dez homens, que vinhaõ remando, mui providos de gente, & de pelouros, & de muitas panellas de poluora.

Esta guerreira traça (que à vista era muito temerosa) pos em grandes esperanças ao Rey gentio, de destruir de todo aos Portugueses; os quaes com poucas carauellas, confiados em Deos, no va-

lor de seus corações & forças de seus braços, ordenarão ao pé do masto de cada carauella (que estauão com as proas ao mar) hum castello forte de madeira da mesma altura, que os das machinas inimigas, prouidos de muito boa artelharia. Nas proas das carauellas atraueßaraõ dous mastos grandes, pera impedirem aos Castellos de madeira, que não chegassẽ aos nossos. Tinha o Camory no mar, mais de duzentos paraos atulhados de frecheiros, & outros muitos barcos com a mesma prouisaõ: & em terra hum Exercito, que passaua de quarenta mil homens.

Começou-se a briga por mar, não puderaõ chegar aos nossos, mais que dous Castellos de madeira, os quais impedidos, pellos mastos das proas das nossas carauellas, não effeituaraõ queimallas: mas a nossa artelharia, que estava nos castellos das proas, teve tanta virtude & efficacia, que arruinou totalmente & desfez todas as traças & machinas dos Mouros. Os nossos alcançaraõ aquelle dia a mais celebre & famosa vitoria de quantas a Antiguidade celebra. Assim escreue & certifica João de Barros, na primeira Decada, liuro septimo, capitulo septimo. E por aqui satisfazemos largamente às objecções do segundo

Arbitrio.

C A P. XVIII.

Da se satisfação & reposta ao terceiro Arbitrio.

R Espondemos ao terceiro Arbitrio, que em tudo nos conformamos com elle, & assim cõuimos em que a fortaleza de Outão, na entrada da barra de Setuual, està diminuta na offensaõ que conuem; & que serà de grãde consideração mandalla reparar com todas as forças. E não nos deue estimular pouco ao empenho desta obra a lembrança, de que a Armada Castelhana (no primeiro Anno de nosso catiueiro, gouernada pello Marquez de Santa Cruz, Dom Aluaro Bazan) por este mesmo lugar entrou, embarcando nelle todo o exercito Castelhana, pella pouca força & resistência, com que aquellas Torres se achauão entãõ. Muito importa logo a grande fortificação dellas. A mesma conuem se façanos Reductos, que correm de Cascaes atè São Ioseph, plantandolhes mui boas peffas de artelharia, que serão de grandissimo effeito. Em Peniche fora de grande importancia hum forte, no lugar de Nossa Senhora da Consolação; porque com ella se impedirá desembarcar o inimigo

inimigo na praya, diuertido com a artilharia do forte & da fortaleza da Villa, & se houuera esta preuenção, nunca alli desembarcara o Ingres nos tempos passados.

Por aqui concluímos com a reposta & satisfação, que damos aos Arbitrios Militares referidos, & das nossas repostas fazemos juizes todos os bons entendimentos, & expertos na milícia. Arte he esta tão nobre, que todos houueraõ de aprender, cõ a pratica & exercicio; porque esta obrigação se foi sempre de homens de valor, tambem foi dos Portugueses, que sempre se emnobreceraõ com a guerra, fazendo honra grande de serem soldados, & destruirẽ fortes & poderosos inimigos. O mundo todo celebra suas proezas & actos de valentia singular, obrados neste Reyno, contra Castella, em Africa, contra os Mouros, & na India, contra os Gentios.

Destá gloriosa vida, & desta mais nobre acção tratou sempre este Reyno de Portugal, & com empenho tão continuo, que diz o grande Ioão de Barros delle, na primeira Decada, liuro primeiro, estas formaes palauras, que muito comprouaõ o nosso intento. *Com este Reyno sempre continuou a guerra, como herança do valor de seus Principes. & dos antigos Portugueses: por onde cõ verdade se pode dizer por elle, ter vestido mais armas, que pellotes.*

Este testemunho nos ha de obrigar a continuar com a herança de nossos Avòs, entregãdose todos, com grande cuidado à milicia, assim pera nos mostrarmos verdadeiros herdeiros de nossos fortes & valerosos antepassados, como tambem, pera intimidarmos o inimigo Castelhana, que não ha duvida, que tanto que poder, nos ha de buscar. Pera esta occasião, importa grande valor, & lembrarmos-nos, que se da outra vez primeira, pelejaraõ poucos Portugueses pella vitoria, agora nesta segunda (que pode acontecer) hauemos de pelejar pella vida, como discretamente disse Iulio Cesar, naquella dura & porfiada batalha, que teue com os filhos do grãde Pompeo em Andaluzia, de que sahio vencedor, com grande custo & força de seu valeroso braço.

O fio & contexto do discurso, que deixamos estendido, nos não deu lugar, a tocarmos a terceira contradição & resistencia, que pode tẽr a Armada inimiga, pera não subir por este rio assima, & desembarcar a soldadesca em terra. Temos ditto extensamente da grande força das Torres, da dura & forte fortificação da cadea ou ponte de navios, posta na torre de Bellem, com a particularidade que deixamos aduertido. E posto, que todo o bom juizo, ha de tẽr por impossivel, que a Armada Castellhana vença estas duas forças & tão grandes resistencias referidas (o que admittimos, mas não concedemos)

cedemos) comtudo fica terceira resistencia, que pode rechaçar & impedir os nauios Castelhanos.

Esta he a nossa Armada Portuguesa, que necessariamente a ha de hauer muito forte & poderosa, assim pera segurança de Lisboa, como pera reputação de nosso credito. Porque de outra sorte, evidentemente arriscamos nossa liberdade, & mostramos ao mundo que não somos gente, que entenda de guerra. Na defensão de hum Reyno maritimo, a fortificação primeira (que até os mininos entendem) são Armadas de grande porder & força. E estas feitas com tempo; porque se as reseruarmos pera quando chegar o inimigo, mal se podem preparar & dispôr; & pouco nos aproueitara o muito dinheiro; porque este despendido a seu tempo, apparece, campea, & luz: & retido & goardado, he muitas vezes causa da ruina & destruição de hũ Reyno. Abra Deos os olhos aos Ministros, a quem toca esta materia, pera que vejaõ o que todos vê, & tanto a todos nos importa. E persuadaõ a Sua Magestade, que Deos guarde, a necessidade de grande poder no mar; o que elles não fazem: porque se não obra, sendo tão necessario & importante, & Sua Magestade o quer; porque tambem quer sua segurança & conseruação, pois he acção natural.

CAP. XIX.

Prouase com exemplos os gloriosos effeitos, que obrão as fortes Armadas.

Consultem os Ministros, a quem toca, esta maxima, & este arbitrio tão triual & claro, com aquelles, que depois de hũa larga & cõtinua experiencia militar, escreuerão com tanta verdade & erudição nesta materia; & acharão, que he resolução verdadeira & infallivel, que hũa praça grande maritima, com difficuldade se rende ao inimigo (que por terra a acomete & sitia) tendo armadas com que por mar o diuirta. Assim o sentem todos, os que melhor escreuerão da Arte de fortificar, & melhor que todos, Bernardim Rocca, na sua Arte Militar, & Empresas Militares, no liuro primeiro, Empresa 15. folhas 9. em que fala gentilmente sobre este assumpto. E mostra com toda a euidencia, que pera os lugares maritimos, a fortificação de maior importancia, são armadas, & mais armadas. E faltando estas, & não as do inimigo, he força que com ellas apertem os cercados, impedindolhes os socorros, tirandolhes os mantimentos,

mentos, tolhendolhes as virtualhas, & pollos em tal aperto, que se rendão por necessidade, & por força.

Com infinitos exemplares poderamos comprovar estes effeitos, que infalliuelmente acompanhaõ a falta das forças maritimas & nauais : mas basta tocarmos alguns, que celebra a Antiguidade. Assi, rendeo a Roma o famoso Pompeo, apertandoa por terra, com exercitos poderosos, & por mar, com fortes armadas, no tempo do Triumvirato de Marco Antonio, Octauiano, & Marco Lepido. Assi, ganhou o valeroso Pandolfo Delfim, hũa forte praça em Alemanha, pondo no mar sómente dez galles de muita força, naõ tendo os cercados algũa, inuestindoa ao mesmõ tempo por mar, & por terra. Iulio Cesar, vsou da mesma traça, quando conquistou a forte Cidade de Marcelha, cõ doze naos fortes. O mesmõ effeito conseguiraõ os Imperiaes, em tempo de Carlos Quinto, se os Marcelheses naõ tiueraõ hũa boa Armada. Assi os Romanos, sogeitaraõ a ElRey Hyeriano, com cem naos fortes. Assi, Scipiaõ, na conquista de Africa, como refere Volaterrano, nos Comentarios, liuro 30. capitulo 12. Assi, ElRey Dom Ioão o Primeiro, de boa memoria, de Portugal, ganhou a forte praça de Ceita aos Mouros, no anno de 1410. em 14. de Agosto, cercando a praça por mar, com maes de quatrocentas
vellas,

vellas. & por terra com quarenta mil homens. Assi El Rey Dom Affonso Quinto, rendeo a praça inexpugnauel de Tangere, com mais de trezentas vellas, & vinte & cinco mil homẽs, no anno de 1459. em 24. de Agosto. Assi rendeo as fortes Cidades de Alcacere ceguer, & Arzila, lugares de Africa, que pareciao inexpugnaveis: mas com tanto poder forao apertadas, por mar & por terra, que foi ficando renderem se, & entregarem se. E isto em tempo, que os mosquetes erao fundas, & bombardas os Arietes & machinas de madeira, com outros instrumentos bellicos.

Melhor que todos os Principes passados & presentes, conheceo o senhor Rey Dom Manoel, sempre felice, o quanto este Reyno necessitava de grandes forças maritimas, assi pera sua conseruação & opulencia, como pera adquirir o glorioso nome de Vencedor inuenciuel, & pera ser temido do Mundo todo. Os meios que escolheo pera estes tao grandiosos fins, foi fazer se o mais poderoso Monarcha no mar, com fortes & duras Armadas, que de Lisboa sahiao, tao continuamente, & com tanta presteza & breuidade, que diz Geronymo Cataneo, no liuro 1. da Arte militar, cap. 4. Que o rio de Lisboa nao produzia & criava peixes, se nao Naos, Nauios, & Galeoẽs artilhados.

E pera que se verifique o intento deste nosso discurso,

discurso, & se imprima & radique nos corações dos que governaõ esta verdade, com que conheçaõ que a defensão mais importante & necessaria deste Reyno, & de Lisboa particularmente, são grandes & fortes Armadas. Fielmente mostraremos, & copiaremos as mais & maiores, que os senhores Reys de Portugal mandaraõ armar neste rio, pera seguraça & firmeza desta Monarchia, & pera gloria do nome Portugues, & immortal fama.

Este quadro naval, & estas sombras imperfeitas da grande potencia & força, que os senhores Reys de Portugal conseruaraõ sempre nos mares, & com que alcançaraõ o imperio & dominio de tantas terras, copiamos de varios Authores (que reparti- das & diuididas as trataõ) com grande trabalho & propria applicação, vendoas nas fontes, que foraõ o Bispo Osorio, Damiaõ de Goes, Duarte Nunes de Leão, Andrada, Mariz, Faria, & outros Chronistas Portugueses. De todos elles formamos & compo- mos este corpo nautico das Armadas, que em todos os tempos houue neste Reyno. No qual occasião pas- sou, em que faltou o dinheiro pera os dotes das se- nhoras infantas, mas nunca pera as forças do mar, como proua o exemplar do senhor Rey Dõ Ioão

Terceiro, no casamento da senhora Empera- triz Dona Isabel, que abaixo se tocca breuemente.

C A P. XX.

Propoemse algũas objecções contra a conveniencia do Cathalago, que fazemos das Armadas Portuguesas, a que se responde.

POde parecer aos que menos alcançaõ, & presumem mais, que este nosso trabalho, he de pouca necessidade; porque todos sabem o grande poder, que os Principes Portugueses pose-raõ no mar; como tambem, porque parece, em certo modo, condenar o tempo presente, em que estas forças faltão, porque as não pode hauer. Não dauidamos, que não faltem alguns Zoylos, que as si censurem o animo fiel de quem escreue, sem intento de offender & aggrauar, mas sò estimulado do amor da patria & de sua conseruação: que só por estes meios se pode conseguir & perpetuar. Com tudo, pois que mouemos a difficuldade, parece razão & justiça, que lhe demos reposta & satisfacção.

A primeira objecção dizemos, que he muito importante & necessario, recopilar nesta breue copia as grandes Armadas, que sempre teue & con-

feruou nesta Monarchia, assi pera maior gloria sua, como pera maior estimulo nosso, vendo neste breue tratado, o que anda dilatado por muitos liuros, pera que os nettos, que oje viuem, immittem os Auôs, que assi se gouernaraõ & regeiraõ, com tanto credito & reputaçãõ.

O que mais approua & justifica esta nossa trabalhosa applicaçãõ, he o conselho do Espirito Santo, que em varios lugares da sagrada Escriitura, nos aconselha, que tenhamos grande memoria & viuua lembrança das cousas passadas, pera assi dispormos & regularmos as presentes & vindouras. *Diligenter interroga Patrum memoriam.* Com grande diligencia perguntai & sabei, o que fizeraõ & obraraõ vossos Pais, pera vos gouernardes por elles, nas cousas, que obraraõ com acerto & satisficãõ. Assi o diz Deos pella boca do Santo Iob, cap. 8. E no cap. 41. do Ecclesiastico nos manda, que nos lembremos do passado, pera regra & aranzel do que occorrer em nossos tempos. *Memento, quae ante te fuerunt.* Vltimamente, no cap. 39. diz assi. Sabei as vidas, as acçoẽs gloriosas, & os feitos claros & de fama dos Varoẽs heroicos, illustres & famosos, pera immittardes o muito, que vos deixaraõ por exemplo. *Narrationem virorum nominatorum conseruabit.*

Esta certa & verdadeira doutrina presuposta
discur-

discursamos & argumentamos assi. Se he obriga-
 ção dos prudentes, lembrarem-se & terem viuas na
 memoria as acçoẽs boas & conuenientes, pera o
 bom gouerno da sua Republica, & conseruação
 della, & os feitos illustres, assi da virtude, como da
 fortaleza & valor, pera os immitar, quando o tem-
 po o pedir. Seruiço grande fazemos logo ao Rey-
 no, & obra muito meritória he, à custa do proprio
 estudo, fazer hum epitome, epilogo, & hũa recopi-
 lação de todas ellas, pera que com mais facilidade
 se saibão & tenham presentes, pera as seguir &
 praticar. Porque se as deixarmos espalhadas pellos
 liuros, poucos as haõ de inquirir & buscar. Ha pou-
 ca curiosidade hoje nos homens, ha muito poucos
 que se applicuem ao que conuem; & por isso se no-
 taõ tantas faltas & erros, em materias de grande
 consideração. O que não fora, se com as formas
 antigas, se consultaraõ as presumpções modernas.
 Algũas de muita substancia poderamos particula-
 rizar: mas abstemonos disso, porque se leua mal o
 censurar & emmendar, & o reprehender.

Com mais gosto se applica muita gente a ler
 pellos liuros das vidas alheas (argumento de ocio-
 sidade grande) pera notar leues defeitos, & pera os
 exagerar. Mal se parece esta, com aquelle galante
 Castelhano, que dizia. *Soy tan inimigo de hablar en las*
vidas ajenas, que por esso no leo el Flos Sanctorum. Em-



preguemonos em saber das cousas passadas, pera
aceitarmos nas presentes, & ganharmos credito &
reputação, & pera conseruarmos esta Monarchia,
q̃ Deos nos entregou a mãos lauadas, como dizẽ.
Este saõ & verdadeiro conselho daua à Ptolomeo
Rey do Egypto, hũ daquelles Setenta Sabios, que
de Iudea conduzio, pera a translação da diuina Es-
critura. Assi o refere o Padre Torres, na Philoso-
phia de Principes, liuro 25. cap. 1. folhas 758. col. 4.

Estas saõ as proprias palauras. *In rerum gestarum
cognitione. in legendis que incumbentium operum libellis, tem-
poris plurimum assumere oportet. Et quæcunque ad conser-
uanda regna, emendandosque hominum mores scripta sunt,
perquirere.* Excellentes documentos daua este Sabio
ao Rey, & a todos os Principes do mũdo, & a todos
os Grandes & Ministros, que saõ as colunas, que su-
stentão hum Imperio, & hũa Monarchia. Em vulgar
quer dizer. *Hase de gastar muito tempo em ler & saber o
que obrarão & fizerão os Antigos, reuoluendo continuamẽ-
te os liuros, que contem os seus illustres feitos, ou seus dicta-
mes & regras discretas & prudentes. E particularmente
deuem inquirir & saber todos aquelles exemplares & succes-
sos, que se ordenão & encaminhão a conseruação do Reyno,
& à emmenda dos roins costumes dos homens.*

Este sabio & prudente conselho seguimos, estas
maximas verdadeiras immittamos, offerecẽdo aos
Portuguezes as illustres obras, heroicas acções, hõ-
rados

rados feitos, & acertados dictames & modos do go-
uerno, dos senhores Reys deste Reyno, cõ q̃ conser-
uarão o dominio, dilatarão o Imperio, grangearão
hõra, cobrarão grãde fama, viuerão respeitados dos
naturaes, & temidos dos estranhos, & fizerão seu
grandioso nome immortal & eterno. Pera que os q̃
hoje viuẽ logrẽ estes nobres effeitos, recõtamos as
obras de seu grande valor, q̃ forão as Armadas po-
derosas, com que este Reyno sempre se conseruou,
engrandeceo & augmentou.

Nesta forma, & cõ este intento, & a este fim tão
importãte, nunca o nosso trabalho pode ser de pou-
ca vtilidade & desnecessario, senão de grandissima
necessidade & importãcia pera a falta q̃ este Reyno
padece de Armadas fortes & poderosas. Seruindo as
q̃ referimos, de poderoso estímulo, & apertado im-
pulso, pera q̃ immittemos os Antigos, se não em to-
do, ao menos em parte; porq̃ quẽ faz o q̃ pode, faz
o q̃ deue. E tambẽ o assumpto q̃ tomamos (como
he de aduertências, pera o q̃ se deue obrar pera nos-
sa cõseruação) pede a formalidade do discurso, & a
materia sobre q̃ escreuemos, q̃ se toquem todos os
exẽplares, q̃ cõ ella tẽ relação & depẽdência. Somos
todos mẽbros deste corpo Portugues, parte deste
todo, & naturaes desta patria, & por taes obriga-
dos a trabalhar, na sua conseruação do modo pos-
sivel & conueniente.

CAP. XXI.

*Justifica o Autor a tenção, & intêto com
que escreue, & dilata-se em mostrar as
forças maritimas deste Reyno.*

Este motiuo nos obrigou a exceder a propria
esphera. A nossa tenção & intento, he pre-
sente a Deos, & elle seja testemunha, que não
escreuemos com animo de censurar & reprehen-
der o gouerno presente, nem de o notar de falto, &
deficiente, mas só puramente de aduirtir, estimular,
& despertar os Ministros, pera o que tanto nos im-
porta. Se hoje faltaõ poderosas Armadas pode ser,
que a causa não he falta de vontade, se não de sustã-
cia & cabedal. E posto que o pouo quer que não
falte, os Ministros affirmão, que o não ha. E nesta
perplexidade & contradicção, será grande ignoran-
cia o condenar, & o julgar, contra parte certa &
determinada; porque neste particular todos falaõ
& todos dizem, mas ninguem proua o que affirmã,
& ou aleuia & disculpa: ou reproua & condena;
porque regra & Axioma he do Direito, que em jui-
zo contradictorio, não basta dizer, mas he necessa-
rio prouar. *Probare oportet, nec sufficit dicere.* Na lei

no principio, ff. *Si quadrupedes pauperum*. He o notar & condenar, hũa sentença rigurosa. Como podemos julgar & sentencear, se não ouuimos as partes, & nem ellas prouaõ os seus ditos? E mal se pode negar aos homens, o que o Direito concede ao mesmo Diabo. Não julgamos, não condenamos, nem arguimos. Aduertimos, lembramos & Estimulamos. Quem quizer maliciar outra cousa, diga, que de Deos differaõ.

Pedimos aos Ministros, passem os olhos por estas nossas aduertencias, & as que julgarem importantes, que as adurtaõ a Sua Magestade, que Deos goarde, & que lhas digaõ pera que se obrẽ & pratiquem. E bem podem dizerlhas, sem temor & medo; porque Sua Magestade, não contradis nem resiste às verdades, que importaõ pera bem do Reyno; antes folga de as ouir & saber. E se alguns descontentes affirmam o contrario, digaõnos, que Ministros desterrou S. Magestade, & que pessoas maltratou, por lhe dizerem verdade? Muita gente fala no ar, ou leuada da mã inclinação, ou estimulada do descontentamento. Dizer não basta, mas he necessario prouar, como já deixamos escrito.

Não sejamos descõtentadissos, que he grãde fallar. Estimemos mais o Mannã do deserto, que as cebollas do Egypto. E se ainda não gostamos este Mannã, a culpa he nossa, & não do Principe; porque nos

naõ queremos dispôr ao merecer. Semrizaõ he grande querermos ver as glorias & descanso prometido por Deos a Portugal, vindo cada qual a seu gosto, & conforme a seu appetite, & taõ pouco ajustados com a obrigação de Christaõ. Reformese & melhorese o Reyno na vida & costumes, ligase a virtude, haja pureza, piedade com amor; & com estas condiçoẽs, promette Deos glorias a Portugal. *Erie mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum.* Diz o jramento do Santo Rey Dom Affonso Henriques, & logo crecera na opulencia & na grandeza. O bom pouo faz o bom Rey, & nunca só por peccados deste, castigou Deos hũa Monarchia inteira. Respeitese o bem publico, & naõ se lhe prefira o particular, que este he o mal, que hoje nos mata, & he a moeda, que neste tempo corre.

Deste procedem infinitos males, & o principal he, causar no entendimento hũa cegueira taõ grande, & hũa neuoa taõ grossa & basta, que nem deixa ver o claro Sol. E por gente semelhante dizia Deos pello Propheta Amos, cap. 8. *Occidet illis Sol in meridie.* Nem tem olhos pera ver a luz clara do meio dia. Appurese a vista com o zelo do bem comum, & do Reyno, & logo se acharaõ meios & arbitrios pera nos fortalecermos & armarmos, seguindo os dictames antigos de Portugal, pondo no

mar forças, com que fiquemos seguros, & dos inimigos & estranhos temidos & respeitados.

Assi o persuade a boa razaõ, & dicta a prudencia excellente virtude, regia verdadeira & infalliuvel, para a boa direcção das acções humanas. Bem conhecemos com tudo, que S. Magestade, que Deos nos guarde & conserue, tomou posse destes seus Reynos, estando taõ attenuados & pobres, que cõ verdade se pode dizer, que naõ sò os achou sem lãa, mas esfolados. Tinhaõ entaõ as ouelhas Portuguezas taes Pastores, que eraõ immittadores & discipulos daquelles, que Deos antigamẽte condenou pelo Propheta Ezechiel, os quaes retrata ao natural, no cap. 34. Fartauaõse estes, & as ouelhas naõ comiaõ, bebiaõ, & ellas suauaõ, vestiaõ, & ellas despidas.

Liurounos delles a diuina Misericordia por sua infinita bondade. Eneste estado naõ se pode negar, que custa muito deminuir o cabedal, quando està taõ salto & tenue, & pede a justiça & igualdade, que a trosquia seja muito sobre pẽtem, porque magoa menos. Mas mais que tudo carrega & peza o importante & viuõ cuidado de nossa defensão & conseruação, a qual sem molestia, se naõ pode conseguir & alcançar. Obremse pois as nossas fortificações, & armadas com tal suauidade (& sem exorções) que luza & appareça a obra, ainda que se-

*Não segue elle do Arabio a lei maldita?
Se tu pella de Christo sò pelepas, &c.*

Claramente proua este Texto, que muitas vezes o perguntar he affirmar: assi passa no verso repetido.

Não se sabe a irmandade?

Valo mesmo que dizer. Sabese muito bem a Irmandade, & sabe-se, que são Irmãos verdadeiros & naturaes. Bem as claras fala logo o Bandarra de El Rey nosso senhor, & de sua Real bondade, & inclinação ao bem. Nunca desta nos pode vir mal. Sò das ilhargas nos podemos temer, se não forem fans, & se não vestirem desta libré do Principe, inclinandose ao bem comum. Mas não sabemos, se se nauega por este rumo, & se segue este Norte, ou se se pratica outra doutrina differênte. Desta procedem todos os males & danos de hũa Republica, como consta de tantos exemplos.

Muitos & graues Doutores antigos & modernos comparão o gouerno deste mundo, de hũa Monarchia, de hum Reyno, & de hũa Republica ao jogo. O Cardeal Hugo, varão doutissimo & muito antigo, da Sagrada Ordem dos Pregadores, o compara, & accomoda ao jogo da Pela. Explica este

grauissimo Doutor estas palauras dos Proverbios, capitulo 8. *Ludens in Orbe terrarum.* Quer dizer. Vía Deos com o mundo & com os homens taes lanços, & taes traças, que parecem de jogo. Assim diz o Cardeal referido. *Totus enim Orbis, est quasi quidam ludus pile, que modo ab alio tenetur, modo ad illum proijcitur, & aliquando diuiditur in partes.*

Construidas estas palauras latinas em vulgar, vem a dizer. *Todo este mundo he mui parecido & semelhãte com o seu governo, ao jogo da pela; a qual hũas vezes anda na mão deste, & outras na daquelle, diuidindose pellos mais jogadores.* Assim vemos no gouerno do mundo. A primeira Monarchia foi a dos Assyrios; depois passouse aos Persas, & Medos; depois aos Gregos; em quarto lugar aos Romanos, & agora està diuidida & emfraquecida.

Nicolao de Lira, segue o mesmo parecer do Cardeal Hugo, explicando as palauras referidas dos Proverbios, dizendo assim. *Ludum faciens de orbe terrarum, qui similis est ludo pile.* Quer dizer. Ioga o Poder Diuino em este mundo à pela, cujo gouerno he semelhante ao mesmo jogo. E assim vemos ordinariamente nelle cescerem huns, mingoarẽ outros; subirem estes a lugares grandes, & aquelles cairẽ delles. Os que ontem erãõ pobres, sãõ hoje ricos & possantes; & os que tinhãõ muitos bens da fortuna, estãõ na maior pobreza & miseria. Esta mudan-

ça, & esta variedade, declara excellentemente o douto Bocarro, na sua Monarchia Lusitana, Octava 96.

*Verás em novos thronos Dignidades,
Republicas desfeitas, Magistrados,
Com grande confusão, com nouidades,
Nas casas dos Magnates, nos estados, &c.*

Evidentemente proua este Texto, ser o governo do mundo semelhante ao jogo da pela. Peraldo, Arcebispo doutissimo de Leão de França, o asemelha ao jogo dos Dados, na següda parte, da Summa, capitulo 15. Claudiano, excellent & antigo Poeta, o compara a toda sorte de jogo, dizendo,

Ludit in humanis diuina Potentia rebus.

Tão parecido he o governo dos homens ao jogo, que não só tem o parecer, mas o que he mais, o ser; porque na verdade he hum puro jogo, cheo de enganos & falsidades. A vista de tantos Ministros de justiça, rasgarão os quatro soldados, que crucificarão a Christo Senhor nosso, os seus sagrados vestidos, leuando cada hum sua parte, como diz o sagrado Euangelista S. Ião, cap. 19 E quando chega-

chegarão á sagrada veste interior & incôfutil, não na quzeraõ partir & diuidir, mas hum a leuou cõ a forte dos dados. *Non scindamus eam, sed sortiamur de illa cuius sit.* Va por jogo, por jogo se leue, & seja de quem for. Pois soldados cobiçosos, naõ tendes, re-sentes os Ministros de justiça? a justiça julgue & determine de quem esta sacratissima veste ha de ser. Naõ quizerão, acolheraõse ao jogo & aos dados, elles determinaraõ a causa, elles deraõ a sentença. Bello jogo se gouernaraõ, & leuou aquelle riquisimo penhor (que hoje esta na Real Capella de Pariz) algum grande trapaceiro & afincador dos dados: enganou os companheiros, ficouse com o rico despojo. O jogo compoz o pleito, por elle se gouernaraõ, que tal he o gouerno deste mundo.

Esta doutrina assim declarada, està estimulando ao discreto Leitor a saber, a qual dos jogos ordinarios, se pode comparar o gouerno dos homens com mais propriedade? Neste particular são varios os pareceres, & todos tocaremos breuemente.

Compara-se o gouerno do mundo ao jogo do Homem.

Dizem os primeiros, que o gouerno do mundo he muito parecido com o jogo do homem. A razão he. Porque neste jogo, cada hum joga pera si, cada hum trata de si, & naõ admite parceiros: mas tanto que algum se faz homem, & quer ganhar o

bollo, logo todos se ajuntão & armaõ contra elle, pera o destruir. E que assi passa no gouerno do mûdo. Comtudo a comparaçaõ he impropria; porque neste jogo, hũ sò se faz homem, que se acha com trumfos & cabedal pera o ser. Mas neste mundo, todos querem ser homens, sem trumfos, queremos dizer, sem partes, sem talento; & por falta das condiçoẽs necessarias. Saõ taõ poucos os que na verdade saõ homens, que ao meio dia (estando a praça de Athenas chea delles) andaua o Philosopho Diogenes, com hũa alenterna buscando hum homem, que fosse homem. Muitos estauaõ ali, mas naõ tinhamhaõ mais que o parecer de homens.

Comparese o gouerno do mundo ao jogo da Pela.

Os segundos querem, que se compare propriamente ao jogo da Pela; & o fundamento he. Porque assi como esta tendo mais vento, pulla mais alto: assim entre os homens, aquelles crecem & sobe mais, & chegaõ aos maiores pestos, que tem menos substancia, & saõ mais leues & vazios das boas partes. Sua contradicçaõ tem esta semelhança; porque no jogo da Pela fazemse muitas faltas, as quaes se pagão infalliulemente. E no gouerno dos homens, sendo muitas as faltas, nenhum ha que as conheça & confesse, nem as pagão, porque ficaõ sem castigo ordinariamente. Acrescentase mais, que a

Pela

Pela com os rechaços & exercicio do jogo perde o vento, desfincha, & fica mole & branda. Os soberbos & presumptuosos do mundo, nunca desfinchão, nunca se abrandão, antes cada vez se inchão & endurecê mais, cõ o vento da vaidade & soberba, como diz o Real Propheta, no Psal. 73. *Superbia eorum ascendit semper.* Arrebentaraõ estes, mas desfinchar & abrandar, isso não. Dizemos & moralizamos mais; que neste jogo da Pela, quando se joga às Chaças (são chaças huns finaes, com que se apontão as pelas mal jugadas, & por cada hũa, se perdê quinze pontos, ou riscos) tanto que a mão chega a perder duas, logo perde o melhor lugar, & o ganhaõ os contrarios, & se passaõ pera cima, & elle vai pera baixo.

Esta regra, & esta ordem & esta justiça, não ha no gouerno do mundo, no qual se vê que por mais chaças, que hum official faça no seu officio, nunca o perde, nem desmerece por isso, vsandose o contrario no jogo da Pela. A razão he, porque as chaças da Pela, resultaõ de jugar mal & de perder; & as chaças, que se fazem na administração dos cargos, & dos officios, procedem de tomar o alheo, & de ganhar. *E quem neste mundo procede perdendo; nunca ganha, & quem viue ganhando, nunca perde.* Perdeis o lugar na pela, porque chaçais perdendo. Não perdeis o officio & o posto, porque chaçais ganhando.

& descobre. De forte, que se leuantastes paos, valẽ paos; se leuantastes espadas, valem espadas; se ouros, ouros correm & valem; & se copas, copas sãõ rrumfos. Significaõ as espadas, a justica & o valor. Os paos, representaõ a prudencia & o gouerno. As copas, denotaõ o gosto & o appetite. Os ouros, figuraõ a cobiça. E todos estes metaes tem sua hora, & sua maõ de valer & poder neste jogo.

Mas no gouerno do mundo, nem todos os metaes valem; porque sò dous tem todo o valor, & sãõ os que correm & podem. Estes sãõ Ouros, & os gostos & appetites, denotados pellas Copas. Nãõ val a justica, nem o valor, nem a prudencia, nem o juizo. O que sò monta & val, he ouro, gosto, & appetite. Mal se accomoda logo, o gouerno dos homens ao jogo do Trumfo.

Compara-se ao jogo do Emxadrez.

Os vltimos, comparaõ o gouerno dos homens ao jogo do Emxadrez, & cõ grande fundamento; porque nelle ha Rey, Dama, Delphins, & Roques, que significaõ os Grandes & senhores. E tambem ha Caualllos, & peoẽs. Esta differença de peças, comprehende toda a sorte de gente de hum Reyno, & de hũa Republica. Acrescentase mais em fauor da comparaçaõ, que neste jogo, tudo sãõ enganos, ardis & traças. E os peoẽs (que significaõ os Plebeos) sobem,

sobem, & crecem, & vem muitas vezes a ser Damas. E sem embargo destes apparentes fundamentos, a comparação não he propria; porque tal vez hum pião, descompoem o Rey, com hũ Xaque; outra, toma & catiua as peças Reais. E sobre tudo o que mais reproua esta comparação he, que no banco dos Grandes, com os Principes, & senhores, significados pellos Delfins & Roques, tem tãmbẽ seu assento os Cavallos; o que na verdade he deformidade grande, por serem animaes de especie tão diuersa. Esta falta não vemos no gouerno do mũdo; porque os Grãdes d'elle, são pessoas tão perfectas, & cabais, como se vê, experimenta, & conhece.

C A P. XXIII.

Dilata-se a materia precedente, & mostra o Autor seu parecer, sobre a semelhança do gouerno dos Homens.

DEixadas as demais cõparações, & opinioẽs, parece razão que mostremos & declaremos a nossa. O nosso parecer & sentença he, que o gouerno dos homens, he parecido mais que tudo ao jogo de Toqueemboque, & a neoham mais que

a este. Pera proua deste nosso juizo, he necessario esperar a memoria, & auisar a lembrança nas memórias dos primeiros annos. Neste jogo se joga de duas maneiras. Hũa vez de bola corrida, & outra de fyanca. Em ambos estes dous modos de jogar se achão tres faltas mais continuas, mais ordinarias, mais danosas, & mais prejudiciaes entre os homens. Estas são, furtar, vingar, & enganar. O furtar he tão ordinario, que disse lá o Poeta, no 1. liuro dos Fastos.

Viuitur ex rãpto, non hospēs ab hospite tutus.

Furta muita gente, assim de logea, como de sobrado, & de poucos se pode fazer confiança; porque ha homens de mãos muito pegadiças. O vingar, he tão corrente & ordinario entre os homens, que diz Iauenal, que fazem della maior estimação & honra, que da propria vida.

At vindicta bonum, vita incundius ipsa.

O enganar, o fingir, & o mentir tem hoje o imperio do mundo, & o mando d'elle, como diz discretamente Petrarcha, no liuro, de Remedijs, Dialogo 62. *Fides exulat, regnat fraus.* Anda desterrada a fé & a verdade, manda & gouerna o engano, o fingimento, & a mentira.

Não nos falta Bandarra, em acompanhar este
nosso pensamento, sentindo estes tres grandes ma-
les em seus vaticinios. O furtar, mostra no nume-
ro 8.

*Veloeis aporfiar,
Sobre hum pobre seutil,
E raparvos por hum mil,
Se volos podem rapar.*

As vinganças, lamenta grandemente, no num. 142.

*Vejo o mundo em grão perigo,
Vejo gentes contra gentes,
Ia a terra não dá sementes,
Se não fauacas por trigo.*

Os enganos, as falsidades, os dolos & as mentiras,
vícios mortais & capitaes, & tão prejudiciaes aos
homens, sente no numero 143.

*Ia não ha nenhum amigo,
Nenhuma tem o ventre são,
Somos já vento soão,
Que não tem nenhum abrigo.*

Estes tres malestaõ nociuos, se conhecem clara-
mente no jogo de Toqueemboque. Quem alim-

pou nũa a sua bola, que não furtasse dous palmos? Que cousa he andarem as bolas aos topes, dando hũas nas outras, mais que hũa viua representaçõ da vingança de hum homem contra outro, maltratandose & offendendose cruelmente huns aos outros? Por isso disse o elegãte Petrarcha, no Dialogo 32. esta verdadeira sentença. *Homo hominem premit.* Faz hum homem honra de se vingar & offender a outro, sendo que a verdadeira fidalguia cõsiste em perdoar & sofrer. Ninguem he tão nobre como Deos, nem tem natureza tão fidalga, & o de que faz maior honra, he de nos perdoar, & mais perdoar.

Faltanos acomodar & apropriar a terceira falta do engano, dolo, & falsidade. Este se conhece patientemente no modo de jogar da fayanca. O jogador da fayanca, sempre anda com a bola no ar, & na palheta, fazendo mil inuencões & floreos, pera enganar o parceiro. Assenta a bola aonde quer, poe-na nas bocas do aro, faz que as erra, esperando hũ cabe, pera ganhar dous riscos, colhendo o parceiro em descuberto. Outras vezes, poemse detraz de bocas, outras, faz que lhe cae a bola junto â rê, pera que o outro lhe atire hum cabe, & errando lhe appare hũa rê, com que fique ganhando.

O que joga a bola corrida, lança a com a mão, & cae aonde acerta, & se algũa vez ganha, as mais perde.

perde. O da fyanca poem a bola aonde quer seguramente. Tudo são tramoias & enganos, com que ordinariamente ganha. Ultimamête, o da bola corrida, toma a bola com a mão, & o da fyanca com a palheta, com tanta velocidade & destreza, que leva com a bola muita terra na palheta. Da pallos de gigante, & esperando boa occasião, sempre ganha & segura o seu partido.

Parecenos que bastantemente temos mostrado, como neste jogo do Tioque emboque, são mais certos & infalliveis os tres vícios & deformidades, mais correntes & ordinarios no mundo, que são furtos, vingança, & enganos. Se os Officiaes, & os Ministros são de bola corrida, será o governo menos mau, & muito soffriuel. Potem se forem jogadores de fyanca, ha de ser o governo muito ruim & trabalhoso; porque como estes jogão com tantas traças, manhas, & cautellas, & esperão occasião opportuna, leuão couro & cabelo. Tudo querem pera si, entregaõse do que podem, são muitos os furtos, muitas as vinganças & mais os enganos & tramoias, com que enganaõ os pertendentes. E o que mais he pera sentir (& o mais prejudicial & danoso) he, se enganar o mesmo Principe, occultandolhe as verdades, dourando & corando as mentiras & enganos, com apparencias de bem. Alfin o affirmo aquelle grande Cortezão Francisco de Sá,

de Sà, na carta que escreue a ElRey, na qual lhe diz o seguinte.

Quem graça ante o Rey alcança,

Ehi fãla o que não deue;

(Mal grande da mã priuança)

Pessoa na fonte lança,

De que toda a terra bebe.

E por muito que os Reis olhem,

Vão por fôr a mil inchacos,

Que ante vos, senhor, se encolhem,

De huns gigantes de cem braços,

Com que dão, E com que tolfem.

Comprouado largamente fica o intento deste Capitulo, de que as faltas & defeitos do governo, não nace[m] do Principe, se não dos officiaes & Ministros, que tal vez errão, ou por descuido, ou por malicia. Mais exemplares poderamos refirir nesta materia, mas ella he tão triual & sabida, que não necessita delles. Deuem os Ministros, em consciencia, falar sempre verdade ao Rey, & aduirtillo repetidamente de todas aquellas cousas, que são precisas & necessarias pera a conseruação & segurança da Coroa. Entre as quaes todo este Reyno
vé,&

vê, & conhece (que as mais importantes, & de maior necessidade) são grandes forças maritimas, como largamente prouaõ os seguintes Capitulos, em que mostramos as grandes Armadas, que tiueraõ os senhores Reys Portuguezes, conhecendo com euidencia, ser esta a principal fortificação de hũa Monarchia, & a de maior importancia, conueniência, necessidade, & vtilidade.

C A P. XXIII.

Illustrase a materia precedente cõ algumas aduertencias sobre a obrigação dos Ministros.

E Postoque alguê diga, que muitos Ministros podem tẽr desculpa, quãdo em todas as materias não possaõ fazer aduertencias ao Principe na occasião que importa, porque he necessario pera falar a proposito nos casos & accidentes, assi na guerra, como na paz, tẽr hũa gẽral noticia, & hũa comprehensãõ larga de todos estes. E sem esta mal poderá o Ministro, que nunca vio guerra, nem a tratou, consultar os meos proporcionados pera nossa defensão, & não conhecendo estes, por falta de experiencia, parece que disculpado fica, quando
 não

naõ aduirta ao Principe nas occasiões aquillo, que mais importa & conueniente. Alem do que a inconstancia do mundo produz cada dia tanta variedade & differença, no que toca a seu gouerno & direcção, que o que ontem se praticaua por conueniente (como as circumstancias se mudaõ & variaõ com facilidade) pode ser hoje erro grande & danoso, o que antes era acerto conhecido. Bem conhecerão esta verdade algũs grandes Ministros Portuguezes, & particularmente aquelle grande Gouernador Martim Affonso de Sousa. A este vindo da India, fez ElRey Cõselheiro do Estado (com mais de sessenta annos de idade, & mais de quarenta de experiencia) & continuando hũ anno inteiro, & votando nas materias da India, com grande acerto, quando entrou no segundo anno, escusouse da assistencia, dizendo, que já não sabia nada daquelle Estado, por quanto as cousas d'elle, cada hora se mudauaõ & eraõ outras.

Grande foi a modestia deste fidalgo, & grande a sua prudencia & madureza. Bem pode ser, que haja agora mais de dous pares, que a reprouem & condenem, & que sem verem nunca India, mais que pintada, que se offereçaõ a tratar com grande efficacia de suas melhoras. Nem esta presumpção indiscreta he impossivel; porque alguns conhecemos nòs, que sem mais cabedal, que lèr mal, & escrever

peor,

peor, resolvem as mais graues questões da Theologia especulatiua. E se quem sem ser Icaro, & sem saber, voa por esses Ceos, com a imaginação indôta, que muito, que com ella, se entregue aos mares, leuando, com o pensamento medicamêtos ao Estado da India, tão enfermo.

Com tudo não recebemos, nem admittimos a desculpa allegada em favor do Ministro, que tem por obrigação dar conselho ao Principe, & ao Rey sobre as cousas politicas, pertencentes à conservação & augmento do Reyno, assi no tempo da paz, como no da guerra. Porque posto, que não tenha as noticias bastantes, tem a obrigação de as procurar saber, com grande cuidado & applicação Grandes homens consultarão com os expertos a resolução que deuião seguir. O grande Apelles, punha à porta da sua tenda os quadros que pintaua, pera compor suas faltas pello que ouuia aos que os viaõ. Se o Rey, que he senhor soberano, pede conselho a seus vassallos, pera acertar nas materias; o cõselheiro, que não sabe de guerra, porque se não aconselhará com o soldado experimentado, pera dar ao Principe hum conselho muito ajustado & prudente, conforme os casos que se propoem, & offerecẽ? Falar nas materias informado, he prudencia; trattallas sem noticia, he ignorancia. Santo, sabio, & valeroso Capitaõ era Moyse, & de muitos annos, &
 expe-

experiencia, & tinha settenta conselheiros, cõ quem consultaua os accidentes da paz & da guerra. Consta dos Numeros, cap. 11.

CAP. XXIV.

Da tenção que ha de ter o Ministro em se aconselhar, & dar conselho, & com quem o deue tomar nas materias tocantes ao bem do Reyno.

Diz o antigo proverbio Portugues. *Partir de casa, he a maior jornada.* Com vagar se embarca, diz outro, quẽ tem que fazer em terra. Promettido tinhamos de este ser o primeiro Capitulo, em que dessemos a primeira mostra das nossas Armadas Portuguezas: mas como sobre a continuação & conseruação dellas, se tocãrão alguns particulares de grande importancia, parece conueniente, que antes que nos embarquemos, deixemos tudo tão composto & ordenado, que nos não vá inquietado o cuidado, daquillo que mais deuiamos obrar & fazer. E como esta noua resolução de forças maritimas (que com o fauor Diuino esperamos ver) depende do voto dos Ministros, que nos governão, & entre elles pòdera hauer algum, sem as noticias necess.

necessarias (ao qual deixamos persuadido, que pera votar em materias semelhantes, he acção necessaria & prudente, tomar parecer dos expertos) faltanos dizer a tenção que deue ter, & com quem se ha de aconselhar, pera que logre bons acertos, & suas resoluções fiquem bem vistas, & aualiadas.

O intento que hũ Ministro deue tẽr, & a tenção, que o ha de guiar, quando pede conselho a outrem, sobre difficuldades alheas de sua profissão, ha de ser esta. Deue levar por norte & guia o seruiço de Deos & do Rey, & o bem publico & comum, & votar nas materias com animo singelo & liso, sem intento de contradizer & encontrar; porque quem segue outro rumo, raramente acerta; & quem quer acertar, poucas vezes errou. Favorece Deos as boas tenções, & a malicia sêpre dà na cabeça a seu dono.

Excellentè copia & delicada pintura nos offerece o diuino Texto, aos quatro capitulos do Apocalypse, & liuro das Celestiaes Reuelações, que teue o lagrado Apostolo & Euangelista São Ião. Vio o Ceo aberto, & a Deos assentado em hum throno de grande Magestade, & à sua vista vinte & quatro cadeiras & assentos, em que estanaõ vinte & quatro velhos, vestidos de branco, com Coroas Reaes nas cabeças. Assi dizem as palauras. *Et in circuitu sedis sedilia viginti quatuor, & super thronos, viginti quatuor seniores sedentes, circumamicti vestimen. is albis, & in*
capo-

capitibus eorum corone aurea. Varias exposições & declarações dão os Santos Padres a esta famosa visão. A que nos serue ao intento, he de Hugo Cardenal, & de Nicolao de Lyra. Estes vinte & quatro velhos, representauão os doze Profetas, & os doze Apostolos, que foraõ os Ministros de Deos. Os Profetas, no tempo da ley antiga; os Apostolos, na ley noua & da graça. *Per seniores signantur duodecim Prophetae, & duodecim Apostoli Ministri Dei.*

Declaremos agora as circunstancias desta visão. Aquelle era o Conselho de Estado de Deos, em ordem ao gouerno do mundo, que os Prophetas & Apostolos conuerteraõ, & governaraõ. Neste vemos vinte & quatro velhos vestidos de branco, com coroas de ouro todos nas cabeças. Estes saõ os Senadores daquelle Real Conselho. Eraõ estes velhos. Calidade necessaria nos Conselheiros & Ministros, que governaõ. Estauaõ vestidos de branco, significando, que seus corações estauaõ checos de candidez, & pureza; & que naquelles conselhos, naõ hauia brigas, nem contradições, nẽ porfias, mas tudo era paz, conformidade, & acertos. Estauaõ estes Conselheiros & Ministros, com Reaes coroas nas cabeças, porque todos eraõ Reys. E tambem, pera nos dar a entender, que quando hum Conselheiro for tomar, ou dar conselho pera bem do Reyno, ha cada hum de cuidar que he Rey. Queremos dizer.

Que

Que assi se ha de applicar ao dar, ou tomar o conselho pera o bem da Monarchia (que não alcança por ventura) como se elle fora o Rey, & sò a elle lhe pertencera o cuidado do bem dos vassallos.

Nas materias de importancia & peso, se o Ministro & Conselheiro pera as dispôr, & lhes receitar os remedios conuenientes, se achar falto de noticias (que ninguem neste mundo soube tudo) busque pessoa capaz com quem se aconselhe, pera depois na presença do Principe, votar a proposito, & votar como homem discreto & prudente, levando porém no animo, & na cabeça o bem do Rey & do Reyno, & nunca o respeito particular. Não se aconselhe pera mostrar habilidade contradizendo, se não madureza, pera discursar acertando. E nesta forma receberá bom conselho, & despois daloa melhor, & com mais felice successo.

Temos mostrado a tenção com que se ha de pedir o conselho; vejamos agora, a quem se deue pedir. Esta difficuldade he a maior, que neste particular pode hauer, que he a certar na eleição do conselheiro, cõ quem tomeis o vosso parecer, naquellas materias, que necessitam de conselho. O Espirito Santo, pella boca do Ecclesiastico, cap. 6. nos faz esta eleição tão difficil & trabalhosa, que rompe nestas palavras. *Muli pacifici sint tibi, & consiliarius sit tibi unus de mille.* Quer dizer. Tende muitos amigos,

mas conselheiros, seja hum de mil. De forte, que entre mil, ha o Ministro de buscar hum conselheiro. E assi importa, como diz o Bispo Iansenio; por que huns, descobrem o conselho, & se vão gabar, que vos aconselharaõ. Outros, naõ tem a prudencia necessaria pera aconselhar. *Pauci sunt fidi, & pauci prudentes.* Menos mal he, que o Ministro venda o conselho alheo por seu (como muitos fazem) que errar na eleiçaõ de consulente: porque ou periga o segredo, ou se erra na eleiçaõ do conselho, escolhendose arbitrios disparatados.

O prudente & sabio Emperador Alexandre Severo, o estylo que obseruaua nesta materia, era consultar as que se offereciaõ, com os homens, que proficiuão sciencia & experiencia daquelle caso que se consultaua & propunha. Pera as difficuldades da justiça, aconselhauase com os Iuristas doctos: nas da guerra, com os soldados de experiencia: sobre a nouidade dos costumes, com os velhos de saber, & versados nas antiguidades & historias. Assi escreue Elio, na vida deste discreto Principe. *Si de iure tractaretur, solos doctos in consilium adhibebat: si vero de re militari, milites veteres, & senes & benemeritos, & locorum peritos, qui historiam calebant.* Dictame acertado seguia este Monarcha, consultando a cada hum na sua faculdade & sciencia. E cousa vã, & imprudente he, aconselhar cõ o letrado, nas cousas da guerra; & com

& com o soldado, nas materias da justiça, & com os leigos, nas duuidas Ecclesiasticas; & assi pello contrario. Assi o escreuia a Augusto Cesar, Horacio, no liuro 2.

Promittunt medici, tractant fabrilia fabri.

Muitos promettem o que não podem dar, cada official trate só da sua arte & do seu officio, que sò nelle tem voto & parecer. E se nesse muitas vezes erraõ, como acertaraõ nos outros, que não professaõ? Antigo & discreto he o prouerbio, que diz: *Nō sutor ultra crepidam*, que refere Plinio, no liuro 15. da natural Historia, & foi sentença do famoso Philosopho Grego Aristophanes. Quer dizer. O sapateiro não se meta em mais, que nas suas chinellas, ou pantufos. Allude este prouerbio à historia vulgar, que aconteceo ao famoso pintor Apelles com o sapateiro, que notando, com razão, a falta de hũa sua pintura no calçado, vendoa emmendada, quiz emmendar mais, & meterse nas outras artes & officios, que não sabia. Concluimos destes antecedentes, que o Ministro, ha de pedir conselho nas materias de que duuida, por falta de noticias, a cada hũ em sua sciencia, officio, faculdade, & arte.

Faltanos examinar, se pera dar conselho acertado nos accidentes, que occorrem, basta sò a sciencia,

cia, & letras do consulente; cu se tambem são necessários annos, & longa idade? Grande & não pequena difficuldade tem esta questão, & este ponto. Antes de a resolvermos, queremos referir hũa galanteria, daquelle grande, insigne & discreto Pregador, o Padre Presentado Fr. Christouão Caruaõ, da Ordem dos Pregadores. Pregaua elle em São Domingos desta Corte, a primeira Dominga da Coresma, & perguntaua, que idade representaria o Demonio, quando foi a tentar a Christo no deserto? Respondeo assi. Eu me persuado, que deuia de representar mais de quarenta annos; porque se apparecera em figura de moço, arriscauase a lhe dizerem, andai, que não tendes barbas pera dar conselho. Se se mostrara muito velho, podia selhe dizer: Sois já tonto & destampado pera aconselhardes a outrem, quando já vos não sabeis gouernar a vós. Desta discreta resolução parece, que pera dar conselho, nem haueis de ser muito moço, nem muito velho. E com grande fundamento; porque os moços, são muito verdes, & os de muitos annos, são mais que maduros. Na pouca idade, falta a madureza, & a experiencia, & a practica; & na muita, falta a memoria, a liberdade, & a confiança. São os muito velhos mui dependentes & respeituosos, medrosos, & amigos de comprar a

ambas as partes.

C A P. XXV.

*Dos annos, & mais calidades necessarias
pera o bom Conselheiro.*

O Nosso parecer he, que pera dar conselho como conuem, importa que haja annos, & idade, & que hũa pessoa comece a enuelher, & a se contar entre os velhos. Com estes assentamos, & predicamentamos aquelles, que chegaõ à idade de homem perfeito, que he a dos trinta & cinco annos, pera os quarenta. Seis são as idades do homem. A primeira, he a infancia. A segunda, he a puericia & de menino. A terceira, he a de mancebo. A quarta, he a de homem & varaõ perfeito. A quinta, he a de velho. A sexta, he a decrepita. A primeira idade, dura do nascimento, atê os quatorze annos. A segunda, dos catorze, atê os vinte & cinco. A terceira, dos vinte & cinco, atê os trinta & cinco. A quarta, dos trinta & cinco, atê os sincoenta. A quinta, dos sincoenta, atê os setenta. A sexta, dos setenta, atê o fim da vida.

Nas duas idades de varaõ perfeito, & de velho, que são, quarta & quinta, està o homem capaz & maduro pera dar conselho, com todas as noticias

bastantes, & comprehensão das sciencias. E ainda-
que na idade viril, não appareção as brancas (que se
anticipão em outros) com tudo o assento & a ma-
dureza, as mesmas calidades corporaes (que são fria
& seca) compoem o sogeito de tal sorte, que fica
reportado, graue & constante, apto & conueniente
pera o gouerno & cõselho. Assi o affirmão os Phi-
losophos, & aquelles que escreuem da composição
do corpo humano, como Cortés, cap. 4. & outros
muitos.

Consiste a madures & a velhice, não nos cabel-
los brancos (que muitos ha aluos como a neue, &
mais verdoengos, que pepinos de São Gregorio) se
não nos sentidos, maduros, assentados, & quietos. Af-
si o diz o Espirito Santo por estas palauras, no cap.
4. da Sapiencia. *Senectus venerabilis, nō est diuturna, ne-
que annorum numero computata. Cani enim, sunt sensus ho-
minis, & eas senectutis, vita immaculata.* Quer dizer.
Não consiste a veneranda velhice, em grande nu-
mero de annos, se não nos sentidos & potencias da
alma terem graues, cōpostas & ordenadas. E tam-
bem a vida exemplar & reformada, faz a melhor
velhice, & mais graue & reportada.

Leuado deste pensamento o Padre S. Ambrosio,
no liuro 2. de Abraham, cap. 6. diz, que bem enue-
lhece aquelle, que bem sente & procede. *Ille ergo
bene senescit, qui bene sentit.* Annos com prudencia, fa-
zem

zem a verdadeira velhice, a qual se ha de preferir & antepôr à copia excessiua & loquacidade indiscreta dos mancebos; & alenta & pausada consulta & deliberação, á precipitada & fogosa determinação da mocidade. Assim o aconselha o Padre São Gregorio Nazianzeno, no seu Apologetico. *Senectus, cum prudentia coniuncta, imperitiae iuuentuti anteponenda est, & consulta tarditas. inconsulta temeritati.* He regularmente falando, o verdor dos annos, hũa viua locura; & a ancianidade & velhice, a mesma prudencia & capacidade.

Hũa discreta reposta a este intento, refere Petrarcha, no liuro 2. de Remedijs, Dialogo 83. Conheceo hum homem a outro, que estando absente muitos annos, quando tornou à terra, o que nella ficou vendoo que vinha já branco, lhe disse. *Amigo, pesame de vos ver tão velho; & quanto dera eu, por vos ver naquella idade & disposição, em que vós fostes deste lugar?* Respondeolhe o outro discretamente. *Amigo, porque vos não pareço já tão louco, desejaís tornarme aos annos da mocidade & locura? Não vos pese por me verdes velho, mas compadeceíeis de mim, porque fui moço.* Reframos as palavras latinas, pera que os discretos as moralisem a seu gosto, que tem muito que moralisar. *Compatiar tibi, nam ut video, iam senescis. Effes veinam qualis eras, quando te primum noui. Subito alter respondit. Parum ne tibi ergo amens videor, nisi ampliorem mihi nunc etiam amen-*

riam impreceris? Noli quaeso, mihi compati, quod sim senex: sed compatere, quod inuenis fui. Excellentes palauras, & excellente sentença.

Sobre a calidade dos annos & madureza, que ha de tẽr aquelle, que ha de aconselhar a outrem; he necessario precisamente o procedimento da vida, o exemplo, & a virtude, & ser timorato, por duas razõs. A primeira; porque gente de consciencia larga, ajusta-se pouco nos conselhos, com a razã & com o direito. A segunda; porque não lhe assiste Deos, como he necessario, pera os acertos nas materias de importancia; diz o Espirito Sancto, na Sapiencia, Cap. i. *In maleuolam animam, non introibit sapientia; nec habitabit in corpore subdito peccatis. Quer dizer.* A sabedoria Diuina, não entra na alma roim & mal affecta & inchada; nem tambẽ fará sua habitação & morada no corpo sogeito & catiuo dos peccados. E nos Proverbios, cap. i i. diz Deos, que os pensamentos dos justos & virtuosos, que são hũas sentenças rectas & justificadas; & os conselhos dos peccadores, são enganosos & fraudulentos. *Cogitationes iustorum iudicia, & consilia impiorum fraudulenta.* Goarda, de pera o bem, pedir conselho & parecer ao homem, & ao letrado, que viue mal.

O Padre Santo Ambrosio nos persuade & enca-rece grandemente, que tomemos conselho com os letrados virtuosos, & não com os descuidados. Assi escreue

escreue, no liuro 2. de Benedictionibus. *Talis debet esse qui consilium alteri dat, ut se ipsum formam alijs prebeat, ad exemplum bonorum operum, in doctrina, in integritate, in gravitate, ut sit eius sermo salubris, atque irreprehensibilis, consilium utile, vita honesta, sententia decora.* Não pode hauer melhor descripção, nem melhor copia & figura de hum bom & perfeito conselheiro, que esta que nos insina & offerece o Padre Santo Ambrosio, & pera que todos saibão as condições de quem houuer de aconselhar a outrem, as queremos traduzir em vulgar. Assim diz este Santo, & doutissimo Padre. *Deue ser tal o conselheiro, que dà conselho a outrem que lho pede; que primeiro lhe dê & comunique hum grande exemplo de virtude & boas obras. Ha depois, de ser homem de letras conhecido, & não como alguns, que não sabeis se estudarão. Ha de ser de valor, & animo inteiro, & não como outros, que cossem a dous cabos, & hũa vez se inclinão pera aqui, & outra pera ali. Ha de ser grane & pesado, & não h. mem, que faz profissão de andar sempre na rua. A sua pratica & conuersação, ha de ser que edifique, & não que escandalize, & de todo o modo alheia de reprehensão. E será o conselho bom, a vida reformada, & o parecer & a resolução clara & sermosa.*

Ultimamente, ha o que dà conselho, de ter grandissimo segredo; porque sem elle, tudo se arrisca. A importancia delle quiserão mostrar os Romanos, que tinhaõ o Templo dos Conselhos debaixo da terra,

terra, como refere Cælio Rodigino, liuro 6. Outros querem, que o coração humano, he symbolo do conselho, o qual nunca se vê, nem pode ver. Com estas condições, o Ministro falto de noticias, peça a taes pessoas conselho, nem se afronte de o pedir, pois o Espirito Santo nos insina, que sem conselho, nunca obremos nada. *Fili, sine consilio nihil facias, & post factum non pœnitebis.* Cap. 32. do Ecclesiastico. E com elle conheceraõ os que governaõ, aquillo que mais nos importa. E com isto embarquemonos nas nossas Armadas, que já leuaõ ferro & daõ â vella, & queira Deos, que seja taõ felice a viagem da nossa pena, como foraõ aquellas de tantos vasos.

CAP. XXVI.

Do cuidado grande, que os senhores Reys de Portugal tiuerão sempre de poderosas Armadas, pera conservação, & augmento desta Monarchia.

Q Vem com aduertencia passar as Chronicas & Historias de Portugal, dos primeiros Reys, que governaraõ esta Monarchia (assi Lusitanos, como Sueuos, despois da vinda dos Go-

dos

dos a Espanha) acharà, que sempre estes Principes, tiueraõ grandes Armadas, segundo naquelles primeiros tempos se permittia, como se pode ver na Monarchia Lusitana, escrita pello Padre Frei Bernardo de Britto, Mariz, Faria, & outros, que com tanto cuidado & verdade, escreueraõ os successos de Portugal. Conhecerã sempre estes Principes, por Maxima euidente & necessaria, serem necessarias grandes forças no mar, assim pera conseruação do conquistado & adquirido, como pera estender o dominio & o imperio Portugues. A precisa necessidade dellas, se comproua & conhece ser necessaria, & importante; porque todas as vezes, que ouue nellas descuido, padeceo não sò Portugal, mas toda Espanha trabalhos, afflicções & miserias.

A infelice perda, & lamentavel ruina del Rey D. Rodrigo, teue por occasiã. & causa, não hauer em Castella Armadas fortes & grãdes: que se estas não faltaraõ, facilmente impediraõ o passo aos innumerãueis Barbaros (que Miramolim Almançor Rey de Africa, & que primeiro o fora das Arabias) fez nauegar o Estreito, cõ infinitas & diuerfas embarcações. E desembarcando em terra, se fizeraõ tyrannicos & violentos senhores de Espanha, que dominaraõ mais de oitocentos annos, tratando aos Christãos, com tanta crueldade, & insolencia, que exprimentaraõ a mais apertada & dura servidão,

que

que do principio do mundo, até o presente, se sabe & se conhece. Entregaraõse os Mouros tanto da terra, & senhorearaõna, com tanta vontade & emprego, que pera os lançar fora della, como possuidores injustos (posto que executores do castigo diuino, prouocado dos peccados graues da Christandade) foi necessario, que os Espanhoes triumphassem delles, a custa de tanto sangue, em mais de cinco mil Batalhas. Foi esta lamentauel destruição principiada em hum Domingo, como dizem huns, ou Sabado, como querem outros, dia primeiro de Setembro, de setecentos & catorze, como affirma, Illescas, na 1. par. liuro 4. Faria, par. 2. cap. 7. Mariz, Dialogo 2. cap. 2. & todos os mais Escriptores.

Affirmaõ outros, com alguns dos referidos, que se El Rey Dom Rodrigo tiuera hũa grossa armada, com que resistira aos fracos baxeis dos Mouros (ainda que forão muitos, & capazes, em que por diuerfas vezes, passaraõ, mais de trezentos mil inficis de pè, & quasi cem mil de cauallo, como affirma Castilho, no liuro 2. discurso 12.) que sem falta os derrotâra & destruiu, ou pello menos rechaçara, & fizera voltar frustrados às prayas africanas, donde alentados & orgulhosos, hauerãõ sahido. Mas como faltaua este poder, tiverãõ o mar liure. & desempe-

dido, & franca a passagem a Espanha. Assim o creuem & certeficaõ os Escritores, & com maior

parti-

particularidade Abulcaim Tarif, de nação Arabe, escritor desta Cõquista, no liuro 1. da 1. par. da Cõquista de Espanha, do cap. 5. por diante, traduzida do Arabigo em Castelhana, por Miguel de Luna.

Outro igual successo exprimentou o nosso glorioso, & Santo Rey Dom Affonso Henriques, que occupado na guerra do sertão com os Meuros, se diuertio de pôr forças no mar. Com esta falta, se atreueo Miramolim, a instancia del Rey de Badajoz, Abel Aben, ou Busquez, a entrar pella Barra de Lisboa, com hũa grandissima frota, que leuou a Santarem, aonde pos apertado cerco ao Principe Dom Sancho Primeiro, a quem veio descercar seu pay o Santo Rey Dom Affonso Henriques, alcançando hũa insigne victoria, cõ morte de hũa multidão grande de infieis & Barbaros, & do Rey Miramolim. Assim escreuem Mariz, no Dialogo 2. cap. 5. Faria, na 3. par. cap. 3.

He a experiencia grande mestra, & hũa mais certa sciencia. Ficou El Rey Dom Sancho Primeiro, tão infinado com este aperto, & conflicto, que tanto que tomou posse do Reyno, por morte del Rey seu pay, logo pouou o Rio de Lisboa, com toda a sortê de fortes Baxeis, acompanhados de quarenta galles grandes & fortes. E com esta preuenção ficou a Barra fechada aos inimigos, que não quizerão intentar segunda entrada, receosos da poderosa

correspondencia maritima, que hauiaõ de achar neste Rio. Assim relata Faria, 3. par. cap. 3.

Seguiu o mesmo dictame, com grande pontualidade & diligencia, seu filho Dom Affonso Segundo, que naõ contente com os fortes nauios, que tinha pera segurança do Reyno, se animou a mandar hũa frota mui grossa à conquista da terra Santa. Evidente argumento, de que o celleiro maritimo estava taõ provido, que tirando delle muitas vellas, naõ ficauão reseruadas poucas. Faria, par. 3. cap. 4. Assim El Rey Dom Affonso Terceiro.

El Rey Dom Dynis, tambem leo por este liuro, conhecendo a importancia delle. Estando em Coimbra diuertido, com os reaes desposorios, que celebrou a seu filho o Principe Dom Affonso, com a Princeza Dona Beatriz, Filha del Rey Dom Fernando, sem receo de inuasiaõ inimiga, se attreueo Dom Sancho de Ledesma, hum grande senhor de Castella, a agoaras festas (que nunca aos Castelhanos faltou agoa pera as de Portugal, naõ assi os Portugueses.) Entrando com hũa armada em Lisboa, & fez preza em alguns nauios sem gente. Bem mostrou esta acção, ser parto do juizo de hum ingrato (que sempre este he material & grosseiro) ao mesmo Rey, que fogindo de Castella, o emparou & recolheo, enchendoo de fauores & merces.

Voltousc o Ledesma logo, ou fugio, com a pre-

za morta, & sem alma. Mas o Almirante de Portugal, auísado do que passaua, em breues horas embarcou a gente, com a prouisão de bastimentos necessarios (parece cousa incruel) & virtualhas em boas & reforçadas galles, lhe foi no alcance, & traçando briga com elle, o rendeo, & trouxe preso & humilde, aonde haueria entrado soberbo & arrogante. Faria, 3 par. cap.7.

ElRey Dom Affonso Quarto, excedeo a ElRey Dom Dynis seu pay, no valor, nas empresas & cuidado do emprego do augmento dos esquadroes naues; porque tinha tantos nauios grandes, galles, & outras differentes naos (naõ sò em Lisboa mas nos outros Portos) que desafiou por seus Embaixadores a ElRey de Castella, Dom Affonso Onzeno, com causa muito justificada, como os Chronistas referem. E resolutos de ir ao desafio por mar, fez em breue tempo cobrir todo este Rio, com toda a forma de guerreiras embarcações, com hũa nunca vista abundancia de munições & soldados. Tudo sobejaua então, & mais era sem milagre.

Quem podera resucitar os Mil-

nistros daquelle

tempo!

mas, tanto que a primeira vez cortou as ondas Oceanas, pondo na barra de Tangere hũa Armada tão poderosa, que passaua de duzentos vasos fortes, com que ganhou a praça de Alcacere Seguer, castigando com clemencia a grande resistencia dos Mouros. A segunda, fez ostentação bizarra do valeroso braço Portugues, com quasi quatrocentas embarcações de guerra. Humilhou o mar Atlantico, ganhou Arzila, que lograua a fama de inexpugnauel, & vio rendida Tangere a seu poder, antes de assaltada. Conquistou & rendeo muitas vezes, sò o nome Portugues, o que não poderaõ outras poderosas armas. Faria, 3. par. cap. 13. Vasconcellos & outros.

El Rey Dom Ioão Segundo, achandose com tanto poder maritimo, não dormio, nem o teue ocioso; porque tirando delle (& podera tirar mais) poderosas esquadras, conquistou o grande Reyno de Congo, & as Almas delle, plantando nellas a Fè de Christo. Ganhou a cidade de São Iorge, Emporio (que por rico & abundante de ouro) com propriedade, se chamou a Mina. Com fortes navios pisou os Mares, que lauaõ a costa Africana, descobrindo o mais famoso Promontorio do mundo, dandolhe nome do Cabo de Boa Esperança; porque cõ elle, se abrio a porta pera a conquista do Oriente, que tanto estendeo a Monarchia Portuguesa, augmentando

tando a gloria, o mais rico & precioso do Vniuerso;
 oje menos vtil, por pouco alentado, ou mais redu-
 fido, porque mal gouernado. Doe muito o esfolar;
 a trofquia, melhor se sofre. Antigamente crecia a
 honra, & mingoaua a cubiça. Agora trocaraõse as
 bolas. He grande a sede, & tão hydropica, como a
 pinta o celebrado Sã.

Pensamentos nunca cheos;

Não tem fundo aquelles sacos.

Mostrado deixamos, & com certesa, que sempre
 os senhores Reys de Portugal se empregaraõ em
 serem poderosos no mar, conseguindo, por conse-
 quencia infalliucl, o senhorio da terra, como se cõ-
 proua com os exemplares referidos, de dez valero-
 sos Principes Portugueses, cuja lição continua, &
 applicação interrupta, não foi outra mais, que do-
 minar os mares, com fortes & poderosas Armadas.
 Estes foraõ os liuros por que lião, & por que estu-
 dauaõ, conhecendo com euidencia, que estes eraõ
 os meios mais necessarios & importantes (& não
 ha outros) pera segurar o Reyno, entimidar os ini-
 migos, adquirir o respeito & veneração dos Princi-
 pes estranhos, perpetuar as amizades, conseruar as
 alianças, estender o dominio, & dilatar a glo-
 ria do nome Portugues, tão venerado sempre em
 toda a parte.

Estes mais gloriosos accidentes forão a herança de Portugal, cõtinuada de pais a filhos, & de irmãos a irmãos, como mostra este breue epilego & abrenhada copia, que dilatamos & estendemos, a todos os Reys deste Imperio Lusitano & Portugues, pera mais efficaz conclusão do nosso assumpto, & pera que se entenda & conheça, que he obrigação necessaria & forçosa, conformaremse os illustres descendentes, com seus progenitores gloriosos. E quando este motiuo não fora o mais apertado & poderoso, bastante he a necessidade & a attenuação presente, pera abrir os olhos, & seguir aquellas máximas paternas, que nunca se compadecerão, com a pouca felicidade, que os nossos tempos padecem & exprimentão. A virtude da mesinha, acredita os effeitos. O remedio contra os males, justifica os successos. Multipliquemos mais exemplos.

Ambas as fortunas exprimentou Aeneas valeroso & pio, & na aduersa não nega, antes confessa as grandes venturas da prospera, dizendo à Rainha Dido, no liuro 3. *Fuimus Troes, fuit Ilion, & ingens gloria Teuchrorum.* Ia fomos Troianos; já ouue, & já passou aquella nobre & populosa Troya. Iá se acabou sua gloria. Iá pereceo sua grandeza. Os que hoje viemos, reparamos nas que logrou Portugal em tempo de nossos mais ditosos auôs. Não duuidemos dellas, porque as não vimos presentes; pois

por se humana cremos, as que esperamos futuras. Ninguem as duuide maiores, pois tantos vaticinios as promettem superiores. Assim o sente Bocarro, na Monarchia, Oct. 126.

*Deixa; que por teu Rey victorias cantem,
Que de quanto o Sol vê, Neptuno abarca,
Será contigo vniversal Monarcha.*

Felicidades grandes, & glorias sublimadas se promettem a este Reyno, na geração sextadecima, que à letra se entende por El Rey nosso senhor, D. João IV. a quem os vaticinios & pronosticos mais verdadeiros, attribuem o maior Imperio de todo o Vniuerso. Foraõ todas as grãdezas passadas, hũas sombras, & huns ensayos das que esperamos presentes. E porque entre ellas, o poder tem o primeiro lugar nas Monarchias, recolhamonos ao porto, continuando, com o que El Rey D. João III. ferio as ondas Oceanas, Indicas, Atlanticas, Arabicas & Persicas.

Tinha sempre hũa armada viua, de vinte navios fortes, que andauaõ todo o anno à vista da terra, pera guarda da costa. Estes, se repartiaõ nesta forma. Tres, em Cascaes. Quatro, na Atouguia. Quatro, em Caminha. Quatro, em Lagos. Dous, em

*veja a adverte
nosm. de pag. 176*

Villa noua. Tres, em Cizimbra. Alem desta Armada hauija outra de quatro galeões muito grandes & poderosos, pera correrem continuamente a costa deste Reyno mais ao mar; aos quaes, quando era necessario, se aggregauião os vinte nauios referidos. Outra Armada de oito vellas, pera goardar a costa do Reyno do Algarue, a quem acompanhauão as quatro, que estauão em Lagos.

Estas Armadas, sempre andauão no mar de Verao & Inuerno, sem se recolherem a porto algum, se naõ em caso de necessidade. As Ilhas hia, todos os annos em Abril, hũa armada de dez nauios, em que entrauião tres naos grandes, ou galeões, & nellas se ajuntauão as frotas da India, Brasil, Mina, S. Thome, Arguin, Cabo verde, Gainê, & da costa de Malagueta; & todas vinhaõ a esta Cidade acompanhadas, & seguras com esta Armada.

Que acertado fora, & quaõ necessario he, renovar este costume antigo, & seguir estas pisadas, & immittar estes exemplos que com isso se seguraõ as frotas, evitaõse maiores despezas, os direitos Reaes crecem, & naõ se carregão os Tratantes, & crece o commercio com grandes augmentos. Saõ os estylos de muitos annos, comprouados cõ a larga experiencia. Os aluitres modernos, a mesma nouidade os cõdena (que sempre he sospeitosa, como discretamente diz Quintiliano. *Novum omne, semper suspectum est.*)

& todos

& todos produzem partos adulterinos, oppostos & inimigos do bem publico, & utilidade do Reyno. Pera augmento & conseruação dos Romanos, tanto que o Emperador Augusto Cesar começou a reynar, mandou que tudo se dispoesse pellos costumes, & estylos estabelecidos & antigos, diz Dion, no liuro 52. Conseruar a forma do gouerno antigo, he conselho acertado; seguir a nouidade, he impulso perigoso; porque não ha nouidade, que o não seja. Assim o persuadiu o grande Capitão & Governador Alcibiades aos Lacedemonios.

Afouismo & Maxima certa he de Quintiliano, no liuro 3. & de Tacito, nos Annaes; liuro 15. que o Principe deue contradizer & recusar toda a nouidade, não sò nas cousas grandes, mas ainda nas pequenas, crendo & persuadindose (se não for presumido) que o antigo foi mais acertado, & que as mudanças as mais das vezes, são de bem pera mal. Alguns exemplares presentes poderamos referir, mas são patentes, & poucos os ignoraõ. Lycurgo, desterrou de Lacedemonia a Tepandro tangedor sinigne de viola de sete cordas, porque lhe acrecê-tara hũa & boa: & que fizera, se fora falsa?

Disculpaõ os inuentores suas nouidades, dizendo, que os tempos são outros; o que he engano, porque o mundo, sempre he o mesmo, mas os homens são outros. Passa hũa geração; vem outra differen-

te, diz o Espírito Santo, no cap. 1. do Ecclesiastes. *Terra autem in aeternum stat.* Debaixo do Sol, nada he nouo, tudo he velho; & os antigos já reprovaram as nouidades, que a posteridade abraça, & não conhece. Tudo em nos he exprimentar, sem experiencia. Sigamos os costumes antigos de Portugal, que estes conseruaõ, & os novos destruem. Estudemos pera immitar o antigo, & não pera inuentar de nouo.

C A P. XXVIII.

*Das grandes Armadas, que em tempo do
senhor Rey Dom Manoel, sairão
de Lisboa.*

B Em conheceo o senhor Rey Dom Monoel, sempre felice, o quanto este Reyno necessita-ua de grandes forças maritimas, assi pera sua conseruação & opulencia, como pera adquirir o glorioso nome de vencedor, inuenciuel, & pera ser temido do mundo todo. Os meios que escolheo pera estes tão grandiosos fins, foi fazerse o mais poderoso Monarcha no mar, cõ fortes & duras Armadas, que de Lisboa sahiaõ, tão continuadamente, & com tanta presteza & breuidade, que diz Ieronymo Catanéo, no liuro 1. da Arte militar, cap. 4. que o
Rio

Rio de Lisboa, não produzia & criava peixes, senão Naos, Navios, Galeões & Galles artilhadas.

E pera que se verifique o intêto deste nosso discurso, & se imprima & radique nos corações, dos que governaõ, esta verdade, com que conheçaõ, que a defensão mais importãte & necessaria deste Reyno, & de Lisboa particularmente, são grandes, & fortes Armadas, fielmente mostramos & copiamos as mais & maiores, que os senhores Reys de Portugal mandaraõ armar neste Rio, pera segurança & firmeza desta Monarchia, & pera gloria do nome Portugues, & immortal fama.

Armadas que sairão deste Rio.

A Primeira pera a India, foi de quatro naos grandes de seis cubertas, Capitaõ mór o grande Vasco da Gama, fidalgo da Casa do senhor Rey Dõ Manoel, natural da Villa de Sines, no Reyno do Algarue; que partio aos dous de Julho, do anno 1497. Damião de Goes, na 1. par. cap. 23.

2. Armada, pera a India, de treze naos grandes, Capitaõ mór Pedralves Cabral, na qual hiaõ mil & quinhentos soldados, no anno 1500. a 9. de Março.

3. Armada, quando ElRey quis passar em Africa, constava de quatrocentas vellas, em que hiaõ vinte & seis mil homens de guerra, em que entrauaõ
feis

seis mil de cauallo, & oitocētos Acubertados. Apre-
stado este grãdioso poder, impedio a jornada do so-
corro, que El Rey mandou a Veneza contra o Tur-
co, que se esperaua, a instancia do Papa, & dos Ve-
nezianos, anno 1501. Goes, 1. par. cap. 47. Vascon-
cellos, & Oforio. Socorria este Reyno aos outros
com poder.

4. Armada, em socorro de Veneza, de trinta ga-
leoēs, afora muitos nauios & carauellas, que leua-
uaõ, quasi quatro mil soldados, governados por Dõ
Ioão de Menezes, filho do Conde de Viana Dom
Duarte de Menezes, aos 15. de Iulho, de 1501 Goes,
1. par. cap. 51. Oforio, fol. 46.

5. Armada grande, em companhia desta. & so-
geita ao mesmo General, pera ficar na Conquista
de Orão, no mesmo anno.

6. Armada, de onze naos pera a India, anno 1502.
Oforio, liuro 1. fol. 57.

7. Armada, no mesmo anno, de muitas naos &
carauellas, & galles ao Estreito de Gibaltar, em duas
Capitanias separadas, em Iorge de Mello, & Iorge
de Aguiar, pera irem sobre a Villa de Targa.
Goes, 1. par. cap. 62.

8. Armada a India, de quatro naos, Capitão, Ioão
da Nona, Anno 1501.

9. Armada pera a India, de 15. naos, Capitão
môr, segunda vez, Dom Vasco da Gama, anno 1502.

no pri-

no primeiro de Abril. Goes, 1. par. cap. 68.

10. Armada pera a India, de cinco naos, Capitão Vicente Sodré, anno 1503. Osorio, Goes, 1. par. cap. 74.

11. Armada pera a India, de seis naos, Capitão Affonso de Albuquerque, anno 1503. Goes, 1. par. cap. 65. Osorio.

12. Armada pera a India, de tres naos, Capitão, Francisco Dalbuquerque, anno 1503. Goes, 1. p. c. 65.

13. Armada de seis naos, à terra de Sancta Cruz, que hoje se diz Brasil, Capitão Niculao Coelho, no mesmo anno. Goes, 1. par. cap. 65. Osorio.

14. Armada de duas naos, pera se saber de Gaspar Corte Real, & Miguel Corte Real irmãos, que nunca apparecerão, indo descobrir o Brasil, anno 1503. Goes, 1. par. cap. 66.

15. Armada pera a India, de tres naos, Capitão, Gonçallo de Sousa, no mesmo anno. Osorio.

16. Armada, de tres naos pera a India, Capitão, Antonio de Saldanha, no mesmo anno. Goes, 1. par. cap. 81.

17. Armada pera a India, de treze naos, Capitão Lopo Soares de Aluarenga, anno 1504. Goes, 1. par. cap. 76. & 96.

18. Armada, pera a India, de dezaseis naos, & dezaseis carauellas, com mil & quinhêtos soldados, gouernados por Dom Francisco de Almeida, Viso-

Rey que foi daquelle Estado. anno 1505. a 25. de Março. Goes, 2. par. cap. 1.

19. Armada pera a India, de seis naos, Capitão Pedro Danhaya, no mesmo anno. Osorio, liuro 4. Goes, 2. par. cap. 9.

20. Armada pera a India, de dezaseis naos, Capitão Diogo Lopes de Sequeira, repartidas em duas Capitánias, anno 1508. aos 5. & 9. de Abril. Goes, 2. par. cap. 20. Osorio.

21. Armada pera a India, de catorze naos, repartidas em quatro Capitánias, anno 1507. aos 15. & 20. de Abril. Goes, 2. par. cap. 14. Osorio.

22. Armada, cõtra Azamor em Africa, de muitos & grossos nanios, que eraõ fincoëta, & quasi tres mil homens de peleja, gouernados por Dom loão de Menezes, Camareiro mór do Principe D. loão, anno 1508. Goes, 2. par. cap. 27. Osorio.

23. Armada pera a India, de onze naos, Capitão Tristaõ da Cunha, com mil & trezentos soldados, anno 1506. Goes, 2. par. cap. 21. Osorio.

24. Armada pera India, de quatro naos, & hũa Taforea (que hoje chamamos, Setia) Capitão Afonso de Albuquerque, quando tornou ao gouerno da India, em 6. de Abril, de 1508. Goes, 2. par. c. 21.

25. Armada, em socorro de Arzilla, cercada por ElRey de Fez, ao que ElRey logo acudio, indo-se pella posta ao Algarue, com intento de passar a Africa

Africa, & em espaço de cinco dias, se achou em Ta-
uira, com mais de vinte mil homens de pé, & de
cauallo. E por mar lhe chegou hum tão grande
poder de nauios de força, & outros menores, que
passaão de duzentas vellas, com excessiuo numero
de artilheria, & mais virtualhas, a fora mais de qua-
tro mil homens, que nelles se embarcãõ em Lis-
boa, anno 1508. E não lemos de outro algum Prin-
cipe do mundo, que em termo tão breue (como foi
o de cinco dias) ajuntasse tão grande potencia por
mar, & por terra, como ElRey Dom Manoel. Na
verdade, que tal aparato de guerra, & cõ tanta pre-
steza, que assombra & parece cousa incruel: mas
certeficão tanta gente, & tão graues Authores, que
nos necessitaõ a crer.

Este he hum dos maiores argumentos da gran-
deza de Portugal, que naquelles tempos (& ainda
nos que se seguirão) estaua tão prouido & abundã-
te de todos os petrechos pera a guerra & virtualhas
de toda a sorte pera as Armadas, que fazia grande
excesso a superabundante prouisão do Arcenal de
Veneza (que quer dizer Almazẽ) que reputandose
aquella pella maior do mundo, a de Portugal, na-
quelles mais felices têpos, a excedia muitas vezes,
como proua a tradiçãõ cõtina daquella Era. Este
poder immenso, todo se suspendeo, com a noua de
os Mouros hauerẽ leuãtado o cerco. E posto que
ElRey

ElRey instaua por passar com elle a Africa, não fal-
rou quem o diuertisse, como affirmão Osorio, no
liuro 5. fol. 159. Goes, 2. par. cap. 29.

26. Armada pera a India, de quinze naos, em que
hião quasi dous mil soldados á obediencia do Ma-
richal de Portugal, Dom Fernando Coutinho, aos
doze de Março, do anno de 1509. Goes, 2. par. cap.
40. Osorio.

27. Armada pera a limpar a costa de muitos na-
uios fortes, contra hum coffario Frances, que havia
tomado hũa embarcação da India, Capitaõ Duar-
te Pacheco, que o destruiu & rendeo, anno 1509.
Osorio, liuro 6. Goes, 2. par. cap. 42.

28. Armada pera a India, de quatro naos, Capi-
taõ Diogo Mendes de Vasconcellos, anno 1510. em
7. de Março. Goes, 3. par. cap. 10. Osorio, liuro 6.

29. Armada pera a India, de sete naos, Capitaõ
Gonçallo de Sequeira, no mesmo anno. Osorio, li-
uro 6. Goes, 3. par. cap. 10.

30. Armada pera a Ilha de S. Lourenço, de tres
naos, Capitaõ João Serraõ, no mesmo anno. Os-
orio, liuro 6. Goes, 3. par. cap. 10.

31. Armada a C, assim em Africa, que passou de
trinta naos fortes, General Nuno Fernâdes d'Atay-
de, no mesmo anno. Osorio, liuro 6. Goes, 3. p. c. 10.

32. Armada pera a India, de seis naos, Capitaõ
D. Garcia de Noronha, anno 1511. a 19. de Abril.
Osorio,

Osorio, liuro 6. Goes, 3.par. cap.22.

33. Armada pera a India de doze naos, Capitaõ Jorge de Mello, de oito naos; & das quatro, Garcia de Sousa, em que foraõ, quasi tres mil homens de peleja, anno 1512. no mes de Março. Osorio, liuro 6. Goes, 3.par. cap.29.

34. Armada contra a Villa de Azamor em Africa, que passaua de quatrocentas vellas, em que se embarcaraõ vinte mil homens de pé, & dous mil & setecentos de cavallo, & quinhentos Acubertados, General, o Duque de Bragança Dom Gomes, sobrinho del Rey, o qual em breue tempo ganhou a praça. Por esta victoria gloriosa, mandou El Rey dar grossas esmolas às Igrejas, (que justo he, que os Principes dem a Deos, quando d'elle recebem merces grandiosas.) Foi no anno, de 1513. em 17. de Agosto. Osorio, liuro 9. Goes, 3. par. cap. 46.

35. Armada pera a India, de cinco naos, Capitaõ Jorge de Britto, anno 1514. Osorio, liuro 9. Goes, 3. par. cap. 66.

36. Armada sobre a Mamora em Africa, de mais de duzentas vellas, entre naos, nauicos, galles, & fustas, com mais de oito mil homens de guerra, General D. Antonio de Noronha, irmão do Marquez de Villa Real, Conde que depois foi de Linhares, & entaõ Escriuaõ da Paridade, que com gosto acceitou a empreza; porque naquella idade de ouro, valia

valia mais a lança, que a pena, anno 1515. aos 13. de Junho. Osorio, liuro 11. Goes, 3 par. cap. 76.

37. Armada contra a Villa de Targa em Africa, de mais de setenta & sete vellas, General Dom Ioão Coutinho, anno 1517. Osorio, liuro 10. Goes, 1. par. cap. 22.

38. Armada de doze vellas fortes em socorro de Arzila, Capitão Ruy Barreto, anno 1516. Osorio, liuro 10, Goes, 4. par. cap. 5.

39. Armada pera o mesmo effeito de socorrer Arzila, de trinta naos, & muitas carauellas, Capitão Diogo Lopes de Sequeira, no mesmo anno. Osorio, liuro 10. Goes, 4. par. cap. 5.

40. Armada pera a India de doze naos grossas, Capitão o Governador Diogo Lopes de Sequeira, anno 1518. Osorio, liuro 11. Goes, 4. par. cap. 31.

41. Armada pera a India de dezaseis naos, Capitão lorge de Albuquerque, pera effeito de destruir a Cidade de Iudà, no mar de Arabia, & fazer fortaleza em Dio, anno 1519. Osorio, liuro 12. Goes, 4. par. cap. 36.

42. Armada pera socorro de Arzila, de oito naos, Capitão D. Pedro Mascarenhas, anno 1520. Goes, 4. par. cap. 48.

43. Armada a India de quinze naos, Capitão & Governador Dom Duarte de Meneses, anno 1521. a 5. de Abril. Goes, 4. par. cap. 65.

44. Armada de 12. naos pera guardar o Eſtreito de Gibraltar, Capitão Simão da Cunha, anno, 1521. Goes, 4. par, cap. 78.

C A P. XXIX.

Dos grandioſos effeitos que obrarão eſtas Armadas.

O Vtras muitas vellas ſahirão da barra de Lisboa por mandado delRey, pera differentes Conquiſtas & effeitos, que não particulariſamos, por abreciar a eſcritura. Eſtas, que numeramos por maior, fazem ſoma de mil & oitocentas & quatorze, a ſera as naos grandes de força; a fora galles, carauellas, barcaças & fuſtas petrechadas todas, com todo o apparato de guerra, & com mui boa ſoldadeſca, gente pratica & experta.

Alem deſtas Armadas (que do Biſpo de Silueſ Dom Ieronymo Oſorio, & de Damião de Goes, coſthemos nas ſuas Chronicas) ſe achão entras muito mais, que andaõ em manuſcriptos verdadeiros, dos quaes conſta, que eſte glorioſo & mais proſpero Monarcha, em vinte & ſeis annos, hum meſ, & deſſaſone dias, que teue de Imperio, incluidos em ſincoenta & dous annos, ſeis meſes, & treze dias, que

lhe durou a vida, lançou do Rio de Lisboa pera diferentes partes do mundo, mais de duas mil Armadas, em que entraraõ mais de duzentas naos grandes, de quatro & cinco cubertas, que foraõ a India, de cujos portos sahiraõ tantas, com tanto poder & forças, que fogueitaraõ grãde parte da Ethiopia, naõ pequena da Persia, & tãta da India, que se fez senhor do grande Imperio & Reynos, situados dentro, & fora do caudaloso Rio Ganges (couisa pelos antigos julgada por impossivel) & de tantas cidades & praças fortes em Africa, & tantos Reys seus tributarios, quantos os historiadores affirmãõ, & certeficaõ, cõ tanta gloria do valor de Portugal.

Assombraua o mundo tanto poder no mar, & fazia tremér & temer toda a terra, como se vio no Graõ Turco, inimigo taõ poderoso & arrogante, que receoso & temeroso da visinhança dos Portugueses na India, escreueo hũa carta ao Papa Iulio III. no anno de, 1505. em 22. de Setembro, na qual lhe pedia, fizesse com El Rey de Portugal, que desistisse da Conquista da India, confessando na carta, que recebia grandissimo dano dos Portugueses, como se pode ver na copia della, relatada por Damiaõ de Goes, na Chronica del Rey Dom Manoel, 1. par. cap. 93. Medo do poder de Portugal foi o motivo desta petiçaõ de Saladino, & naõ respeito ao Vigairo de Christo (a quem naõ venera, antes despreza

despreza barbaramente) porque, como diz Polibio, no liuro 2. as petições dos poderosos & dos soberbos, são mais puslanimidade, que prudencia. *Superborum preces, puslanimitatis indicia sunt.*

Pede & roga hum Principe Catholico, & prudente, mas não hum barbaro, insolente com tanto poder, & com victorias, & com triumphos. Porque reputa o pedir por fraqueza, aquelle, a quem esuaesse a tyrannia & violencia. Pede sempre o rendido, & nunca rogou o victorioso. Era este infiel, tão soberbo & arrogante, como bem se conhece por estes titulos, com que se nomeaua ao Papa Iulio III. na sua carta. O maior Rey, senhor dos senhores, Nobre, Excellente, Sabedor, Iusto, Conquistador, Victorioso, Rey dos Reys, Espada do mundo, Principe da fee de Mafamede, &c. E sendo esta a sua presumpção & locura furiosa, busca a valia do Summo Pontifice, pera se liurar do forte braço & grande poder das Armadas Portuguezas, que tanto inquietauão & offendião a seus vassallos pello mar Roixo, que lhes assolauão cidades, destruião as povoações, & abrasauão lugares de grande força.

Os Principes Catholicos de Europa, obrigados de tanta potencia, procurarão com grande empenho alianças, & amizade com ElRey Dõ Manoel, solicitandoas com grandiosas embaixadas, como os Reys Catholicos, Dõ Fernando, & Dona Isabel,

mandando por seu Embaixador a este Reyno a D^o Affonso da Sylua, pedindo pazes perpetuas, anno de 1496. ElRey Henrique Oitauo de Inglaterra, com sua grandiosa embaixada, procurou o mesmo com effeito, no anno, de 1509. Lifongecendo o Real animo Portugues, com o habito da mais celebrada Ordem daquelle Reyno, nos tempos passados & catholicos da Garrotea (vede os tempos, dauanos então o Ingles, & hoje?

O magnanimo & valeroso Rey de França Francisco, primeiro do nome, mandou por Embaixador a esta Corte a Monsiur de Lanjaqua, Gouvernador de Auinhão, procurando com grande instancia a amizade delRey, & que entrasse com elle em hũa liga, que dizia seria de fero indissoluel, se quizeffe entrar nella ElRey de Portugal; no anno, de 1516. Confirmouse a paz, mas não a liga, por justas razões. O Archiduque de Austria Dom Carlos, pediu tambem pazes a ElRey, escolhendo pera melhor expediente, hum Embaixador Portugues, que foi Pero Correa, que là andaua, no anno, de 1516. A Republica de Veneza, procurou com grande effeito nossa amizade, mandando seu Embaixador, Alexandre Pezaro, no anno, de 1520. confirmando a que já tinha assentada cõ nosco, no anno, de 1500.

A Emperatriz Elena, mãy, & tutora de David, Emperador da Vasta Ethiopia (que se diz Abexim,

ou Preste João) mandou a Portugal hum grande
 senhor, chamado Matheus, a fazer pazes perpetuas
 com El Rey, no anno, de 1513. O grande & poten-
 tissimo Xequé Ismael Rey da Persia, procurou grã-
 demente a amizade do senhor Rey Dom Manoel;
 & o respeito que lhe tinha, declaraõ bem estas pa-
 lauras de hũa carta que lhe escreueo, & são estas.
 Ao grande Rey, & senhor da alta Coroa, honra da
 Ley do Mexias, Rey dos Reys Christaõs, de gran-
 de coraçã, senhor Bemaventurado, &c. Refereas
 Goes, na 4. par cap. 11. Assi os demais Principes,
 & Potentados liures, Reys de Africa, & India Oriẽ-
 tal. A muitos Principes socorreo & ajudou pode-
 rosamente, & em particular a Carlos Quinto Em-
 perador, com muita artilheria, & com muito di-
 nheiro (que tudo hauia entã, effeito do bom go-
 uerno, o dinheiro, he pera as Armadas, & estas
 tambem augmentaõ as riquezas) no tempo das
 Comunidades, contra aquelles, que o buscuaõ,
 & deixauaõ o natural senhor. Recusou El Rey, ven-
 cendose assi, vencendo a ambição de dilitar a Real
 Coroa, com o dominio & Imperio alheo, tropeço
 em que tantos caem, & tentação, que a tãtos
 rende. Refereo Souza, no Epitome.

parte 3. cap. 15.

CAP. XXX.

*De outros nobres & gloriosos effeitos, que
procedem de grandes Armadas.*

SE buscarmos a causa, & motiuo de tantos & tão gloriosos effeitos, acharemos, que não foi outra mais, que o grandíssimo poder, q̃ ElRey Dom Manoel pôs no mar, cortando continuamente, com tantas & tão poderosas Armadas, que foi hum assombro do mundo, que vence a memoria de todos os Principes, que nesta mais importantíssima empreza (tão mal entendida de muitos) mais se adiantarão. Por este respeito, foi tão respeitado de todos, & pera dizer melhor, temido, & inuejado. Causão as grandes Armadas tres grandiosos accidentes, que são: *Segurança da Monarchia: Dilação do Imperio: E temor nos estranhos.*

Excellentemente se comprouão os dous primeiros assumptos, com este lugar de Tacito, cõmentado por Dom Balthesar Alamos, de Barrientos, na vida do famoso Capitão Romano, Iulio Agricola. Tendo este fogueitado á força de armas a Ilha de Irlanda, & temendo inuassão de inimigos, sobre hũa Cidade, que se dizia, Bedotria, & que lhe impedissem

sem o passo & caminho, à passagem dos exercitos, reconheceo os postos, com a Armada a primeira vez, que se entregou a Agricola, com cujas forças lhe succedia tudo prosperamente, fazendo, em hum mesmo tempo, guerra aos leuantados, por terra, & por mar. Assi escreue Tacito, na lingua latina, traduzido na vulgar.

Illustrando o douto Barrientos este lugar, com seus discretos, & politicos Aforismos, assi escreue no numero 154. em Espanhol. *Quando se teme en las tierras, que alcançan mar, algun lleuamtamiento de inimigos, y daños por el, procurese tener armada, y sabidos los puertos, con que seran señores tambien de la tierra, y mas si en esta ay exercito y gente de guerra.* Assi discursa este graue Autor cõ suas grandes letras, & experiencia militar.

Deste Aforismo se proua, & do exemplo do Capitão Agricola, que as armas & forças maritimas seguraõ o Reyno & a Monarchia, & dilataõ & extendem o dominio & imperio, & que com ellas, sendo os Principes poderosos no mar, se fazem senhores da terra, ganhando mais Prouincias & Reynos, com grande augmento do Real senhorio. Tucidades historiador doutissimo, claramente comproua este assumpto, dizendo. *Qui habet maria, omnia possidet:* quem senhorea o mar, domina a terra. No caso & contingencia de Agricola, se achão os Portugueses no tempo presente; porque se teme a inua-

saõ do inimigo. Esta se impede & diuerse com a Armada, como diz Tacito, & se segura a Patria, & se ganha tal vez mais terra, como affirma Barrientos, & he verdade infalliuell, experimentada & certa.

O terceiro accidente, que tambem a Armada causa, he temor nos inimigos & contrarios, temendo-se sempre mais o Principe, que no mar he mais poderoso, pello receo & medo, que concebem os outros de suas forças, com que os pode infectar, quando quizer. E tanto se achão mais receosos, quanto menos noticia tem, & certesa da inualsaõ contraria, que grandemente os intimida; assi pella grandeza do mal, que se representa; como pella pouca preuenção & fraqueza com que se achão. Propriedades & condiçoẽs, que sempre acompanhão o temor de qualquer dano, & que sempre o reforção & augmentão, como o Docto Angelico infina, na Prima secundæ, questão 42. Artigo 5. *Tumor, ex duobus contingit. scilicet, ex magnitudine mali, & ex debilitate timentis.*

Gentil he este segundo lugar do allegado Tacito, que lemos na vida & feitos de Cayo Emperador Romano, que em Portugues vem a dizer, fallando do mesmo Agricola, na conquista das Prouincias de Frizia, & Sueuia. *Mandou a Armada diante, pera que roubando em muitas partes, causasse hum espanto incerto & grande.* Estas saõ as palauras de Tacito, que

que grandemente esmalta Barrientos, no Aforismo 173 dizendo. *La armada que corre por la costa inimiga, es du'loso, y grande el espanto que causa, no se sabiendo pontualmente, donde irá dar.* Desta maxima tão ordinaria & corrente, bem se argumenta & infere, que causa a Armada do Principe, receo & temor nos inimigos & contrarios. Sendo pois estes accidentes infalliveis & necessarios, he muito pera estranhar o descuido de hum Governador, que saltar neste emprego, quando'lhe não falte cabedal, & substancia pera o executar & obrar.

O maior & mais excellente mestre deste exercicio militar, & o mais docto Principe, & que melhor comprehendeo & praticou esta mais nobre & illustre Arte, foi o senhor Rey D^o Manoel, & como conheceo, q^a as forças de maior importancia & peso (pera cōservação & segurança de Portugal) erão as Armadas do mar, pos nelle tantas, tão poderosas, & tão continuas, que esta Monarchia se cōservou segura, & dilatou gloriosa, mais que em tempo de outro Principe algum. E assi naquelle felice tempo, triumpharão os Portugueses com estabilidade seguros, dilatarão o Imperio com gloria, & cō valor, intimidarão seus inimigos.

E com a excessiva & innumerauel despeza de tantos milhoes de ouro, que leuauão as Armadas quotidianas, o multiplicarão de sorte, q^e se estimava

menos

menos o ouro, que a prata, como diz o eloquente Portugues, Manoel de Faria de Sousa, na 3. par. cap. 15. em idioma Castelhano, cujas palauras repetimos, pera maior confirmação deste discurso. *Parecia la Corte Portuguesa una plaza uniuersal, y patria común de todas las naciones, todas salian cargadas preciosamente. El oro fue tanto, que llegó a estimarse menos, que la plata, y poco mas que el cobre.* Nobre parto & generosa producção das grandiosas Armadas, que se custosas, tão rendosas, que seguraõ & defendem a terra, & a fazem rica, opulenta, & grandiosa.

C A P. XXXI.

*Das muitas & fortes Armadas, que fez
o senhor Rey Dom Ioão
o Terceiro.*

COnhecendo este magnanimo Principe os nobres, & illustres effeitos, que resultaõ a hũa Monarchia, que se empenha em grandes forças maritimas, tanto se empregou & empenhou nestas (& foi herança que seu pay lhe deixou) que sempre tene grandes Armadas, com que viueo com delcanço & repouso, no mesmo tempo, que suas gloriosas armas o tirauão aos Turcos, Mouros, & outras

outras mil barbaras nações. As que achamos escritas pelos liuros, são as seguintes, que referimos neste catalogo, nas quais tanto se adiantou, que parece, excedeo a todos seus antepassados.

1. Tanto que este Principe tomou o gouerno do Reyno, logo mandou a India tres naos grandes & poderosas, de que forão Capitães Diogo de Mello, Dom Pedro de Castro, Dom Pedro de Castelbranco, & forão sem Capitão maior, anno 1522. em que tomou posse desta Monarchia, por quanto El-Rey Dom Manoel seu pay, morreo aos 13. de Dezembro, de 1522.

2. Armada de sette naos pera a India, Capitão mór Diogo da Silueira, anno 1523.

3. Armada de dez naos grandes, & cinco carauellas muito fortes, Capitão mór o Viso Rey Dom Vasco da Gama, anno 1524.

4. Armada de cinco naos, Capitão mór Phelippe de Castro, anno 1525.

5. Armada de cinco naos, sem Capitão mór, anno 1526.

6. Armada de cinco naos, Capitão mór Manoel de Lacerda, anno 1527.

7. Armada de onze naos, Capitão mór Nuno da Cunha, que hia por gouernador pera a India, anno 1528.

8. Armada de quatro naos, Capitão mór Diogo da

- da Silueira segunda vez, anno, 1529.
9. Armada de cinco naos, sem Capitão mór, anno, 1530.
10. Armada de cinco naos, sem Capitão mór, anno, 1531.
11. Armada de doze naos, Capitão mór Dom Pedro de Castelbranco, anno, 1532.
12. Armada de seis naos, em duas Capitánias mōres: de hũa Capitão mór Dom Ioão Pereira, da outra, Dom Gonçalo Coutinho, anno, 1533.
13. Armada de cinco naos, Capitão mór Martim Affonso de Sousa, que depois gouernou a índia, anno, 1534.
14. Armada de sette naos, Capitão mór Fernão Perez de Andrada, anno, 1535.
15. Armada de cinco naos, Capitão mór Jorge Cabral, anno, 1536.
16. Armada de cinco naos, sem Capitão mór, anno, 1537.
17. Armada de doze naos, Capitão mór o Viso-Rey Dom Garcia de Noronha, anno, 1538.
18. Armada de quatro naos, Capitão mór Francisco de Sousa Tauares, anno, 1539.
19. Armada de cinco naos, Capitão mór o Governador Martim Affonso de Sousa, anno, 1540.
20. Armada de cinco naos, sem Capitão mór, anno, 1541.

21. Armada de cinco naos, Capitão mór Dom Diogo da Silueira, anno, 1542.
22. Armada de cinco naos, Capitão mór Fernão Perez de Andrada, segunda vez, anno, 1543.
23. Armada de seis naos, Capitão mór o Gouvernador Dom João de Castro, anno, 1544.
24. Armada de quatro naos, Capitão mór Lourenço Pirez de Tauora, anno 1545.
25. Armada de quatorze naos, repartidas em duas Capitánias, anno, 1546.
26. Armada de tres naos, & duas carauellas fortes pera o Brasil, Capitão mór Thome de Sousa, no mesmo anno.
27. Armada de cinco naos, Capitão mór D. Alvaro de Noronha, anno 1547.
28. Armada de cinco naos, sem Capitão mór, anno, 1548.
29. Armada de noue vellas fortes & grandes à Costa do Algarue, & às Ilhas, Capitão mór Luis Coutinho, no mesmo anno.
30. Armada grande sobre Alcacere, Capitão mór Dom Pedro Mascarenhas, no mesmo anno.
31. Armada de doze nauios grandes, pera guarda do Algarue, a qual depois foi a Guiné, Capitão mór Dom Pedro da Cunha, anno o mesmo.
32. Armada de cinco naos, Capitão mór o Visorey Dom Affonso de Noronha, anno, 1549.

33. Armada de cinco navios, Capitão mór Luis Figueira, anno, 1550.

34. Armada de cinco naos, Capitão mór Diogo Lopez de Sousa, anno, 1551.

35. Armada de tres naos, Capitão mór Fernão Soares d'Aluarenga, anno, 1552.

36. Armada de duas naos, Capitão mór Dom Jorge de Meneles Baroche, no mesmo anno.

37. Armada de quatro gales, & cinco navios para defensão do Algarue, Capitão mór Dom Pedro da Cunha, General das gales, no mesmo anno.

38. Armada de seis naos, Capitão mór Dō Pedro Mascarenhas, segunda vez, indo por Visorêy da India anno, 1553.

39. Armada de cinco naos, Capitão mór Leonardo de Sousa, anno, 1554.

40. Armada de cinco naos, Capitão mór Dom João de Meneles de Siqueira, anno, 1555.

41. Armada de cinco naos, Capitão mór Dom Luis Fernandes de Vasconcellos, anno, 1556.

*Qui pertence d'ida de 149. & Tinha logo a 1557 a armada
para exclusão.*

CAP. XXXII.

Tocãse brevemente, a inconstancia do poder do mundo, & de suas grãdezas.

Viveo o senhor Rey Dom Ião o Terceiro sincienta & cinco annos, reinou trinta & cinco & meio, morreo a onze de Junho, da Era de 1557. hũa sexta feira depois da meia noite, que foi dia de São Bernabe Apostolo, tendo nascido nos Paços da Alcaçoua (que são os do Castello de Lisboa) hũa segunda feira, quasi duas horas depois da meia noite, que foraõ 6. do mes de Junho, do anno de 1552. De modo que este Principe nasceo no mes de junho, no dia referido, depois da meia noite, & no mesmo mes morreo tambem, depois da meia noite.

Tomou posse destes Reynos, em 19. do mes de Dezembro, da Era de 1521. por auer morto seu pai El Rey Dom Manoel, aos 13. do dito mes de Dezembro. E no discurso de trinta & cinco annos & meio, que teve o Imperio de Portugal, tanto se empregou em grandes Armadas, que mandou a India no dito tempo, mais de duzentas & quarenta naos grandes & fortes; a fora outras muitas & grandes Armadas

Armadas de grandissimo poder, que mandou a Africa, às Ilhas, ao Brasil, & outras partes diferentes, com que fez grandiosa a fama da potencia de Portugal, & seu nome eterno na memoria dos homens.

No periedo & termo de trinta & sinco annos, que teue de duração o gouerno deste grande Principe, mandou a India hũa, quasi immensa multidão de fortes & duros Baxeis, argumento claro de sua grandissima potencia, que foi tão grande, que afombra os presentes, assi como intimidou os passados, & espantará os vindouros. E posto que este poder Portugues, medido & regulado pellas forças que vemos, parece incriuel ao juizo humano, não se duide; porque o abonaõ & acreditaõ, não sò os Escritores naturaes, mas tambem os estrangeiros. Estas variedades, estas mudanças, são accidentes infalliveis, & inseparaueis deste mundo, que se conserva com estas intercadencias. Transcunte & passageira he entre os homens a constancia, & a duração & firmesa de suaz glorias & grandezas; & só em Deos, são permanentes, firmes, & perpetuas.

Aduirtase ao discreto Leitor, que o s. q. começa: Tinha sempre hũa Armada viua, &c. & outros que vão no Cap. 27. pag. 149. pertence ao Cap. 31. por ser do senhor Rey D. João III. & não do senhor Rey D. Manoel.

CAP. XXXIII.

*Comprouase, como o Principe inclinado
a grandes Armadas, sempre foi
liberal com seus vassallos.*

N Aõ podemos negar, que foi este mais poderoso Monarcha muito amigo de novidades, não destas que estranhamos, & reprehendemos, mas daquellas, que mais illustraõ a grandeza & liberalidade Real, acquirem, & conciliaõ o amor dos vassallos (thesouro mais rico & importante) & que mais sublimaõ hum Imperio ao summo poder, & fortaleza. Compruemos estes mais nobres & regios accidentes, cõ alguns successos & exemplos.

Assi escreve Valconcellos, no Anacephaleose 15. num. 18. fol. 292. Chegãdo da India a esta Corte hum homem, por sangue illustre, & por esforço, & por serviços grande, continuados por largos annos naquelle Estado, tomaraõlhe os officiaes da Casa da India por perdidos, por não virem registrados, hum bisalho de Diamantes, & outras pedras preciosas, que valiaõ doze mil cruzados. Era a tomadia grande, & na entrega della esperavaõ grandes despachos (zello nacido não da fidelidade,

dade, que se deue ao Principe, mas da cobiça, & proprio interesse.) ElRey recebeu a tomadia, & meteo-a debaixo do panno de hum bufete.

Conhecia o dono, & sabia que não era rico. Mandouo chamar, & perguntoulhe por cousas da India; & vltimamente, se viera com algum cabedal? O soldado lhe respondeo, que algum trazia, ajuntado em muitos annos, & com muito trabalho & fadiga, & que escapando a todos os perigos do mar, & dos coffarios, o perdèra todo dentro em casa, & que eraõ huns diamantes, que valiaõ doze mil cruzados. Mostroulhe ElRey sentido do successo, & disselhe, se vòs os virdes, conhecelloseis? Respondeolhe, si senhor. Tirouos o grande Principe debaixo do panno, & vendeos o dono, reconheceo a sua pedraria. Tornou ElRey dizendo: Sei muito bem a satisfação cõ que me tendes seruido, ideuos embora com a vossa pedraria.

Não eraõ maos doze mil cruzados pera as despezas Reaes; grande era a tomadia, mas este glorioso Monarcha, & este Alexandre Portugues, estimava menos o ouro, & mais o amor de seus vassallos: & com grande & verdadeira razão; porque os cruzados, cõ breuidade se gastaõ, & os coraçoẽs rendidos ao Principe, sempre duraõ. Desprezou as riquezas de Dario, em sua presença Diogenes pobre, mas grande Sabio, dizendolhe. *Seu mais rico, do que tu es, porque*

porque as tuas riquezas perecem, ou ás mãos do tempo, ou da
cobiça. Mas as minhas, como são de bons amigos, durão mu-
ito, & permanecem. Quem persuadira ao mundo esta
verdade! Quem vira abraçada dos homens tão cer-
ta, & irrefragavel doutrina? Que difficuldades não
rôpera hũ vassallo obrigado & amãte do seu Prin-
cipe? Obriga & prêde a liberalidade os corações;
a escaseza, os faz isentos & liures, diz Publio Syro.

Refiramos outro exemplar do mesmo Autor,
no lugar que deixamos aduertido. Vindo outra
frota da India (que todos os annos vinha, porque
hia, que no Oriente tem aquelle grande Estado o
corpo, a quem Portugal cõmunica a alma & a vi-
da) hum Indiatico achando lugar hũa noite as fur-
tadas, tirando grande quantidade das mais precio-
sas drogas, encheo dous barcos, e se foi com elles a
Sacauem, pera dali por terra as pôem parte segu-
ra. Sabido o furto, deu-se conta a El Rey. Mandou
chamar o delinquente, & era o Capitão da nao,
irformandose do crime, conheceo, que o ser pobre
fora o motiuo, & occasião.

Esperando os Ministros leuallo preso, carregado
de ferros, sahio com hum real decreto, que fosse
descarregar os barcos a sua casa, & que liuren en-
te se ficasse cõ a sua fazenda (que tal ficaria aquel-
la deuota gente) porque necessitava della, & com
muita afflicção & custo a tinha adquirido & gran-

geado, & que na materia se não falasse.

Com estas, & com outras tão illustres, & grandiosas acções, ganhou este soberano Monarcha o mais honrado nome de Pay da Patria. Amava a seus vassallos como filhos, & estes o amavaõ como Pay. E que segura & poderosa se achava entã esta Monarchia! Esta liga he a primeira, he a mais forte & dura, & de maior importancia pera segurança do Principe, conseruação & augmento do Reyno. Esta novidade he a de maior preço, & pera os que gouernaõ a mais necessaria & precisa,

A outra novidade em que (com todas as forças, & incansavel cuidado, procurou effectiuamente exceder aos Monarchas, que o mundo celebrou mais poderosos) foi nas grandes, fortes & continuas Armadas, com que pouoava os mares, como já em parte, & por maior deixamos ditto; & na realidade foraõ tantas, & tão soberbas & duras, que diz Vafconcellos, que em seu tempo se viraõ as maiores em poder & multidaõ, que a memoria, & a fama continuaõ & conseruaõ.

Assi escreue no numero 32. *Illo regnante classes omnium maxima, robore, ac milite ornatissima.* Não satisfeito ElRey de manifestar seu poder, com a multidaõ excessiua dos guerreiros Baxeis, que mandou fabricar em seu tempo; de nouo, & com particular inuentiua & applicação, mandou formar hum tão grande,

grande & tão poderoso, que fez a todo o Vniuerso
biz arra ostentação da potencia de seu braço forte
& real grandeza; intentando, que a extraordinaria
forma de hum só corpo naual, certificasse os olhos
que o viaõ, das forças de Portugal, que em innume-
raueis vasos, se conhecião repartidas.

C A P. XXXIV.

*Do grandioso arteficio do mais forte,
& poderoso Galeão São Ioão,
que tanto acreditou este
Reyno.*

COm este veramente real & grandioso inten-
to, mandou laurar o Galeão S. Ioão, que por
fama vive na posteridade, com o nome de
Bota fogo. Foi este o maior, & o mais forte & guer-
reiro baixel, & o de maior força, que os homens vi-
raõ, & por ventura não hajaõ de ver. Affombrou o
mundo com sua grandeza, & pera seu dono gran-
geou nome immortal. Todos os Escriptores estrã-
geiros passados & presentes o celebrão & engran-
decem, & sò os Portugueses o enter aõ & occultaõ,
acção na verdade ingrata ao deuido reconhecimẽ-
to de hum tal Principe, que tanto se desuelaua, em

illustrar as glorias de Portugal, por todas as vias possiveis.

Muito he pera sentir, que as penas de casa, lancem borroës nas proprias grandezas, quando as de fora se aparaõ & adelgação pera as escreuer com mais clareza. Se o motiuo fora modestia, era indifcreta; mas he natural descuido, & falta grande. Ocultar defeitos he prudencia; enterrar grandezas, não he de historiador. Graças mil aos Chronistas estranhos, & poucas, ou nenhūas aos naturaes. Este vexame oução com paciencia, pello trabalho, que nos deo sua negligencia & descuido; porque não sò na estampa se passou por alto a grandeza, & particularidades notauéis deste mais celebrado galeão, mas ainda poucos papeis antigos achamos, que renouassem a memoria tão deuída de sua grandeza. Nesta falta, aperto, & escuridaõ, faremos & colheremos sua poderosa & espantosa corpulencia, por consequencias topicas, ou prouaueis, inferidas do que os Autores escreuem, referem memorias antigas, & a tradição continua do Reyno, confirma, cõuence & persuade; & não pouco authorizada, com as noticias que colhemos de hum liuro antigo de mão, de muitas cousas passadas, & dignas de memoria, q̃ tinha Dõ Antonio de Meneses, Comendador de Castelbrãco, q̃ Deos tem, que elle estimaua muito, & nos cõmunicou, estãdo na villa de Abrãtes.

Todos

Todos os graues Escriitores, antigos & modernos estrangeiros, illustraraõ seus escritos, com a memoria desta fortaleza maior, torre naval, & machina mais gnerreira, como destes q̃ referimos (por ser impossivel allegar todos) se colhe, & argumenta.

Assi escreue o grande Chronista Illescas, na 2. p. da Historia Pontifical, liuro 6. cap. 27. §. 1. fol. 346. falando da jornada, que o Emperador Carlos V. fez a Tunes em Africa, no anno de mil quinhentos, & trinta & cinco, aonde foi este famoso Galeaõ São João. *Vino tambien alli el Infante Don Luis de Portugal, hermano de la Emperatriz nuestra señora, con veinte y cinco carauelas, y con un Galeon, el mayor, y mas bien armado, que hasta entonces se havia visto en la mar.*

Sandoual, na 2. par. d. a Historia de Carlos Quinto, liuro 22. §. 4. *Entró con las carauelas un Galeon armado, grueso, y famoso, en aquellos tiempos por su grandeza. E adiante diz. Las carauelas de Portugal, con las galeras de Don Aluaro Bazan, llevauan la Vanguardia. Eraõ as carauellas daquelle tempo, maiores que as de agora, fortes, & muito armadas, com artilharia, & soldadezca, & por serem estas, as pos o Emperador na vanguarda, em que vão os nauios de maior força, primeiros no choque, & na batalha. Com ellas nauegava o galeaõ referido, como Capitão & General de toda a Armada Imperial, q̃ se formaua de setecentos vasos. Assi se collige destas palauras de*

Sandoual. no §. 14. *Adelantose el Galeon de Portugal, lleuado de dos galeras al remo, y començo a bombardear la Còrteza, con ochenta bocas de fuego, y mas seßenta menores. Conforme este Autor, jugaua cento & quarenta peças de artilharia, mas mais eraõ na verdade.*

Manoel de Faria de Soula, no Epitome das Historias Portuguesas, 3. par. c. 16. num. 9. algum cuidado teue; porque sendo Portugues, faz memoria deste Galeão, em lingua Castelhana. *Llegó el Infante Don Luis, cuñado del Empeador a Barcelona, mientras desde Lisboa navegauan 26. vasos, el mayor dellos, con duziemas pieças de artilharia. Assi escreue, mas diz pouco.*

Esteuão de Gariuay, no quarto volume da Historia de Espanha, liuro 35. cap. 37. *Ayudó el Rey de Portugal al Emperador, con buena armada, de un famoso Galeon, y muchas carauelas.*

Paulo louio, no liuro 34. das historias, fol. 234. na lingua latina refere assi. *Ludouicus Lusitani Regis germanus frater, cum classe viginti quinque nauium, quas carauellas vocant. In his videre erat excelsum galeonem, incomparabili tormentorum apparatu premunitum. Ea in classe duo milia pedium, praeter nauas. Quer dizer em vulgar idioma. Assistio na jornada de Tunes o Infante Dom. Luis, irmão del Rey de Portugal, com hũa armada de vinte & cinco naos, das que chamão carauellas. E com ellas era muito pera ver & admirar hum hum grandissimo*

¶ *Leuantado Galeão, com hum incomparauel espectaculo, & aparato de artilharia, que todo o cercaua & armava fortemente. E nesta armada nauegauão dous mil infantes Portuguezes, a fora a gente do mar.*

Girolamo Ruscelli, no liuro 34. diz assi. Era uenuta ancora de Portugallo, l'Infante D. Luigi, fratello carnalle del Re di Portogallo, la cui sorella era moglie dell' Imperatore, con una armata de uenticinque navi, dequelle, che fichiamauo carauelle, auezze alle nauicazioni d'India; fra queste carauelle, era un gran Galeone fornito d' un grandissimo numero de artiglierie, &c.

Diz Ruscello. Chegàra tambem de Portugal o Infante Dom Luis, irmão carnal del Rey de Portugal, cuja irmãa era molher do Emperador, com hũa Armada de vinte & cinco naos, chamadas Carauellas, costumadas à nauegação da India. E entre ellas, vinha hum famoso & grande Galeão, armado & fortalecido, com hum numero grandissimo de artilharia.

Tarcagnota, na 3. par. da historia do mundo de Mambrino Roseo, liuro 3. fol. 170. escreue assi (que athe Italia celebrou, & se assombrou, com este Galeão). Viera parimente uenuto l' Infante D. Luigi di Portogallo cognato dello Imperatore; qui hauenuapè le mare condotto vn armata di uenticinque navi, ben fornite, di artiglierie, e di ogni altra cosa, daloro chiamate carauelle, con un gran galeone; che tutte insieme, portauano du mila Portugesi.

valerosi, in mare. Não necessita de traducção, porque bem se entende.

Francisco de Andrada, Chronista mór, que foi deste Reyno, na vida & feitos del Rey Dom João o Terceiro, par. 3. cap. 15 pouca curiosidade mostrou na discripção deste Galeão, deixando cair das mãos obra tão grossa, & machina tão grande. Contêtou-se com dizer o seguinte, poupando a pena, & fiando tudo da nossa memoria, que pera o que releua & importa, he muitas vezes fragil & esquecida; & pera o que menos val, muito apurada & esperta. Assim toca o particular Andrada, folhas 20. verso. *El Reyno nosso senhor, que não se descuidava da Armada, que o Emperador seu cunhado lhe mandara pedir, logo em tendo o seu recado, mandou fazer prestes hum grande & fermoso galeão, chamado São João, que então havia neste Reyno, tão afamado em todas as partes, que achei escrito, que o Emperador lho mandara pedir, & duas naos grossas, & vince cavallias, em que embarcou muita & mui boa gente, muitas munições, & boa artilharia, &c.* E a folhas 22. diz o seguinte, & por descuido. Não tardou muito tempo, que se não começasse a bataria, por terra & por mar, com tamanho estrondo, & terremoto (sem cessar hum só momento) que logo nos inimigos se começarão a enxergar mostras de fraqueza, em que o nosso Galeão (que batia por cima de toda a armada) o fez de maneira, que de propósito se punhão os olhos nelle. E al não disse este Escriitor, passandolhe por alto, cõ o mais

o mais, o numero grande de artilharia, que jugaua.
Deos lhe perdoe, que em tempo escreueo, que o
podera apurar.

C A P. XXXV.

*Da tradição & memoria, que os Anti-
gnos nos deixarão deste Galeão.*

EM grande obrigação estamos os Portugueses
aos Autores estrangeiros, que com seus illu-
stres escritos nos inculcão & conseruão as ex-
cellentes & nobres memorias de Portugal, que os
naturaes, com tanta culpa & descuido, extinguem,
encobrem, & sepultão. Falta na verdade grande, &
muito pera sentir, & particularmente à vista dos
estranhos, que tanto engrandecem, celebrão, & per-
petuão as suas; não sò em liuros, que sempre viuem,
mas nas continuas tradições constantes, & perma-
nentes.

Esta excellencia & perfeição, se conhece em to-
das as nações do mundo, & em particular no Rey-
no de França, que vimos em seruiço (mas sem pre-
mio) desta Real Coroa, no anno de mil & seiscentos
& quarenta & quatro; alcançando, que todas as
coufas grandes, & notauéis daquella Monarchia se
con-

conferua na Estampa, & todas andão na memoria, & boca de todos. Acção na verdade nobre, & digna de gente de entendimento & juizo. Grande he o nosso esquecimento, assi o tocou delicadamente o maior Poeta.

*Não deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos Reinos lá da Aurora,
Se fizerão por armas tão sobidos.*

Soppoſto que o primeiro entendimento do Poeta he dizer, que não serão esquecidos os illustres Heroas, que tanto dilataraõ o Imperio do Oriente, tambem em segunda intelligencia, & não impropria, chama ſeus versos esquecidos por dous titulos. Hum, pellos ſogeitos que com elles engrãdece, que já eſtauão esquecidos cõ ſuas proeſas & façanhas; outro, porque via, que athe os ſeus versos, em que as canta & louua, havião de ſer em breue tambem esquecidos, pello natural eſquecimento Portugues.

E tanto he iſto aſſi, que ha homens, que vos repetem as chimeras & fabulas de Gongora inteiras, ſem as entender (& por iſſo tem diſculpa, porque a intelligẽcia diz relação a entidade, eſta lhes falta) ſem ſe lembrarem dos excellentes versos de Camoës, tão cheos de verdades, que aſſombraõ, & tão ricos de ſentenças, que enſinaõ. lá diſſe antigamente

mente hum grande senhor, mui discreto (cuja memoria com tanta razão celebra este Reyno) conhecendo esta falta nossa. *Los Portugueses todos los miercoles, han menester vn Memento homo.* Muito nos esquecemos de tudo o que nos honra, sublima, & engrandece. Alguem quiz desculpar este defeito, com a falta do fauor. Assim parece o sentia já em seu tempo o nosso Virgilio Portugues.

*Todos fauorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento.*

Esta desculpa será bastante pera reter a pena: mas hũa vez que hum Autor se resolve em escrever, ha de ser como conuem, & pera não o deixar no tinteiro tudo o que inaporta, & tudo o que serue & conduz, pera sublimar a gloria, & illustre fama de hum Reyno & Imperio. Nesta materia & neste soggetto, tem grandissimo & deuido lugar, a memoria & a lembrança de hũa obra tão grandiosa, & insigne, qual foi o soberbo & famoso Galeão Bota fogo, que tanto engrandece o Real animo de hum Principe, que fazendo tantas & tão poderosas Armadas, de tantos & tão fortes navios, soube em hũ sò fazer muitas, vnindo & compondo em hum soggetto as forças, que por muitos poderosos baxeis, se vião separadas & repartidas.

E se he manifesto argumento do soberano poder de Portugal, compôr muitos & grandes exercitos nauaes, & muitas & differentes naos, quem duvida, que he igual à sua maior grandeza vnir, & reduzir a hũa sò, o poder de muitas Armadas? He o homem o mais cabal & perfeito composto do Vniuerso, porque todas as perfeições recopilou nelle o Artifice Diuino, diz o graue Tertuliano, no liuro 8. *Homo est summa creata pulchritudinis.*

Semelhantemente podemos discursar no presente assumpto. Se grandes exercitos nauais, são agradaveis à vista, pella diuersidade de famosos baxeis, & tambem formidaueis, & terribéis pellas forças de que se compoem; com maior razaõ deue ser aos olhos agradauel & feroso, hum sò Galeão, & juntamente espantoso & terribel, comprehendendo & contendo dentro em si, todo o poder & forças de muitas Armadas. E destas, podemos dizer, que foi hum vniversal, existente à parte rei, & a summa & forte vniaõ de seu poder.

A tradiçaõ que nossos Pays & Auõs nos deixaraõ deste mais soberbo, admirauel & famoso Nauio, que aqui referimos, he esta. Formauase o corpo, desta maior fortaleza naual, de forte & dura madeira, que vestiaõ sinco cubertas altas, largas, & tão compridas, que occupaua o comprimento, hũa vez & meia, de hũa grande nao da India. Esta grandeza

deza persuade facilmente o bõ discusso, porq̃ sendo as naos da India naquelles tēpos, de quatro cubertas, como consta, pera este Galeão as exceder & ser maior, era força que se cõpusesse de cinco, & mais; porq̃ se fora de quatro, como ellas eraõ, fora igual, & não maior. E sendo superior na altura (pella regras da maritima Architectura) necessariamēte haviã de ter o referido comprimento.

Persuade-se mais esta grandeza excessiva, porque alguns dos Escritores, que allegamos, affirmam, que forão a Tunes na Armada de Portugal, tres naos da India, que erão de quatro cubertas, & Sandoual, no lugar que deixamos escrito, diz, que Andre Doria leuaua nellahum grandissimo Galeão, o maior, que se vio em Italia. A estes depoimentos & testemunhos verdadeiros, ajuntemos o de Francisco de Andrada, Chronista mór, que depoem assi, na 3. par. cap. 15. fol. 22. col. 1. *O nosso Galeão, que batia por cima de toda a outra Armada, a fez de maneira, que de proposito se punhão os olhos nelle, &c,*

Indo nesta poderosa Armada os maiores nauios, que haviã em Espanha, naos da India de quatro cubertas, & o alteroso Galeão de Andre Doria, & affirmando Andrada, que batia o nosso Galeão por cima de toda a outra Armada (que constaua de setecentos vasos maiores, grandes & pequenos) bem se inferẽ, que era maior, mais grande, mais alto, & mais

mais leuantado & superior, que todos elles; porque se não fora tal, nunca podera a sua artilharia jugar contra a fortaleza da Goleta, por cima de toda a outra Armada. E como nesta entrauão muitas naos de quatro cubertas, bem se argumenta & infere, que o Galeão Bota fogo, era de finco & mais cubertas. Este discurso he formal & concludente na forma da boa Argumentação.

Diz mais a tradição, que era tão armado & forte, que jugaua tantas peças de artilharia, entre grandes & menores, como quantos dias tem o anno, que são trezentos & sessenta & seis dias. E segundo esta constante memoria, com trezentas & sessenta & seis peças, de artilheria de bronze, se armava & vestia. Assim o dá a entender a hyperbole & encarecimento de Paulo Iouio, já referido, que tornamos a repetir, obrigados da formalidade de nosso discurso. Assim diz, no liuro 3. fol, 231. *In his videre erat excelsum galeonem, incomparabili tormentorum apparatu permunitum.*

Nesta poderosa Armada (diz este Autor graue) era muito pera ver (hum grandissimo Galeão, armado & fortalecido, com hum incomparaueel & não visto apparato, & numero de artilharia. Quem afirma, que o numero era incomparaueel das bombardas, bem mostra, que a multidão era incruel ao parecer de quem a não via. Menos diz logo Sandoual,

doual, que o arma, com cento & quarenta; & pouco diz Faria, que o compoem, com duzentas. Seja logo o testemunho da tradição o mais certo, que jugaua trezentas & sessenta & seis peças de fogo, por tantas bocas de bronze, que he a multidão, & o apparato incomparauei de artilheria, que certifica Paulo Iouio.

Esta multidão incomparauei (& nunca athe entrão, nem depois vista) se repartia por quatro andares de artilharia, que jugaua por cada banda, assentada nesta forma, como dizem. O primeiro, era ao lu me da agoa, q enchião canhoes mais reforçados & grossos de bater, que affombrão a que os via. O segundo, se compunha de colubrinhas. O terceiro, se formaua de meios canhoes. O quarto, se auistaua cõ Esperas, & meias colubrinhas. Poucauaõ se estas nauais galarias, cõ tantos vasos de bronze. Na poupa, & na proa, se leuantauão duas grandes torres, com hũa multidão notauel de bombardas, & tão visinhas & densas, que parecião duas pinhas de forte artilharia, em que entrão as menores, que erão Camelos, pedreiros, meias Esperas, Aguias, Sacres, Falcoes & Berços. Vltimamente no conues, estaão grandes & fortes Roqueiras. Assim colhemõs de algumas memorias antigas, que desenterramos do sepulchro do Portuguez

CAP. XXXVI.

Continuase o mesmo assumpto, & multiplicãse mais exemplos sobre a necessidade de Armadas.

Esta grande, & espantosa arca de Noe guerreira, recolhia em si seiscentos duros, fortes, & destros mosqueteiros, & trezentos soldados mais, valerosos, esforçados & valentes, que jugauão espada & rodella; & alguns querem fossem mais. E não ha duuida, que assi hauia de ser; muitas almas, mais eraõ necessarias, pera animar corpo tão grande, tão espantoso & terribel. Não se dauide o referido, que a tradição o affirma, & algũas memorias antigas o certificaõ. E não menos se conjectura & infere formalmente, pois escreue Andrada, no lugar citado, que o Emperador Carlos Quinto, mandou pedir a el Rey Dom Ioão Terceiro seu cunhado, que no socorro de Portugal, fosse este galeão celebrado.

Assi escreue este graue, ainda que deminuto, Author, a fol. 20. verso, col. 1. *Achei escrito, que o Emperador, lhe mãdara nomear este Galeão em particular, na Armada, que lhe mandara pedir, & duas naos grossas, & vin-*

de caranellas, &c. Bem se argumenta, & bem se infere destes antecedentes, que tal deuia ser este galeão, qual deixamos debuxado com a pena; pois hũ Principe tão guerreiro, inuenciuel, & que tantas & tão grandiosas Armadas tinha, que era tanta a opiniaõ & conceito que tinha deste nauio, que se empenha em o pedir nomeadamente. Grande sem falta foi o poder q̃ trafia, & extraordinaria deuia de ser a sua grandeza.

Naõ satisfeito ElRey Dom Ioão de ajudar ao Emperador, empenhouse muito em que este galeão fosse à empresa, tão armado & poderoso, que podesse resistir, & romper toda a resistẽcia dos Mouros, que foi grãde, pellas grãdes fortificações, que o renegado Barbarroixa, Rey intruso de Tunes, tinha feito na Goleta. Era esta hũa grande fortaleza, posta na ponta de hũa garganta, por onde o Mediterraneo entra com hum braço, & vai lauar os muros de Tunes, vezinha da antigua & celebrada Cartago, caminho pouco mais de hũa legoa, de quem ainda apparecem algũas roinas. Dista esta garganta da Cidade duas legoas, & da fortaleza, a outra porta da terra, tinha o infiel posta por baixo da agoa, hũa forte & grossa cadeia froixa & bamba, peraque os nauios menores & gales da Armada, naõ passassem pello rio assima, que tem pouco fundo, mas paraffem naquella boca ou garganta, o que na verdade

dade aconteceo, como logo mostraremos, pera gloria de Portugal, & credito da tradiçaõ deste poderoso Baixel, que este respeito nos dilata, & faz entender a narraçaõ.

Sabida em Portugal esta preuençaõ, & conhecido este ardil, pella informaçã de alguns cativos, que fugiraõ de Tunes, cuidandose na contramina, & expugnaçaõ da traça do Barbaro, elegeose hum excellente, & efficaz arbitrio, que o successo comprouou. Mandou ElRey fazer hum talhamar, ou ferra grande de aço fino, o qual se pos pella proa do Galeão, pera que quando abalroasse a cadea, a podesse romper & cortar com facilidade, sem receber dano algum. Offereceose a occasiã preuenida, despois de os mais poderosos nauios do Imperio se acharem frustrados, & rechaçados da dura cadea, que não poderaõ vencer. Pede o Emperador ao seu Inhor Infante Dom Luis, que com o seu Galeão a inuista, obedeceo; mas ficou o primeiro golpe em vão. Os Mouros, & os Castelhanos deraõ grandes gritas & surriadas de vofaria, mas differêtes no fim; porque nos inheis, foi soberba, & nos Catholicos, desconfiança & gostinho, de que Portugal não le-nasse a melhor: toce antiga nos Castelhanos, nos lhe perdoamos, cõ tanto que cõfessem a causa, & o porque.

Empenhouse o Infante, em segunda ferida, mandando

dando ao Piloto, que se fizesse ao mar, & que largasse todo o pano (prevenção que faltou no primeiro lanço) ao vento, que refrescava em poupa, abriu o navio as azas, enueste segunda vez a cadea, com tanta furia & violencia, que logo a rompeo, & fez em pedaços, levantando hũa cerra de agoa, como hum monte. Ouue grandes viuas em toda a Armada, & nos inimigos temor & confusão. Lançou o Galeão ferro entre a dura fortaleza de Ladri-lho, & a outra torre, & pôsse a bater a Goleta, como se fora de pedra & cal, & gastou tantas horas do dia em disparar & esbombardear a praça forte, que os Castelhanos espantados & aflombrados de tantos, & tão furiosos tiros, dezião, que se desfazia em fogo. E daqui lhe ficou o proprio nome, que o vulgo repete, & a pena não permite, & nós lhe chamamos, Bora fogo.

Acabada a sua furriada & bataria, entraraõ os mais navios da Armada na boca da garganta da Goleta, que tẽ de largura no principio, pouco mais de vinte braças, começandose segunda, jugava o nosso Galeão por cima della toda, com que se desmantelou tanto a força, que em breves dias foi entrada & rendida.

Esta grande victoria principiou este Galeão famoso, rompendo aquella grossa cadea, que impediu o passo a tão poder junto de poderosos navios.

las só se dene gastar) os quaes serão de grande poder & força, como a tradição affirma. Esta dizem, se confumio às mãos do governo Castelhana, que não fez nesta Coroa mais, que perder, & destruir, tratando tudo como fazenda alheia: & na verdade o era, & por nenhum titulo justificado sua. Dizem que destes afamados galeões, que serão alterosos & grandes, escapou hum, que ainda hoje existe, & se conserva, não se sabe qual seja, nem aonde estara, mas se tal he, bem se pode piamente crer, que será o de Indas, como os effeitos mostrão, & persuadê. Acabarão os dos outros Apostolos, & só esse vive, triumpho, & permanece. Com zelosas apparencias de ajuntar & conservar, recolhia este o peculio do Collegio Apostolico, & com fome de cobizofo insaciavel o furtava, & escondia, & em pena de seus delictos, se enforcou por suas mãos. Estas teue pera si, & contra si. Acção justificada fora praticar naquelles que logrão o primeiro effeito, experimentar o segundo; porque mal se reformão culpas sem

castigo.

CAP. XXXVII.

*De outros exemplos nobres, que obrarão
as nossas Armadas, effeitos do esforço Po-
tugues, engrandecido até pello inimigo
Castelhanos; e estímulo grande para exci-
tar nosso prudente cuidado, a que não
faltará o fauor Divino.*

NO tempo deste valeroso Principe o senhor
Rey D^o Sebastião, obrarão os Portugueses
com suas fortes Armadas, façanhas tão ex-
cellentes & admiraveis, que excederão as de maior
fama, nome & gloria; pois consta, que Dom Luis
de Attayde fez tributaria a esta Real Coroa, a re-
publica de Braçalor, & com seiscentos Portugueses
defendeo a Cidade de Goa, cercada pello Hid. I.ã, ,
com cem mil Barbaros, dous mil elefantes gu e rei-
ros, quasi trescentas peças de artilharia grossas, fa-
zendo o retirar com perda de mais de oito mil ho-
mens, que forão degollados.

Assim em Chaul, Dom Francisco Mascarenhas,
resistindo valerosamente a Nisamaluco, que por seu
mal a sitiou, com cento & cincoenta mil combaten-
tes,

tes, trezentos elefantes, quarenta canhoes grossos, & depois de nove meses, de hum porfiado cerco, foi vencido, com morte de doze mil infieis. Assi Dõ Constantino de Bragança, filho do Duque Dom Gemes, em Damão. Assi, Jorge de Moura em Onor. Dom Leonel Pereira em Malaca, contra o duro Achem. Dom Diogo de Meneses, no valente Malauar, & Reyno de Mangalor; & outros muitos, que hoje viuem por gloria, & por fama, & aqui não relatamos; porque seus illustres feitos pedem outro lugar & tempo.

Estes meios, & estes caminhos se deuem practicar & seguir, pois os comprouão tantos, & tão profperos successos, certificados com tão certa & infalliuell euidencia. Não reprovamos as fortificações da terra necessarias, que fora cegueira, & ignorancia, mas condenamos o descuido do mar, que he necessidade & prudencia. Se o pisarmos com fortes Armadas, conseruaremos a patria, cõ grandes augmentos, & se nos descuidarmos dellas, tudo perecerà com grandes discreditos. Bem conhecemos, que são os tempos differentes, & que o Principe muitas vezes não pode, o que mais deseja: mas se com muitos talẽtos & milhoẽs, se obra muito; tambem deue luzir a obra daquelle, que agencia com menos. Louuado ficou por Christo o seruo, que com maior cabedal obrou muito, & condenado o
que

que reparando no pouco, se descuidou negligente.

Sigamos as estradas reaes, & não busquemos atalhos à despesa necessaria, que quem atalha, mais rodea. Se as Armadas não podem ser muitas, sejam poucas; & se não pode o cabedal ainda com poucas, seja hũa, & boa; porque se o pouco tem de carga, o nada não tem desculpa. Conheçamos por maxima indubitada & infalliuel, que se formos senhores do mar, que o feremos da terra.

Abra Deos os olhos aos Ministros, pera que vejam a fonte clara desta verdade, & tão necessaria pera nossa defensão. Não diurta & impida esta o particular respeito da commodidade propria, que tinha tão cega a escrava Agar, q̃ não via a agoa, que tinha presente. Nos olhos tinha o perigo da cede mortal do minino Ismael, & tanto nas mãos o remedio: mas a inueja contra Isac, & paixão contra Abrahão, a fazião não atinar com elle. Todos desejamos vida & liberdade, nas nossas mãos estão os meios. Não esperemos que tudo sejam milagres, porque se duida se merecemos tantos: & querellos sem razão, he culpa de que Deos se offende. Obrigação he do Christão pòr todas as suas esperanças nelle: mas nem a Fè Catholica, nem o Sancto Evangelho nos manda dormir, & descuidar, se não que vigiemos, & que trabalhemos nas cousas que nos importão; & por isso louua Deos o seruo que trabalha,

balha, & condena o que dorme & se descuida.

Hum grande seruo de Deos, o Beato Padre Frã-
cisco de Borja, da sagrada Religião da Companhia
de Iesus, custumaua dizer ao nosso intento, a quem
lhe pedia conselho. *Hermano, assi haueis de confiar en
Dios, como si no ouiera medios; y assi haueis de tratar de
los medios, como si no confiareis en Dios.* Não quer dizer
o Santo, que não cõfiemos em Deos, porq̃ sò nelle
hauemos de pôr todas as nossas cõfianças, mas quer
dizer, que sem embargo dellas, que trabalhemos,
& façamos tudo o que estiuern na nossa mão, porq̃
elle nos ajudará. O conhecimento da Omnipoten-
cia Diuina, não nos desfobriga da prouidencia hu-
mana, antes por ella obra (sendo causa principal &
primeira) como meio, & instrumento necessario, &
conueniente.

Em sua casa tinha o Santo Lot Anjos, que vi-
nhão assolar Reynos, & destruir Cidades, & quando
os nefandos intêtarão à força consũmar seu appeti-
te lasciuo (cuidauão que os Anjos erão mancebos)
fechou o Patriarcha a porta, & poslhe a tranca, pe-
ra nos insinar, que he obrigação de cada hum asse-
gurar-se por todas as partes, & cerrar-se ao dano que
se teme, ainda quando tenhamos Anjos em casa.
Pede a razão, & a prudencia, que confiemos mui-
to de Deos, mas tambem elle quer, que façamos
da nossa parte o que pudermos, & deuermos, regu-

lado pelas regras de prudencia, & da razão.

Haja por amor de Deos hũa boa Armada sempre prestes, viua, & permanente neste rio; porque as mercantis, são Armadas de vão, & vem. E cõ esta preuenção estaremos seguros, & nossos inimigos timidos, & medrosos. E não se pode duuidar, que o estejão, a vista da confissão, que seus Authores fazem do valor Portugues, como consta destes testemunhos seguintes dos Chronistas, & Doutores Castelhanos.

1. Testemunho do valor Portugues.

Esteuão de Garinay, no tomo 4. liuro 35. do Cõpendio de historia de Espanha, & dos Reys de Portugal, cap. 16. assi escreue. *Son los Portugueses valerosos, que siempre en los hechos de armas se señalaron, &c.*

2. Testemunho.

O Padre Frei Antonio de S. Romão, Castelhano, na historia gèral da India Oriental, que com grande cuidado compos, no liuro 1. cap. 16. diz assi. *Son los Portugueses hombres de valor, y gente gallarda, y bizarra, &c.*

3. Testemunho.

Sandoual, na 2 par. da historia do Emperador Carlos Quinto, liuro 22. §. 4. assi nos engrandece. *Quiso El Rey de Portugal, como Principe Catholico, y guerrero, ayudar en esta jornada al Emperador, y que se hallasse en*

ella

ella el Infante Don Luis su hermano de la Emperãtriz, con otros Cavalleros, y señores de Titulo, y valientes soldados, quales entre aquella belicosa gente, siempre se criaron, que como tales, hizieron en esta jornada, hechos de memoria, &c.

4. Testemunho.

O douto Padre Meltre Frei Ioão Sanches Sedemho, da Sagrada Ordem dos Pregadores, na Epistola dedicatoria da sua Logica Magna, ao Duque de Lerma, tratando dos seus parentes, que morrerão às mãos dos Portugueses, na insigne & memorauel Batalha de Aljubarota, em lingoa Latina, testefica assi. *Ferdinandus Verò Gutierrez de Sandoual, & frater Aluarus Gutierrez de Sandoual, contra Lusitanos viros fortissimos, pro Rege, & patria tuenda, sanguinem, cum vita effuderunt.* Em vulgar quer dizer. Fernando Guterres de Sandoual, & seu irmão Alvaro Guterres de Sandoual, morrerão às mãos dos Portugueses homens fortissimos, pella defensão do Rey & da patria, &c.

Louuão & engrandecem os Castelhanos o valor & esforço dos Portugueses, argumento he & indicio, que os temem, & que os confessão valerosos (não por amor: porque são inimigos tão declarados) mas por temor & medo, lembrados dos duros golpes de seus fortes braços. Publico & sabido era de todos a grande inimizade, & o cruel odio, com que
El Rey

ElRey Saul perseguia & buscaua a Dauid pera o matar. Entra hũa noite na sua tenda, achao dormindo & sem goarda, & podendolhe a seu saluo, tirar a vida, contentase com lhe tomar a lança, & hũ jarro de agoa, que tinha à cabeceira. Foise Dauid valeroso com estes despojos. Acorda Saul, sabe que estiuera debaixo do punhal de Dauid, & q̃ o podẽa acabar a punhaladas. Poemse a falar com Dauid, chora, louua grandemente, & dizlhe que ha de tẽr o imperio de Irael, & que era melhor homem que elle. *Iustior me es, certissimẽ scio, quod regnaturus sis.* Assim consta do primeiro liuro dos Reis, cap. 24.

Como louua & engrandece Saul inimigo, tanto a Dauid? Huns Doutores dizem, que procedeo este louuor de vergonha, de pejo, & de se correr Saul de perseguir a Dauid, que tantas vezes o podẽa matar. Outros dizem, que foi medo & temor. Conheceo, que esteue entregue nas mãos de Dauid, que o podera matar, & não quiz. Medroso & temeroso do perigo de que escapou, louua & engrandece o valor & esforço de Dauid. O louuor do inimigo (cõfessando o valor do contrario) he argumento & forte indicio, de medo & de temor, diz Vegetio, no liuro de Re Militari, cap. 3. *Laus inimici, indicium est timoris.* Confissão, apregoão, & publicão os Castelhanos o valor dos Portugueses, falão verdade, porque a confissão da parte inimiga he maior, que
todas

todas as prouas, conforme a Direito. Segue-se tam-
 bem, que por medo & por temor nos engrãdecem
 & louuão. Não tem logo os Portugueses que temer
 os Castelhanos, pois cõfessando seu valor, mostram
 temellos; & inimigo temeroso, logo he rendido &
 vencido.

C A P. XXXVIII.

*De hũa grãde difficuldade, que se oppoem
 ao intento de grandes, & fortes
 Armadas.*

N Aõ se pode duuidar, que a força mais preci-
 sa, & necessaria dos Reynos maritimos, são
 fortes & poderosas Armadas, assi pera a de-
 fensão de suas Costas, & Portos, como pera a legu-
 raça de suas frotas. Assim o praticarão sêpre os se-
 nhores Reys deste Reyno, & mais os senhores Reys
 Dom Manoel, Dom Ioão Terceiro, & Dom Seba-
 stião, com o que se fizeram muito ricos, & grande-
 mente poderosos, que estes são os effeitos das gran-
 des Armadas. Acrescentar riquezas, & engrande-
 cer o poder do Principe. Contudo se nos tempos
 passados era facil a pratica deste verdadeiro arbi-
 trio, pello muito ouro, & prata que hauia neste
 Reyno,

Reyno (que foi tanto, que affirma Manoel de Faria de Sousa, como já deixamos escrito, que era o ouro tanto como a prata, & esta tanta como o cobre) mas na presente Era, que he tanta a falta delle, como he possivel se fação & cõseruem grandes Armadas, porque as impossibilita a falta de dinheiro?

Outra grande difficuldade se offerece, contra o intento do Autor, que grandemente o difficulta, a qual he, a gente necessaria pera estas Armadas, & a razão he. Porque se no tempo do senhor Rey Dom João o Primeiro, se pouoarão as praças Africanas, com quarenta mil homens de guerra Portugueses, a fora os mareantes, comtudo o Reyno se foi attenuando, & deminuindo de gente, em tão grande maneira, que em tempo do senhor Rey Dom Sebastião, com grande trabalho se poderão tirar doze mil homens de peleja, a fora gastadores, & bagagem. As Conquistas de Portugal, são tão vastas & grandes, que nos leuão toda a gente, & particularmente a da India, donde de cem Portugueses, não tornaõ a este Reyno dez. Assim o mostra a experiencia, & o affirma Botero, no titulo de Portugal, folhas 15. Com estas Conquistas se despouou este Reyno, & deminiuio tanto de gente, que já Camoës, conhecendo esta falta, a lamenta em seus versos, dizendo.

*Deixas crear às portas o inimigo,
 Por ires buscar outro de tão longe;
 Com que se desponoe o Reyno antigo,
 Se enfraqueça, & se vá deitando a longe.*

Destes antecedentes se colhe & infere clamente, que não pode hauer Armadas grandes, nê imitar-se a potencia, que os senhores Reys desta Monarchia conseruaraõ sempre nos mares. Não pode hauer soldados sem dinheiro, nê sem dinheiro pode hauer Armadas; logo de balde se cansa o Autor em seus desuellos.

Responde se às duuidas propostas.

Côfessamos & reconhecemos, que os dous nêcessarios mais poderosos pera a guerra, & precisamente necessarios, são dinheiro, & gente; & isto em tão grande maneira, que dinheiro sem gête, obra pouco; & soldados sem pagas, pelejaõ menos. Por onde pera a conseruação da guerra, & do poder de hũ Imperio, o que só he necessario, he ouro, & gente. E pera respondermos às duuidas propostas, he necessario que se apure, se tem este Reyno dinheiro bastante, & gente.

Responde-se á falta do dinheiro.

Tres opinioes, & tres pareceres se achão nesta materia, & se exprimentaõ nesta difficuldade, conforme tres estados de gente, que nesta Republica se conhecem & consideraõ, que são estes, Politicos, Viuidouros, & Zelosos. Os Politicos, fazem seus computos & discursos, & affirmão, que ha dinheiro pera se fazer, & sustentar hũa poderosa Armada, que sustente o credito de Portugal, & impida a liberdade dos estrangeiros; que sêpre contra os Reynos desarmados, tiueraõ poder, & atrenimento.

Os Viuidouros, são gente muito honrada, & cortès, & neste particular se ajustaõ, & acomodão muito, com as occasioes em que achão; & como gente que tem por vida, temperar tudo ao gosto alheio, se lhes dizem que não ha dinheiro, affirmão que assi he, & tal vez com juramento. Se outros porfiaõ, que o ha, elles se fazem logo em sua volta, seguem o seu rumo, & affirmão, que ha cabedal pera tudo. He esta gente muito de Corte, & hoje muito valida no mundo, donde tantos males procedem em hum Reyno, & em hũa Monarchia. São estes, monstros grandes & abominaueis, homens de dous rostos, & de duas lingoas; & finalmete, inimigos declarados da verdade.

Os Zelosos dizem, que ha dinheiro bastante para grandes Armadas, porque se cobra com effeito, mas que se furta, & que por isso o cabedal se diminue & falta: & prouão o seu intento, com este discurso. Quantos ha, a cuja recamara, fazia guardaroupa hũa estreita mala, & hoje? Quãtas capas de baeta çafada, se conuerteraõ em linistes finos? E quãtos picotes rotos, se trocaraõ em veludos razos? E finalmente, quantas chimines arebentaõ cõ fumo, qdantes não fumegauão? Cõ este prudẽte juizo, prouão os Zelosos, seu intento. E estas acçoẽs referidas, se não são milagrosas, parecem do diabo, que milagre he seu, engrossar muito em pouco tempo.

Se os Zelosos falaõ verdade (& conforme o que vemos, parece que verdade dizem; porque muitos muitos homens se vem hoje, por quem se pode dizer o rifaõ Portugues. *Aliguel, Aliguel, não tens abelhas, & vendes mel?*) Não he materia de espanto, nẽ de admiração faltarem neste Reyno as Armadas; porque este he o leite com que ellas se criaõ. Não corre por nossa conta (senão pella do poder soberano) apurar estas faltas: mas o que podemos fazer, he receitar contra este grande mal algũs remedios. Seja o primeiro. Auerigue-se, com toda a verdade, com que cabedal entrou cada official, ou Ministro, em seu officio, & se nelle engrossou demasiadamente (o que facilmente mostra o trato de sua pessoa & casa)

casa) demilhe hũa boa sangria, que assi se fazia nos melhores tempos.

O segundo remedio, que nos parece se pode applicar a este mal, he fazerse algũa composiçã, com estes furtos, assim como os Egypcios vsauão antigamente, cõ os seus ladroës. Era ley daquelle Reyno, que nenhum homem pudesse ser ladraõ, sem licença da Iustiza, & assim se obseruaua. Hia-se o homem a casa do Iuiz, & pedialhe licença pera furtar; o Iuiz lha concedia, mas com obrigaçã, que haueria de furtar conforme as leis do Reyno. Estas eraõ, que tanto que furtasse algũa cousa, haueria de vir ali a juizo depositar o furto, diante do Iuiz, o qual mandaua fazer hum termo da quantidade delle, & do dia; & casa aonde se fizera; & dali se mandaua entregar ao dono as tres partes do q̃ lhe hauerião furtado, dandose ao ladrão a quarta, em pena, & castigo, de ò senhor do furto não guardar bem a sua casa; porque se pusera bom recado nas suas portas, nunca o ladrão as entrara, nem lhe leuara cousa algũa. Achauão aquelles Barbaros, que era esta lei justa pera castigar o descuido daquelle, que não guardaua a sua fazenda.

Assim o affirmo Diodoro Syculo, no liuro 2. cap. 2. *De rebus antiquis*. Abstrahindo da justiza desta lei, parece, que se puderão immitar os seus decretos, fazendo hum pacto & conceito com os nossos ladroës,

ladroões, obrigandoos a que se contentem com fur-
tar sò a quarta parte daquillo que podem hauer às
mãos. Mas elles não querem ser Quartanaries, se
não Conegos inteiros. Se se deraõ por contentes
com lhes ficar o quarto dos furtos, não ouuera tã-
ta falta de dinheiro, mas como leuaõ todo, he força
que tudo falte. Remedee o Principe estes males,
porque he precisa obrigação sua, & sò elle com seu
poderoso braço lhe pode applicar remedios effica-
zes.

Responde-se à falta da gente.

Não negamos, que nos tēpos antigos, tinha este
Reyno muita mais gente, como comprouaõ as grã-
des, & poderosas Armadas, cõ que cortar aõ os ma-
res os senhores Reys, Dom João o Primeiro, Dom
Duarte, Dom Manoel, & D. João Terceiro; & que
esta foi em grande falta & deminuição, com a Con-
quista da India, & descobrimento das mais. Porem
deneuse aduirtir, que entaõ eraõ as Armadas muito
grandes, pois ouue algũas, que se compunhaõ de
doze, treze, quatorze, quinze, atè dezaseis naos grã-
des. No tempo presente sãõ as Armadas muito pi-
quenass & limitadas, & não lêuaõ a decima parte da
gente, que as antigas leuauaõ. Acrescentase mais,
que se este Reyno se despouou nos tempos passa-
dos, com os Portuguezes, que foraõ pouoar nollas.

Con-

Conquistas, tornou a gente a multiplicarse de sorte, que creceo em grande numero. Donde se inferre, que não he a falta tanta, quanto se quer pintar. Faço-se boas pagas aos soldados, que as pedras se conuerteraõ em homens.

Sobre tudo se deue aduirtir, que no tempo que governou este Reyno a Princeza Margarita, Duquesa de Mantua, se mandou fazer hum computo da gente que haueria de peleja, & se achou, hauer, quasi seiscentas mil pessoas em todo Portugal, que podiaõ tomar armas, de idade dos vinte annos, até os sessenta. Não está logo esta Coroa, tão falta de gente, como se representa. E alem disto, se tem recolhido a este Reyno (depois da felice Aclamação de Sua Magestade assim de Castella, como de outras partes differentes) mais de quatro mil homens, como se sabe.

E se estas razões não conuencerem àquelles, cuja vontade, tudo pera o bem impossibilita, & quizerem que o Reyno esteja falto, imitem os dictames dos Romanos antigos, que com amigos, & confederados pouoauão suas terras despouoadas. Assim o affirmo Ioão Borero, no lugar acima referido, que o fizeraõ por muitas vezes. Assim o fez o valente & famoso Capitaõ Belizario, imperando Iustiniano, na occasião em que o Barbaro Rey Godo Totila, destruiu, & despouou a cidade de Roma, & grande

parte de Calabria, as quaes por falta de naturaes Romanos, pouou Belizario com os estrangeiros amigos, & aliados.

Deixamos outros exemplos, porque a mesma natureza comproua este arbitrio, & justifica o intento; & com elle damos por respondida a duui la proposta, contra a intenção de quem faz estas aduertencias, pera nossa conseruação & descanso; pouco appetecida daquelles, que nellas não imaginão, nem dellas tratão, pera persuadir ao Princípe os efeitos, que com ellas se intentão, que são nossa defensão, & segurança. Não consiste a fidelidade, na cobiça insaciavel de ajuntar muitas riquezas, senão no desuellar pella conseruação, & seguridade do Rey, & da Monarchia.

CAP. XXXIX.

De hũa grande questão necessaria pera aquelles, que militão nas Armadas, & continuão a naugação.

S Vposto que nos empenhamos tanto, em mostrar a grande necessidade que temos de grossas Armadas, como força de maior importancia pera os Reynos maritimos (cujá conseruação, &

augmento, sò cõ ella se sustenta & dilata; & sem ella se diminue, & perece) parece nos muito necessario tratar & disputar, ainda que breuemente, hũ caso, que a malicia do tempo faz muito contingente & ordinario, como he vermos, que os soldados na peleja, conhecendo que o aperto contrario he tão grãde, que se não pode euitar serem rendidos, & catiuos do inimigo, & tal vez mortos, & totalmente destruidos, com a perda da reputação do nome, & cõ o mesino nauio, q̃ ganhado por elles, lhes acrescenta as forças & o poder. Por euitar estes males, & estes danos tão graues, costumão por se fogo, queimando a nao propria, pera abrasar os contrarios, liurando a esperança da vida, lançand se ao mar, & fiando na piedade dos vencedores. Praticado este caso, & pera que os nossos soldados saibão o que podem fazer sem perigo de peccado, fazemos esta questão.

Se podem os soldados nas guerras nauaes queimar o nauio proprio, pera que com elle não fiquem catiuos dos inimigos?

E Sta graue questão tratão os D. D. modernos, como Lessio, de Iustitia, lib. 2. cap. 9. duuida 6. num. 34. aonde diz assi, traduzido em vulgar. *Podem se escusar de peccado os nossos soldados & seus compaheiros,*

nheiros, que muitas vezes, depois de pelearem valerosamente contra os hereges, vendo que delles vão ficando vencidos, & que com a sua nao hão de ficar entregues nas suas mãos, com parecer comum, põem o fogo á embarcação, & se lanção ao mar, pera saluarem as vidas, priuando com esta acção o inimigo de ficar rico & poderoso com os nossos bens, armas, & muniçoens. E com esta obra de valor, não querem, nem intentão a morte propria, senão impedir por este meio ao inimigo, que não fique com maior poder, procedido dos nossos despojos. Assim lente este grande Autor.

Segueo Maldero, na 22. tract. 3, cap. 1. Arouao Fagundes, nos preceitos do Decalogo, tom. 1. liuro 5. cap. 11. num. 14. mas limita a opinião com dous ca'os. O primeiro, quando a nao estiuer entrada pellos inimigos, contra quem os nossos não podem preualecer. O segundo, quando as naos contrarias são tantas em numero, que a nossa não pode lutar-se dellas.

Nestes accidentes podem os nossos pôr fogo à nao propria; porque os nossos Capitaes, nem directa, nem positivamente, intentão matarense a si, senão destruir os contrarios, o que he bem cõm, & authoridade do Principe. Assim reoluem estes D.D. affirmando, que podem os soldados pôr fogo à sua nao, antes de se lançarem á agoa, do que fazem muitos argumentos, que deixamos pera as Escolas.

Noussimamente trata esta questão o doctissimo

P. M.

P.M. Frei Luis Bertrando Loth, da sagrada Ordem dos Pregadores, nas suas Resoluções Theologicas, sobre os casos acontecidos em Flandes, impressas no anno de 1648. A sua resolução propoem nesta forma. *Não podem os soldados pôr fogo à sua nao, em quanto estiuere dentro della; mas dando tal traça, que primeiro se sayão della, em tal caso, podem licitamente pôr fogo á nao, pera que se queime & abraçe.* Assi resolve este graue Doutor, no tratado 5. da Milicia Belgica, & Flamenga, artigo 5. Affirma sentirem o mesmo Syluio, na 2. 2. de S. Thomas, questão 64. artigo 5. ad quartum. *Vuiguer de Iust. & Iure, Tract. 2. cap. 2. dubio 18. num. 106.*

Que os soldados não possaõ pôr fogo a sua nao, em quanto estão dentro della, proua com este fundamento. Directamente, & primariamente, ninguẽ se pode matar a si mesmo, como todos os D.D. affirmão, com o Doutor Angelico, na 2. 2. quest. 64. art. 4. porque he hũa acção intrinseca & effencialmente mã, & iniqua, & nenhum delinquente justamente cõdenado a morte, pode matarse a si proprio, & ser algos de si mesmo, por mais que o luiz o obrigue & force. Os soldados que queimão a sua nao, & lhe poem fogo, em quanto estão dentro della, directamente tomão a morte por suas mãos, & são causa proxima, & immediata della. Logo, não podem pôr fogo à nao, em quanto estiuere dentro.

E que

E que estes soldados directamente se matem, se proua; porque a acção de pôr o fogo, mais visinha & propinquamente (em quanto he em si, & de sua natureza & vehemencia terribel) primeiro offende & queima aquelles, que acendem o fogo, & poem o murrão na poluora, & em segundo lugar, abraça o inimigo. Assim que em primeiro lugar, se queima quem poem o fogo, & em segundo, & consecutiua-mente, se abraça o contrario. Logo os soldados, que estão dentro na nao propria, lhe poem o fogo, peccão; porque se matão & queimão.

Confirma-se mais este parecer. Quem ha que afirme, que se possa lançar em hum poço alto, aquelle, que vai fogindo de outro, que vai apos elle, pera o matar a punhaladas? Certo he, que se não pode dizer tal absurdo. Pois muito menos conuem, & muito menos pode ser no nosso caso, pôr fogo estando dentro na nao. A razão he. Porque mais certa he a morte naquelle, que poem fogo na poluora, q̃ no outro, que se lança no poço alto, que tal vez, pode escapar com vida.

A segunda parte desta opinião, que diz, poderem licitamente os soldados, tanto que se deitão ao mar, pôr fogo a sua nao; se proua com este discurso. Estes que así se lanção ao mar, directamente não se matão, mas so se expõem a perigo de morte, com esperança directa & primaria de vida, pegandose em

hũa taboa, nadando, ou fiado na compaixão do inimigo, esperando d'elle bom quartel. E a este perigo se poem, por amor do bem cômum, & pera priuar os contrarios da presa, com que ficaraõ mais poderosos. E conclusãõ he assentada entre os D. D. que (com justa razãõ & causa) licitamente pode hum q' homem expôr a propria vida a perigo de morte.

E este he o fundamento, que escusa, & liura de peccado aos soldados valerosos, que primeiro sobẽ às torres, aos muros, & entraõ as portas da praça inimiga; & aquelles que nos exercitos daõ principio à batalha, & à briga, em que ordinariamente, auenturandose muitos, poucos escapaõ com vida. O mesmo se ha de julgar do caso proposto & resolutõ.

Esta resoluçãõ do P.M. Frei Luis Bertrando, parece mais prouauei & segura, & com facilidade se pode conciliar com a de Lessio, Maldero, & Fagundes, dizendo, que estes D. D. se deuem entender no caso, que os soldados poem fogo a sua nao, estando dentro della, quando o podem fazer de tal sorte, & com tal ardil, que o fogo os não abra'e tambem, com os inimigos; senãõ que posto o fogo, immediatamente se lancem ao mar. Assim o fez ha poucos annos, hum valente Capitaõ Frances de São malô, vendose (depois de grande peleja) entrado de dous nauios de Turcos, dando certo final a hum bombardeiro, que pos o fogo ao proprio nauio, que logo se abrasou.

Com

Com esta combinaçaõ parece, que ficaõ concordes estas opinioẽs Mas o certo he, que naquelle temeroso conflicto naval, he tal a perturbaçaõ, & taõ grande a confusaõ (dizẽ os expertos) que em nada se repara, & q̃ mal se pode pòr o fogo â nao, depois dos soldados se lançarem ao mar, que seja efficaz & de importancia. E assi o que parece mais seguro, & de melhor effeito he, que se o fogo se pode fôr, sem que o autor delle se mate, que o ponha; porque he esta acçaõ a que mais faz luzir a obra pera destruiçaõ dos inimigos.

Parece tambem (valha o que valer) que se deue reparar na calidade dos inimigos, pera esta acçaõ ser mais justificada; porque sendo infieis & hereges, inimigos da Fè Catholica da Romana Igreja, fica o incendio sem scrupulo algum: mas sendo verdadeiros Christaõs do gremio de Christo, & tendolhe algũa certeza, que vem com tençaõ sò de cativar, & não de matar & destruir, neste caso, & com estas limitaçoẽs, não se deue condenar quem reparar no incendio. Compadece-se com a clemencia, a paixãõ no Catholico; o erro no infiel, contradiz a piedade, que eego com a falta de Religiaõ, reputa sacrificio agradavel, a effusaõ do sangue do verdadeiro Christaõ.

CAP. XXXX.

Propoemse algũas duuidas, contra a segunda opiniaõ, a que se responde.

Pera os curiosos, que desejão sempre saber, leua los da natural inclinaçaõ, que a natureza prouida em todos infunde, |com que querẽ & appetecem saber as causas & razõs das cousas, como o Principe da Philosophia insina, com esta vulgar Maxima. *Omnis homo, naturaliter scire desiderat.* Queremos, satisfazendo a este racional appetite, tocar algũas objecções, que parecem militar em fauor da opiniaõ de Lessio, Maldero, & Fagundes, contra o P.M. Bertrando, Syluio, & Vuiger. & da sua reposta, & soluçaõ, ficarà mais corroborada a segunda sentença.

Diz o primeiro argumento. Samsaõ, por matar seus inimigos, se matou a si tambem, derrubando as colunas da casa em que estauão, a qual loge cahio, & matou a todos os que achou, & ao mesmo Samsaõ, Assim consta da Sagrada Escripura, no liuro dos Iuizes, cap. 16. E Samsaõ foi santo, & neste acto, não peccou matandose a si proprio directamente, porque querendo derrubar a casa, estando preso & ce-

go, parece que tambem quiz morrer. E se este caso foi licito, logo tambem o deue ser, pòr hum soldado fogo a sua nao, aindaque esse fogo o haja de matar.

O P. Mestre Bannes, na 2. 2. questão 64. artigo 5. diz, que Samsão não peccou, porque a sua total tenção, foi matar os inimigos, & não a si proprio, & que esta tenção o saluou. Esta soluçãõ padece replica & instancia; porque aquelle, que poem fogo a sua nao, tambem quer matar os inimigos, & nunca se quer matar a si: logo, se Samsão intentando só a morte dos Gentios, & não a sua, não peccou; tambem não peccará o soldado, que poem fogo à nao propria, porque não intenta matarse a si, senão aos inimigos.

Por onde a melhor reposta deste argumento, he a de Santo Agustinho, no liuro 1. da Cidade de Deos, cap. 21. & de Santo Thomas, na 2. 2. questão 64. artigo 5. ao quarto argumento, & em outros lugares, os quais insinaõ, que Samsão, por particular moçãõ, & efficaz impulso interior do Spiritto Santo, se matou a si, por matar os inimigos. Assim como tambem o foi, na gloriosa Virgem & Martyr Santa Apollonia, lançãdose na fogueira, que a abraçou, como diz a Santa Igreja. Deos he o senhor de nossas vidas & da nossa morte, diz o Espírito Santo, no cap. 16. da Sapiencia. *Tu es Domine, qui Vita, & mortis habes potestatem*, & como tal, quando he servido, inspira

inspira interiormente, a hum que morra, com os inimigos, derrubando as colunas, como Samão; & a Santa Apollonia, que se lance no fogo, & a Santa Pellagia, que com mãy & irmãas se afoguem todas em hũ rio, por guardar a castidade, como o Padre Santo Ambrosio affirma, no 3. liuro, de Virginibus, tom. 5. Se o soldado tiver esta moção diaina, ponha o fogo ao nauio, queime-se, & abra-se, cõ os inimigos, que vai seguro, mas sem ella não; que obra arriscado.

O segundo argumento, com que estes D. D. pro- uazõ o seu parecer, he nesta forma. De muitos exemplos da sagrada Escritura consta, que Varoẽs insignes se mataraõ por suas proprias mãos, assi por honra de sua lei & patria, como por não ficarem catiuos dos Gẽios inimigos seus, que os perseguião, afrontauão, & matauão cruelmente. Parece logo conueniente, que ainda com risco da vida, podem os soldados queimar o seu nauio, no caso que fica declarado; porq̃ menos he arriscar a vida, que perdella com effeito. E quando morrão pondo o fogo, como seja por honra da patria, & da lei Catholica, & pera que o inimigo não fique mais poderoso cõ as nossas presas, parece, que fica a morte justificada & inculpauel. Mostremos os exemplos daquelles, q̃ se mataraõ por suas proprias mãos, pera maior corroboração deste syllogismo.

ElRey de Syria Anthioco Eupator, querendo tyrannizar o povo Hebreo, & foygeitallo a seu Imperio, contra razão & direito, sendo hum Gentio idolatra, formou hum tão poderoso exercito, que constaua de cem mil Infantes, vinte mil caualllos, & trinta & dous Elefantes armados, muito insinados & destros na guerra daquelles tempos, que erão a força de maior consideração, & que mais causauão terror naquellas batalhas. Com todo este formidauel poder, começou o Gentio a entrar por Palestina, destruindo, & assolando tudo, & chegou a citar apertadamente a cidade famosa de Bethsura em Judea, que estaua presidiada pello valeroso Iudas Machabeo.

Sahio este valente Capitaõ valerosamente a pelejar, de poder a poder com o inimigo. Hum esforçado Capitaõ seu, chamado Eleazaro, persuadido, que o Rey Gentio vinha sobre o maior Elefante de todos (que as bestas auultaõ muito) rompeo pallo esquadraõ Gentilico, & à força da espada, chegou ao Elefante, & metêdofelhe debaixo, entre as mãos o ferio tão fortemente, que o animal cahio logo morto, & colhendo ao animoso Eleazaro debaixo, com o grande peso o oppremio, & matou logo, ficando morto, mas vencedor.

O motiuo desta façanha, o estymulo de tão euidente perigo, foi persuadirse Eleazaro, que matando o

do o Rey, liuraua o seu pouo de hum cruel Tyrano. E em segundo lugar, por ganhar fama cõ a posteridade, diz a sagrada Escritura, no liuro 1. dos Machabeos, cap. 6. por estas palauras. *Dedit se (& fala de Eleazaro) ut liberaret populum suum, & acquireret sibi nomen aeternum.* sup si sup, obblol o sup (ilmit

O segũdo exemplar nos offerece o diuino Texto, no 2. liuro dos Machabeos, cap. 14. do venerando, & insigne velho Razias, hum dos mais graues & authorizados Cidadoẽs de Ierusalẽ, & por sua grande virtude, & zelo do bem publico, chamado, Pay dos Iudeos. A este mandou o Gentio Nicanor, General del Rey Antiocho, prender a sua casa, por quinhẽtos soldados, persuadido pelloos mesmos Iudeos, que cõ a sua prisãõ, todos os mais, se renderiaõ a Antiocho.

Cercaraõ a casa, ar rombaraõ as portas, intentãdo queimala. E vendo o valeroso velho, que estaua quasi entregue aos inimigos, deuse a si proprio de punhaladas, querendo antes morrer como honrado, que soffrer a vileza de catiuo. E vendo, que ainda a vida se dilatava, por as feridas naõ serẽ muito penetrantes, lançouse do alto muro de sua casa, sobre os mesmos inimigos, & cahindo no chaõ, quebrou pello espinhaço, & leuantandose, já quassi espirando, fez animosamente tiro aos inimigos, cõ as proprias entranhas, que lhe sahiaõ pellas feridas; & in-

nocando a Deos, que o resuscitasse, morreo, & acatou a vida.

Assi o lemos na sagrada Escriitura; & como esta, não condena, nem reprehende estes tão singulares & illustres actos de valor, parece (argumentando à simili) que o soldado, que se queima pondo o fogo ao navio proprio, por honra da patria, por não ser cativo, & por tirar aos inimigos a utilidade & lucro dos nossos despojos, q̃ não cõmeterá peccado mortal, nem atriscará a salvação; antes fará hũa illustre & licita proesa, digna de eterna memoria.

C A P. XXXXI.

Respondese aos Argumentos propostos.

AO primeiro exemplo referido de Eleazaro, respondem alguns D. D. que peccou, pondo-se a perigo euidente de perder a vida, como perdeo. Com tudo, o P. Santo Ambrosio, no liuro de Officijs, cap. 40. o liura de peccado, dizendo, q̃ procedeo bem; porq̃ se pos a tão apertado risco,, estymulado do zello da honra de Deos, & de sua lei & por liurar o seu pouo de hũa tão cruel tyranno; & que hia com esperança de poder escapar & fugir; com o que, ainda que morreo no perigo, directa-

mente

mente não quis a morte, nem a intentou, antes mais se animou, com a esperança da vida, persuadido, q com facilidade se liuraria de ficar opprimido debaixo do Elefante.

Estas circumstancias, & estes accidentes, que desculpaõ, não pode hauer naquelle, que estando dentro na nao, poem fogo nella; porque como o instrumêto terrível da poluora, he tão instantaneo, veloz, furioso, & repentino, he impossivel (moralmente falando) que ponha hum soldado nella o fogo, & que escape com vida, pois em hum instante arruina grandes torres, como se exprimenta nas minas; quanto mais hum nauio, recosido em breu, materia tão apta pera o fogo, que com estranha velocidade, mais o reforça & acende. Não he logo conueniente, queimar o proprio nauio, na forma que fica explicado. Porem se ouuer tal ardil, & engenho, cõ que, sem perigar a vida, se possa pòr fogo á nao, hauendo lugar pera saltar no mar, então será a acção licita, com as mais circumstancias requisitas.

Ao segundo exemplo, do valeroso Razias, respondem alguns Doutores, que foi licito. Com tudo o Padre Santo Agostinho, na Epistola 61. & o Doutor Angelico, na 2. 2. questão 64. Artigo 5. na reposta do quinto argumento, o reprehendem & condenaõ. Assi diz o Padre Santo Agostinho.

Quamais ille homo fuerit laudatus, factum tamen eius, vidimus narratum, non laudatum, & iudicandum potius, quam imitandum. Quer dizer. Ainda que Razias no exterior foi louuado, com tudo o seu feito, & a sua façanha, se a sagrada Escritura a conta & relata, não na louua, nem approua. Foi esta obra mais pera ser julgada, com temor & duuida, que pera ser imitada com segurança & certeza. E dis mais o Santo, que Razias foi mais impaciente, pera soffrer hũa vil seruidão; que eleitor de hũa morte valerosa.

O Doutor Angelico, no lugar referido, affisente deste feito de Razias traduzido em vulgar: & he doutrina muito pera saber. *Consiste a fortaleza, & o esforço, em que hum homem por amor do bem da virtude, não recuze a morte por temor della, & por evitar peccado, quando outro lha quer dar. Mas quando alguem se mata por suas proprias mãos, por se livrar dos males que padece; posto que esta acção, tenha hũa apparente specie de fortaleza (e por este motivo se matarão muitos, persuadidos, que fazião hum acto de valor, licito, & virtuoso, entre os quaes se conta Razias) com tudo, não foi a obra de verdadeira fortaleza. se não hũa fraqueza de animo, que não pôde soffrer os males, que padece. Affi o fente tambem o Principe da Philosophia no 3. liuro das Ethicas.*

Conforme esta doutrina verdadeira, pois he das maiores duas luzes da Igreja Catholica, não foi

acto licito o de Razias referido, & por tal, se não pode seguir, nem immitar, & consequentemente, não pode ser exemplo, pera que o soldado, que poem fogo ao proprio nauio, estando dentro nelle, com euidente perigo de se matar, possa licitamente queimallo, se não da maneira que deixamos explicado, & referido. Com tudo, não negamos, que alguns Doutores, que approuão o caso de Razias, dizem, que o fez por especial impulso, & moção interior do Spirito Santo. Mas muitos o contrario sentem, & particularmente, Lyraño, como refere o Padre Mestre doutíssimo Bertrando, no tract. 5. art. 1. E assim concluimos, que se o soldado, não pode queimar a sua nao, sem morrer também, que o não pode fazer de nenhũa sorte licitamente.

CAP. XXXII.

*Das mais finas & fortes armas, com que
os soldados sempre saem
vencedores.*

P Eraque as nossas Armadas, & nossas espadas
sejão vencedoras, & gloriosas, deuemse ajudar
muito os soldados de duas condiçoẽs, & dous
requisitos importantissimos, sem os quaes se perdẽ,
regularmente, grandes exercitos. Saõ estes. Traze-
rem as almas limpas & puras de peccados, median-
te a frequente confissão Sacramental, & sagrada
Comunhaõ. A outra, he grande obediencia aos
Majores, & officiaes da guerra, a quem se deue tan-
ta, que diz Plutarcho, que mais ha hum soldado de
temer o seu Capitaõ, que os inimigos. *Miles metuat
Ducem magis, quam hostem.* Falta he esta antiga, & cõ-
tinua nos Portuguezes, que todo o mundo conde-
na & reproua.

As armas dos Sacramentos da Igreja, saõ muito
necessarias & importantes, & fazem os soldados in-
nenciueis, como comproua este exemplo. Eneas
Syluio (que depois foi Summo Pontifice, Pio II.)
escreue no liuro 3. c. 50. hũa historia digna de eter-

na memoria, & de hum animo taõ catholico, como foi o del Rey Henrique Quinto de Inglaterra. Pellos annos da Redempção de 1415, estava este Principe cercado em hũa Cidade, cõ grandissimo aperto, por El Rey de França, & offerecendo a este, em partido (que o deixasse ir linremête pera Inglaterra) que logo lhe largaria tudo o que lhe tinha ganhado em França, nunca o Frances quis vir em concerto algum, senaõ que o hauria de destruir, & prender, & passar todos os Ingreses pellos fios da espada. Desenganado Henrique, de achar conueniencia humana pera sua liberdade, recorreo ao remedio diuino, que he o seguro porto nestas tormentas. Vinda a noite chamou o Ingres a conselho todos os Capitaes, Mestres de Campo, & mais officiaes da guerra, & lhes falou desta maneira.

Soldados, bem vedes o grande aperto em que todos estamos, pois não podemos retirarnos, nem darnos a partido, & por outra parte, tambem tendes presente, que só as nossas armas nos podem defender de tantos inimigos, com tudo, tende bom animo, porque temos por nos justa causa, & Deos, que he luz recto, melhor a conhece. Por isso estai certos, que nos ha de fauorecer & ajudar: por tanto, confessemonos todos, huns com os outros, pois não temos Sacerdotes (vsauase naquelles tempos este modo de confessar, que não era Sacramento,

mas

mas humã remota disposição, pera aquelle, que se confessaua ter vergonha, & erubescencia de dizer a outro homem (suas culpas) & a manhã, pois que não temos formas, nem quem as cõfagre, iremos às Igrejas, & com grande dôr, fõgeição, & humildade, em veneração da sagrada Comunhão, comungaremos hũa pequena de certa, em memória do desejo q remos de receber o Santissimo Sacramento do Altar (bra naquelle tẽpo o Reyno de Inglaterra muito Catholico) & com esta demonstração de penitencia, & deuação, espero na Diuina Misericordia, que haremos de alcançar victoria famosa de nossos inimigos.

Executarão os soldados pontualmente os referido, deuantandose pera isso de madrugada, & tanto que foi claro dia, armados interiormente, com estas deuoras armas, sahirão aos Franceses, que erão sessenta mil, & todos os destruirão, & derrotarão, não sendo mais que oito mil Ingreses, cousa que assombra & espanta. Refere este successo o Padre Alonso Ribeira, nos Annaes do Santissimo Sacramẽto, tratado 14. §. 9. fol. 180 col. 2. Se hũas tão remotas representações, & sombras grossas destes Mysterios, forão tão poderosas nas batalhas, quanto mais o sera a verdade, & a realidade, fazendo os soldados hũa pura confissão Sacramental, & comungando aquella diuina Hostia Sacrosanta, que entre os effei-

tos infinitos, que causa, hum delles, he dar vitoria
 dos inimigos. Assim o canta a Igreja Santa, romani-
 doo da boca do Doutor Angelico, nos Hymnos de-
 ste mais Alto, & Soberano mysterio, como se vê ne-
 stas Angelicas palauras, no officio desta festa, Opus-
 culo 57.

O Salutaris Hostia!

Quæ Cæli pandis ostium:

Bella premunt hostilia;

Da robur, fer auxilium.

Quer dizer. O Hostia saudavel & salutifera,
 que nos abris a porta do Ceo, & quebrantais as
 forças & armas inimigas; infundi em nossos cora-
 ções valor contra ellas; sendo vossa nossa mais for-
 te & podefosa ajuda. Armense os nossos soldados
 com estas diuinas Armas, & teremos seguras as
 mais grandiosas vitorias. Eja que talamos neste
 particular, he muito pera sentir hũa diabolica pra-
 ctica, que corre entra a gente de guerra, dizendo,
 que he bom não confessar, nem Comungar, quan-
 do se entra nas batalhas; porque os primeiros, que
 morrem, são os que vão confessados, & Comunga-
 dos.

Doutrina he esta infernal, & dictame infiel, & perverso. E taõ mao he morrer estando bem com Deos: E em caso que fora assim, o que não he (q não ha vencer sem sangue) ao Ceo vai o soldado que morre em graça cõ Deos; & o que morre em peccado, digaõ estes cegos aonde vai? Miseravel he por certo a morte eterna destes, & venturosa & ditosa a dos que morrem bem com Deos, mediante a sagrada comunhaõ, & confissãõ Sacramental.

Mais nos poderamos dilatar nos particulares, q neste liuro tocamos; mas porque não faltará melhor pena, que com mais erudição os possa escrever, nos contentamos com estes breues bosquejos, do q tanto nõs importa, que he a conseruação & defensão da nossa liberdade. Procure o Principe, com todas as veras, a obleruancia da lei de Deos; a igualdade da justiça; que ninguem retenha injustamente o alheio; que se restitua; que se pague o que se deue; que a ninguem se faça violencia; que se castiguem as culpas; que se não dissimulem peccados escandalosos & publicos; como hoje ha: que se respeitem as cousas sagradas, & venerẽos Ministros de Deos. Com este religioso culto se conseruaõ, & dilataõ as Monarchias, & Imperios: & se vio em muitos Principes, & mais em particular, no Emperador Theodosio o mais moço, que foi notauel o affecto, & o respeito, que tinha às cousas da Religiaõ, como referem

referem tantos Autores, & com elles Narbona, na Politica, num. 12. & 13. E neste Reyno ha larga experiencia, que os senhores Reys, que nesta materia se empregaraõ mais, foraõ maistemidos, mais ricos, mais vencedores, & possantes; porque todas as felicidades buscaõ aquelles, que tem a Deos cõfigo.

Haja nos Governadores das Armas saber, & valor contra os inimigos, brandura & cortesia com os soldados, & nas occasiões prudencia, & conselho de homens experimentados, como Agefilao Rey dizia, & o refere Eborense, nos exemplos. Acuda-se aos q militaõ, pontualmente com suas pagas; conferuese o amor dos Pouos, que he o que mais importa, seja o peso, & carga (quando o tempo, & a razã o pedirem) medido com suas posses, & forças. E sobre tudo, obseruese a lei Diuina, que cõ estas cõdições, seraõ os nossos exercitos sãtos, & andarã Deos nelles, como diz o Spirito Sãto, aos 23. capitulos do Deuteronomio, que em Portugues referimos no §. seguinte.

O senhor Vosso Deos, anda no meio dos vossos Arrayaes, & exercitos, sò a fim de vos defender, & livrar, & emrengar vossos inimigos nas vossas mãos. Por tanto, sejam os vossos esquadros sãtos, & não haja nelles a fealdade do peccado; porque sabeis, que se fizerdes o contrario, logo vos ha de desemparrar & deixar. Ate aqui são palauias da sagrada

grada Eſcritura. Que victorias não alcançará hum arrayal, em que Deos anda, & governa? E que deſaventuras não padecerá aquelle, de quem Deos fogiu?

Sejaõ, sejaõ, os inimigos muitos, que iſſo pouco importa: porque o forte braço Diuino os enfraquece, & apouca. Sempre os Castelhanos foraõ muitos, & os Portugueſes poucos: mas com eſta differença, que elles nos excedem no numero, & multidaõ, & nos os excedemos a elles, no animo, & no valor, como elles confeſſaõ. Não temamos ſuas forças, que temos por nos a Deos, que he o que dà as victorias, & não sò o braço humano, como nos certefica o Spirito Santo, no primeiro liuro dos Machabeos, cap. 3. por eſtas palauras. *Non in multitudine exercitus victoria belli, ſed de Cælo fortiundo eſt.*

Com eſtas aduertencias, & as mais que deixamos eſcritas neste liuro, ſe pode, cõ menos custo, rechaçar o inimigo, & frustrar ſeus intentos; porque faltando os meios neceſſarios, nunca os fins ſe podem conſeguir. E como os noſſos, ſaõ ordenados à cõſeruação, & deſenſaõ da propria liberdade, ficaõ bons, rectos & juſtificados; & por taes, dignos & capazes de Deos os fauorecer. E com ſeu auxilio Diuino, & particular protecção, não ha que temer exercitos inimigos, como affirma & certefica o Real Propheeta, no Pſal. 36. *Si conſiſtans aduerſum me caſtra, non timebit cor meum,*

CAP. XXXXIII.

Da conclusão deste liuro.

Aindaque, aos que sabem & professaõ sciencia, parecerã este Capitulo pouco necessário (porque nas premissas, & antecedentes se vem & conhecem as illações, & consequencias) cõ tudo, como a matéria deste liuro toca a todos, pede a razão, & a conueniencia, que della façamos prato a todos, & que todos gostem della, temperando o estylo de tal modo, que toda a forte de gente, possa julgar, & conhecer sua sustancia, & vtilidade, pella summa & resumo deste Capitulo vltimo. E conseguido, & alcançado este fim, não ficará pouco abonada esta nossa applicação, & trabalho, como lá diz o Poeta.

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.
 O objecto motiuo, & terminatiuo, & o fim total, & principal destes nossos escritos, he puramente nossa conseruação, & augmento, estimulando, & excitando a prudencia humana, & nossa prouidencia, pera que se não falte na eleição dos meios (que correm por nossa conta) pera conseruarmos, & sustentarmos tantos effectos, & obras diuinis, quantas se tem visto, & experimētado, com a noua Resurrei-
 ção

ção deste Imperio Portugues, que Deos por sua infinita clemencia resuscitou depois de morto, & enterrado em Castella, por sessenta annos. E posto que o cuidado, & applicação de ir alentando, & animando este novo & fraco resurgido, em primeiro lugar toca a Sua Magestade (que Deos guarde) & a seus Ministros; com tudo, não se pode negar, que a todos, & a cada hũ dos particulares Portugueses pertencem os mais efficazes, & feruorosos desejos da conservação desta noua Monarchia. Estes prudentes brios, & estes justificados intentos, são effectos naturaes, & necessarios do grãde amor, que os filhos deuem à patria, em que nascerão. Assim o affirma, & certefica o Poeta, no liuro 1. de Ponto, dizendo.

Rurſus amor Patria, ratione valentior omni.

A todos os naturaes communica a natureza hũ grandissimo amor, & affecto (mais forte & poderoso, que toda a razão & respeito) pera se empregar efficacissimamente no bem, & nas melhoras da terra em que nascerão. Sendo pois, este amor natural em todos, a todos toca, pertence, & incumbe procurar (do modo possivel) a conservação, & augmento da sua patria, & não cessar nunca em aduertir a quem gouerna, todos os particulares, & inculcar todos os remedios, pera seu bem, & melhora. Este conselho, ou pera melhor dizer, esta obrigação precisa nos lembra, & encarece o Padre Santo Agostinho,

na Epistola 202. *Bonis, nullus est finis consulendi Patrie.*
 Quer dizer. Os bons Cidadoes, & os verdadeiros
 naturaes, não deuem nunca parar, nem descansar,
 em dar todos os conselhos, & em manifestar todos
 os arbitrios, que se ordenaõ ao bem, & conseruação
 de sua patria, & de sua terra.

O Príncipe dos Oradores, nas Tusculanas, lib. 5.
 diz, que o bom Cidado, não sò na vida, mas pera
 depois da morte, hã de tratar de inculcar, acõselhar,
 & aduirtir a quem gouerna, todas aquellas cousas,
 q̃ são proueitosas, conforme a boa razão, & viues a
 sua Republica. He a **Patria** mãy vniuersal, & cõmua
 de todos, diz o mesmo Cicero, na oração de Cata-
 lina. *Patria communis omnium parens.* Bem se infere
 logo destes antecedentes, que se a patria he mãy de
 todos: que semos todos verdadeiros filhos, & por
 taes, obrigados a procurar, & solicitar, com todas as
 forças, o bem, & conseruação desta mãy. Não fa-
 zer caso della, não na ajudar, não na aduirtir; mas
 desprezalla, fazendo della pouco caso, não na aju-
 dando no tempo do aperto, & da necessidade, he ar-
 gumento euidente & infalliucl, de o filho ser homẽ
 nescio, & ignorante. Assi o publica o Spirito Santo,
 no cap. 15. dos Prouerbios. *Stultus homo, dispiciit ma-
 iorem suam.*

Por não encorremos em tal censura, & por fu-
 girmos deste labeo, & euitarmos esta nota, ordena-

mos este liuro, & compuzemos esta copiosa obra, pera acudir a esta patria nossa Mãy, & impedi-lhe, com aduertencias & auisos, os males, que lhe podẽ acontecer; inculcandolhe os remedios mais effica- zes, & importantes. Assim o manda o amor de filho, & natural, & de verdadeiro Portugues. Este amor, & esta natural afeiçãõ, nos obriga a sair de nossa esphera, & exceder os limites de nossa profissãõ. Este priuilegio, esta licença, & esta liberdade, nunca pode ser culpa; porque o verdadeiro amor, he muito priuilegiado, & isento, & pode obrar todas as acçoẽs, que com elle se cõpadecem, & permittem; por todos os modos, que dictar a ordenada afeiçãõ, em ordem ao bem desta patria, & desta Mãy. E por isso diz lá o Poeta, que pera o amor, não ha leis, nem modos; porque todos os decentes, se lhe concedem, & sogeitaõ, como diz o elegante Pro- percio, no liuro 2. das Elegias.

Verus amor, nullum nouit habere modum.

Obrigados do amor de filho, ordenamos esta Memoria, diuidida por tantos Capitulos, todos ordenados, & dirigidos ao bem desta Mãy, & desta Monarchia Portuguesa, qual he sua conseruação, sua estabilidade, sua firmeza, & sua segurança. Esta he a causa total & principal, este o ultimo fim, que nos excitou & moueo. Importa muito, que todos ajudemos, & cooperemos na producção & forma-
ção

ção deste composto politico, & deste effeito natural, que he a nossa conseruação, como tantas vezes deixamos repetido. Mas porem, ha se de aduirtir, que he necessario, pera se produzir, & formar este grande bem, concorrerem pera a execução, & formação d'elle, quatro causas politicas & moraes, exēpladas & immitadoras das naturaes, q̃ vnidas causão, & produzem os naturaes cōpostos, & effeitos.

E pera que melhor se comprehenda, & conheça esta nossa conclusão, certa & verdadeira; he pera saber, que quatro causas concorrem, pera a efficiencia & causalidade de qualquer effeito natural. São estas. A efficiente, que moue & faz obrar. A formal, que como Idea & exemplo, ordena & regula o que se ha de fazer. A material, que ministra a materia, pera a noua producção: & a final (primeira na intenção, & vltima na execução) mouendo & excitando o agente pera que obre. Esta Philosophia, he natural, & verdadeira, acreditada por S. Thomas, Doutor Angelico, no Opu'culo 31. & na 2. 2. questão 2. artigo 3. & em outros muitos lugares. Aristotiles, no Texto 68. O Beato Padre, Frei Alberto Magno neste lugar, tratado 2. cap. 7. O Padre Mestre Soto, no 2. liuro da Philosophia, quest. 3.

Facilitemos, & declaremos esta doutrina, com dous exemplos, hum natural & phisico, & outro politico, moral, & artificial. Quer o fogo gerar outro

fogo em hum madeiro, que está na chimine, quatro causas concorrem pera este effeito, que são. A efficiente, que he o fogo generante. A formal, que he o seu calor. A material, que ministra a materia & o madeiro. E a final, que he o fim, pera que o fogo se accende. O artificial exemplo pede o mesmo concurso de causas pera sua formação, como se verifica no imaginario, que quer obrar hũa imagem de nossa Senhora, ou de Santo Antonio. O Imaginario, he a causa efficiente & operante. A idea & exemplar, que tem na cabeça, da sua arte, he a causa formal, por cujas regras, & formas trabalha a figura. A materia, & o pao de que se faz a imagem, ministra a causa material. A final, que moveo o agente & operante a obrar, he o seu lucro, & utilidade, ou a deuação, & culto do Santo, quando não interuem outro respeito temporal.

O governo politico, & moral de hum Reyno, & de hũa Republica, pera se acertar, & ser, o que conuem, & deue ser; ha se de ajustar & compor, cõ os exemplares da natureza. E tanto tem as acções moraes, & politicas de boas, acertadas, & prudentes: quanto mais imitaõ, & seguem o modo de proceder das causas naturaes. E por isso, se disse aquelle vulgar, & verdadeiro proloquio, que a Arte imita a natureza. *Ars imitatur naturam*. Comprais hum cavallo por quarenta, ou sessenta mil reis, copia este

hum famoso pintor, com grande propriedade, & perfeição, em hum quadro, & sobe tanto no preço, & estimação, que dais por elle quatrocentos, ou quinhentos cruzados. A razão deste valor he, porque o pintado immita grandemête o verdadeiro, & natural. Leuanta a natureza a valia, à Arte. Assi nas demais cousas, obras, acções, & operações liures, politicas, & moraes.

A causa final, & o fim, & motiuo deste liuro, he a nossa conseruação, firmeza, estabilidade, & segurança. Pera conseguirmos este fim, & este total intento, he necessario, que nossas acções imitem, & se regulem pellas da natureza. E assi como esta, pera produzir algum effeito, & formar algum composto, necessita da influêcia, & causalidade das quatro causas, que deixamos declaradas: assi nós, & aquelles, que governaõ principalmente, haõ de seguir, & immitar esta ordem natural, pera que as liures, moraes, & politicas, consigão o fim a que se ordenaõ. Incitanos, & mouenos a causa final, & total, que he a nossa conseruação, & liberdade: pera esta se alcançar & conseguir, he precisamente necessario, que concorraõ com ella as outras tres causas, que saõ, a Efficiente, Formal, & Material. A Efficiente, ha de ser o poder, as forças, & o valor. A formal, ha de ser a boa ordem, & conueniente disposição desse poder, com saber, & experiencia

pera o ordenar, conforme as regras da arte, & da Milicia. A material, ha de ser, armas, munições, & fortificações na terra, & nas fronteiras, armadas, & mais armadas, no mar.

Com estas causas assi subordinadas, & vnidas, infalliuclmente, se conseguirá, & lográ a final, que he a nossa conseruação, & estabilidade. E qualquer dellas, que falte; não nos conseruaremos, nem poderá esta liberdade durar, & permanecer. Assi, porque não pode hauer effeitos sem causas, que os produzaõ, como tambem: porque Deos nosso Senhor, que com seu poder infinito, pode produzi-llos, sem ellas milagrosamente; com tudo, nem sempre faz estes milagres, nem a malicia do tempo os merece. Se queremos permanecer, conseruarnos, & subsistir, & que esta noua Monarchia cresça, dure, & permaneça, applicemos estas quatro causas referidas.

Que importa, que tenhamos poder, & forcas, se faltar, quem com saber as disponha, ordene, & governe? Que monta, que haja quem governe, & disponha as cousas, se faltar a causa material, que ministre, armas, forcas, fortificações, & armadas? Que val hauer artilharia nas torres, & nas praças, se faltar a poluora, & os pelouros? De que utilidade poderá ser muitos reductos, & baluartes, se lhes faltarem as bombardas necessarias? Assi em tudo o mais dis-

correndo,

correndo: Concorraõ estas quatro causas explica-
das, & veremos em execuçaõ & effeito, a causa final
de nossa conseruaçaõ, segurança, & estabilidade,
que na intençaõ he a principal & primeira, que nos
moue, incita, & obriga a buscar, & applicar todos
os meios necessarios, pera effectuar, & conseguir os
fins, que intentamos, & queremos. Os meios que de
presente nos faltaõ, & os que sãõ mais precisos, &
importantes, sãõ as grandes forças maritimas, de
que nos vemos, & achamos, tão necessitados, & fal-
tos. A este fim, ordenamos este liuro, vestido com
tantos Capitulos, cheos de aduertencias, & docu-
mentos, pera o que tanto nos importa. O que nel-
les se achar menos composto, & ordenado; he do
Autor. E o que apparecer mais decente, acertado,
& luzido, he de Deos; fonte manancial de
toda a luz, causa principal, & primeira
de nosso bem. *Cui laus, & gloria,
per sacula. Amen.*

F I N I S,

INDEX DOS CAPITVLOS

deste Liuro.

CAPITVLO I.

Do Argumento deste Tratado. Fol. 1.

C A P. I I.

Da ordem, & disposição das armas Castelhanas. fol. 7.

C A P. I I I.

Da preuenção dos Portugueses, & disposição de suas Armas. fol. 13.

C A P. I I I I.

Da fortificação maritima dos Portugueses, rendida pella cobiza, mal mais perjudicial; & da necessidade de Conselheiros scientes, & Capitaães de experiencia. fol. 19.

C A P. V.

Dilata-se a materia precedente, & refere-se hum caso Politico, & discreto. fol. 24.

C A P. V I.

Continua o discurso precedente, & pondera-se hum accidente muito particular. fol. 29.

C A P. V I I.

Mostrase o valor Portugues, com illustres victorias dos Castelhanos. fol. 34.

C A P.

Index dos Capitulos

C A P. VIII.

De hum grande feito de valor, obrado por poucos Portuguezes, contra muitos Castelhanos. fol. 39.

C A P. IX.

Descreuemse as calidades, & condiçoẽs de hum valeroso, & perfeito Capitaõ, por occasiã do feito referido. fol. 48.

C A P. X.

De como se deue aprender a arte Militar, pera se conseguir com perfeiçã. fol. 53.

C A P. XI.

Mostrãse os arbirios Militares do inimigo, na inuasã de ste Reyno. & como facilmente se podem frustrar, com o reparo de algumas praças. fol. 58.

C A P. XII.

De alguns Arbirios Militares, propostos ao Autor, sobre a fortificação da Lisboa. fol. 63.

C A P. XIII.

Em que se respõde, & satisfaz aos Arbirios propostos. 66.

C A P. XIV.

Concinua-se a resposta do primeiro Arbirio, & comproua-se com exemplos. fol. 70.

C A P. XV.

Multiplicãse nouas razõs sobre o assumpto, & responde-se a hum nouo artil. fol. 73.

C A P. XVI.

Responde-se ao segundo Arbirio. fol. 79.

deste Liuro.

C A P. XXXIII.
*Comprouse como o Principe inclinado a grandes Armadas,
sempre foi liberal, com seus Vassallos.* fol. 177.

C A P. XXXIV.
*Do grandioso Artificio do mais forte, & poderoso Galeão,
São João, que tanto acreditou este Reyno.* fol. 181.

C A P. XXXV.
*Da tradição, & memoria, que os Antigos nos deixarão de-
este Galeão.* fol. 187.

C A P. XXXVI.
*Continuase o mesmo assumpto, & multiplicãse mais exem-
plos, sobre a necessidade de Armadas.* fol. 194.

C A P. XXXVII.
*De outros nobres exemplos, que obrarão as nobres Arma-
das, effeitos do esforço Portuguez, engrandecido, até pel-
los inimigos Castelhanos: estymulo grande, pera excitar
nosso prudente cuidado, a que não faltará o sanor Divi-
uno.* fol. 201.

C A P. XXXVIII.
*De hũa grande difficuldade, que se oppoem ao intento de
grandes, & fortes Armadas.* fol. 208.

C A P. XXXIX.
*De hũa grande questão necessaria pera aquelles, que militão
nas Armadas, & continuão a navegação.* fol. 216.

C A P. XXXX.
*Propoemse algumas duvidas, contra a segunda opinião, a que se
responde.* fol. 223.

C A P.

Index dos Capitulos deste Liuro.

C A P. XXXX.I

Responde-se aos Argumentos propostos.

fol. 228.

C A P. XXXXII.

*Das mais finas, & fortes Armas, com que o soldados
sempre saem vencedores.*

fol. 232.

C A P XXXXIII.

Da conclusão deste Liuro,

fol. 239.

F I N I S.



